



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**

**LORENA FONSECA MARCELLO**

**A ÉPOCA EM QUE MEU TIO MORREU: A RELAÇÃO ENTRE A MEDIAÇÃO DE  
SOCIALIDADE E A MEMÓRIA**

**FORTALEZA**

**2024**

LORENA FONSECA MARCELLO

A ÉPOCA EM QUE MEU TIO MORREU: A RELAÇÃO ENTRE A MEDIAÇÃO DE  
SOCIALIDADE E A MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre. Área de concentração: Mídias e práticas socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M263é    Marcello, Lorena Fonseca.  
          A época em que meu tio morreu : a relação entre a mediação de socialidade e a memória / Lorena Fonseca  
          Marcello. – 2024.  
          132 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-  
          Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2024.  
          Orientação: Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho.
1. Cotidiano. 2. Memória. 3. Matrizes culturais. 4. Competências de recepção. 5. Edifício Andrea. I. Título.  
          CDD 302.23
-

LORENA FONSECA MARCELLO

A ÉPOCA EM QUE MEU TIO MORREU: A RELAÇÃO ENTRE A MEDIAÇÃO DE  
SOCIALIDADE E A MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre. Área de concentração: Mídias e práticas socioculturais.

Aprovada em \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Juliana Fernandes Teixeira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Márcia Gomes Marques  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que proporcionou todo o apoio e a estrutura que eu precisei para dar mais esse passo na minha carreira. Sem eles, eu jamais estaria concluindo esse mestrado.

Ao meu orientador Ismar Capistrano, que teve a paciência, a técnica e o companheirismo fundamentais para encontrarmos os melhores caminhos para a pesquisa.

À professora Naiana Rodrigues, que foi quem ajudou a lapidar uma sementinha de ideia e a transformá-la em um projeto de pesquisa sólido. Com quem, ainda, tive a felicidade de cumprir meu estágio de docência.

Ao professor Robson Braga, que me incentivou e acreditou no meu potencial de fazer o mestrado mesmo quando as dúvidas eram maiores que as certezas.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Cada contribuição possibilitou que eu expandisse minha visão de mundo e senso crítico para construir quem eu sou como ser humano e profissional.

À minha psicóloga Carolina Carrah, que me acompanhou desde antes da seleção do mestrado e que fortaleceu meu emocional para equilibrar estudos, trabalho, família e lazer.

Aos meus amigos, que participaram dessa jornada ao meu lado. Em especial, à Brenda Mamede, que compartilhou comigo as dores e as alegrias dessa aventura acadêmica, do início ao fim. Também, à Mariah Costa, que sempre soube se fazer presente na hora certa. Foi meu alívio cômico nos momentos de aflição e meu melhor abraço para dividir as pequenas conquistas. E ao meu amigo de infância Gabriel Berdet, que foi meu grande parceiro de estudos nas dezenas de visitas à BECE.

“Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos, que permanecem como pontos de demarcação em sua história” (Bosi, 1994, p. 418).

## RESUMO

Enquanto alguns acontecimentos são esquecidos depois de alguns dias, outros marcam a história de uma cidade. Porém, uma mesma notícia atravessa as pessoas de diferentes maneiras e intensidades. Esta investigação trata de um estudo de recepção, cujo objetivo é analisar a relação entre a mediação de socialidade e a memória sobre o desabamento do Edifício Andrea. Em outubro de 2019, em Fortaleza, um prédio residencial de sete andares desabou, demandando uma operação de resgate dos sobreviventes e causando mortes. O fato gerou comoção e ganhou repercussão na mídia local e nacional, com a cobertura voltada para a ação dos bombeiros nos escombros, a investigação da causa do desabamento e seus desdobramentos. Esta investigação se baseia no mapa das mediações comunicativas da cultura, de Jesús Martín-Barbero, seguindo os conceitos de matrizes culturais (Sunkel, 1987) e de competências de recepção (Martín-Barbero, 1997), como também aborda a noção de memória (Halbwachs, 1990; Bosi, 1994; Pollak, 1992). Como foi necessário se aprofundar nas vivências pessoais e na memória das pessoas, foram conduzidas entrevistas em profundidade, com o intuito de explorar o cotidiano dos participantes e seus hábitos de consumo de notícias. Para isso, foram selecionados seis participantes: três deles foram selecionados por suas profissões relacionadas às áreas de construção e de administração de condomínio, os outros três são moradores do bairro do Dionísio Torres, onde ficava localizado o Edifício Andrea. Na análise, além de identificar elementos de linguagem e de conteúdo das respostas dos entrevistados vinculadas às matrizes culturais racional-iluminista e simbólico-dramática, foi possível observar a forte presença de imagens nas memórias dos participantes relacionadas às fotos e aos vídeos que circularam na cobertura do episódio, a sensação de tragédia, a preferência por televisão e por redes sociais para se informar na época e a forte lembrança da causa do desabamento.

**Palavras-chave:** cotidiano; memória; matrizes culturais; competências de recepção; Edifício Andrea.

## RESUMEN

Si bien algunos acontecimientos quedan olvidados al cabo de unos días, otros marcan la historia de una ciudad. Sin embargo, una misma noticia atraviesa a las personas de diferentes maneras e intensidades. Esta investigación aborda un estudio de recepción, cuyo objetivo es analizar la relación entre la mediación de la socialidad y la memoria del colapso del Edificio Andrea. En octubre de 2019, en Fortaleza, un edificio residencial de siete pisos se derrumbó, lo que requirió una operación de rescate para los sobrevivientes y provocó muertes. El incidente generó conmoción y ganó repercusión en los medios locales y nacionales, con una cobertura centrada en la actuación de los bomberos entre los escombros, la investigación sobre la causa del derrumbe y sus consecuencias. Esta investigación se basa en el mapa de mediaciones comunicativas de la cultura, de Jesús Martín-Barbero, siguiendo los conceptos de matrices culturales (Sunkel, 1987) y habilidades de recepción (Martín-Barbero, 1997), además de abordar la noción de memoria (Halbwachs, 1990; Bosi, 1994; Como era necesario profundizar en las experiencias y recuerdos personales de las personas, se realizaron entrevistas en profundidad, con el objetivo de explorar la vida cotidiana de los participantes y sus hábitos de consumo de noticias. Por eso, fueron seleccionados seis participantes: tres de ellos fueron seleccionados por sus profesiones relacionadas con las áreas de construcción y administración de condominios, los otros tres son residentes del barrio Dionísio Torres, donde estaba ubicado el Edificio Andrea. En el análisis, además de identificar elementos de lenguaje y contenidos vinculados a las matrices culturales racional-iluminista y simbólico-dramática, fue posible observar la fuerte presencia de imágenes en la memoria de los participantes relacionadas con las fotos y videos que circularon en la cobertura del episodio, el sentimiento de tragedia, la preferencia por la televisión y las redes sociales para obtener información en el momento y el fuerte recuerdo de la causa del colapso.

**Palabras clave:** a diario; memoria; matrices culturales; habilidades de recepción; Edificio Andrea.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A EXTRAORDINÁRIA FORÇA DO COTIDIANO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Comunicação para além dos meios .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Teoria das mediações.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>Mediação de socialidade.....</b>	<b>17</b>
<b>2.4</b>	<b>Sua memória é minha também.....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>COBERTURA JORNALÍSTICA DO DESABAMENTO DO EDIFÍCIO</b>	
	<b>ANDREA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>O resgate.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2</b>	<b>Os principais vídeos e imagens.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3</b>	<b>As vítimas.....</b>	<b>34</b>
<b>3.4</b>	<b>Fim do resgate. E, depois, sobre o que falaram nos jornais?.....</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>O FRAGMENTO DO COLETIVO: NARRATIVAS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>40</b>
<b>4.1</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>40</b>
<b>4.2</b>	<b>Os entrevistados e suas vivências.....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.1</b>	<b><i>O síndico Assis.....</i></b>	<b>42</b>
<b>4.2.2</b>	<b><i>A arquiteta Larissa.....</i></b>	<b>43</b>
<b>4.2.3</b>	<b><i>O engenheiro Alexandre.....</i></b>	<b>45</b>
<b>4.2.4</b>	<b><i>A moradora Simone.....</i></b>	<b>46</b>
<b>4.2.5</b>	<b><i>O morador César.....</i></b>	<b>47</b>
<b>4.2.6</b>	<b><i>A moradora Rita.....</i></b>	<b>48</b>
<b>4.3</b>	<b>A razão como bússola da memória.....</b>	<b>49</b>
<b>4.4</b>	<b>A lembrança dominada por sentimentos.....</b>	<b>53</b>
<b>4.5</b>	<b>As memórias da recepção.....</b>	<b>63</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICE A — ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....</b>	<b>75</b>
	<b>APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>76</b>
	<b>APÊNDICE C — ENTREVISTA COM O SÍNDICO ASSIS.....</b>	<b>77</b>
	<b>APÊNDICE D — ENTREVISTA COM A ARQUITETA LARISSA.....</b>	<b>83</b>
	<b>APÊNDICE E — ENTREVISTA COM O ENGENHEIRO ALEXANDRE.....</b>	<b>93</b>
	<b>APÊNDICE F — ENTREVISTA COM A MORADORA SIMONE.....</b>	<b>103</b>

<b>APÊNDICE G — ENTREVISTA COM O MORADOR CÉSAR.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE H — ENTREVISTA COM A MORADORA RITA.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO A — MAPA DE FORTALEZA DIVIDIDO POR REGIONAIS.....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO B — FOCO NA REGIONAL 2 NO MAPA DE FORTALEZA.....</b>	<b>132</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Todo dia, jornalistas saem às ruas para apurar os acontecimentos da cidade. Acidentes, casos inusitados, crimes, eventos esportivos, fenômenos da natureza, apresentações culturais, atualizações políticas, entre outros. Os fatos mais importantes podem ganhar destaque em capa de jornal, cobertura ao vivo e desdobramentos pelos dias seguintes. Apesar do grande volume de informações diárias, alguns deles sobrevivem ao tempo e ficam marcados na memória de muitas pessoas, mesmo depois de anos.

Entre os acontecimentos no Brasil de mais de 10 anos atrás, por exemplo, poderíamos destacar o assalto ao Banco Central, em 2005, em Fortaleza/CE, a chacina na escola de Realengo, em 2011, no Rio de Janeiro/RJ; o incêndio da Boate Kiss, em 2013, em Santa Maria/RS. É provável que muitas pessoas consigam lembrar as informações principais, como o assalto foi realizado por um túnel, o atentado foi realizado por um ex-aluno da escola e o incêndio começou a partir de fogos de artifício acesos pela banda, respectivamente.

Contudo, os pormenores das notícias são assimilados de forma diferente pelas pessoas. Muitos não vão lembrar que o arquiteto do túnel ficou recluso em um presídio de segurança máxima em São Paulo, porém essa informação foi marcante para mim por ter sido amiga de uma parente dele, cuja família fazia visitas com certa frequência na penitenciária.

Da mesma forma, por ser torcedora do Flamengo, lembro de estar assistindo com o meu pai o time entrar em campo, no primeiro jogo após o atentado na escola, com uma faixa em homenagem às vítimas e às famílias. A frase era um trecho da música “Aquele abraço”, de Gilberto Gil, que cita Realengo. E também, por ser aluna do Colégio Militar de Fortaleza em 2013, lembro de ficar emocionada por uma das vítimas do incêndio ter sido ex-aluno do Colégio Militar de Santa Maria.

Possivelmente, cada um foi atravessado pelas notícias de uma forma particular devido às nossas vivências e experiências próprias. Então, como o nosso cotidiano se relaciona com as memórias que temos sobre determinadas notícias jornalísticas?

O desabamento do Edifício Andrea aconteceu em Fortaleza, em 2019. De acordo com o levantamento técnico, o desmoronamento dos sete andares foi devido à falta de medidas de segurança durante a realização de uma obra para recuperação da estrutura de sustentação. Em cinco dias de ação de resgate, sete pessoas foram salvas com vida e nove morreram. A população da cidade se solidarizou com doações e com trabalho voluntário. Nos três meses seguintes ao desabamento, foi desencadeado um número de solicitações de vistoria

predial quase 12 vezes maior que o mesmo período do ano anterior. Mesmo após quase cinco anos do ocorrido, o caso ainda é comentado no noticiário, na Justiça e nas ruas.

Para Jesús Martín-Barbero (1997), não teria como entender a relação das pessoas com a televisão, rádio e jornal sem observar o contexto geral em que essas situações estão inseridas, ainda mais que elas têm camadas de histórias pessoais e de traços comportamentais que vão tornar seu processo de recepção mais complexo. Então, para estudar comunicação na América Latina, seria mais relevante analisar como as pessoas se relacionam no bairro, na praça ou na igreja. A partir daí, Martín-Barbero desenvolve sua teoria das mediações a partir de mapas. Elaborado em 1998, o mapa das mediações comunicativas da cultura nos auxiliará a compreender as questões levantadas.

Em paralelo a isso, considera-se que a memória não conserva os fatos exatamente como eles aconteceram, eles são constantemente reconstruídos a partir das nossas novas vivências (Bosi, 1994). Isso pode gerar deformações da lembrança, porém nossa memória não se articula de forma isolada. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual é compartilhada com os membros dos grupos sociais nos quais estamos inseridos, como família, vizinhança e colegas de trabalho, até mesmo aquelas experiências que enfrentamos sozinhos. Assim, em um confronto cotidiano entre memórias, as deformações podem ser contidas e uma versão oficial é estabelecida.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação entre a mediação de socialidade e a memória sobre o desabamento do Edifício Andrea. A partir disso, busca-se investigar como as matrizes culturais e as competências de recepção incidem na memória sobre uma notícia, com base no mapa das mediações comunicativas da cultura de Martín-Barbero (1997), por meio de entrevistas em profundidade.

É possível abordar diferentes pontos de contato entre jornalismo e memória, por exemplo, os acontecimentos que marcam a história de forma coletiva, o direcionamento de narrativas sobre esses fatos dado pelas notícias, o jornal como registro de acontecimentos e acervo de pesquisa, a memorização de notícias, entre outros.

Contudo, uma delas se sobressai em pesquisas acadêmicas. Em uma revisão de literatura sistemática aliada à análise de conteúdo, Marcello (2022) categorizou os tipos de memórias investigadas em artigos que relacionam jornalismo e memória, entre 2017 e 2022. Entre os tipos social, discursiva, física e cognitiva, 20 dos 22 artigos analisados pesquisaram memória social, considerando a perspectiva de que a memória é compartilhada com outras pessoas da mesma sociedade.

Dessa forma, esta atual pesquisa enquadra-se em uma tendência existente de investigações de interesse acadêmico, porém propõe-se a abranger comunicação extrapolando os limites dos *mass media*. Além disso, podemos reforçar a transdisciplinaridade com a Sociologia e a Psicologia no estudo de comunicação, como orienta Martín-Barbero (2009) a ultrapassar os limites das disciplinas, ao se apropriar dos estudos de memória, de Maurice Halbwachs (1990), de Ecléa Bosi (1994) e Michael Pollak (1992).

Logo, foram realizadas entrevistas em profundidade, em que os participantes foram entrevistados individualmente com questões semi-estruturadas, com o objetivo de coletar informações sobre suas vivências, suas lembranças sobre o desabamento do Edifício Andrea e seus hábitos de consumo de notícias. Dessa forma, foram selecionados seis participantes que pudessem ter suas vidas impactadas pelo caso em algum nível. Assim, foram entrevistados três moradores do Dionísio Torres, bairro onde ficava localizado o Edifício Andrea, e três profissionais das áreas de construção e de administração de condomínio.

No capítulo “A extraordinária força do cotidiano”, serão discutidos os principais pontos da teoria de Martín-Barbero para contextualizar e definir o conceito de mediações. Em seguida, é explorado o mapa das mediações comunicativas da cultura, de 1998, para aprofundarmos a ideia de socialidade, em que são abordadas as noções de matrizes culturais e competências de recepção. Em seguida, é explorado o debate da perspectiva da memória ser um fenômeno compartilhado com membros de uma mesma sociedade, ressaltando a importância da memória individual para a formação da coletiva.

Já no capítulo seguinte, “A cobertura jornalística do desabamento do Edifício Andrea”, serão destacadas algumas notícias da época para transmitir a dimensão da intensidade que os jornais se dedicaram a acompanhar o caso, de quais foram as principais informações abordadas na época, de quem foram os entrevistados e de quais imagens e vídeos mais repercutiram.

Por fim, no capítulo “O fragmento do coletivo: narrativas da memória”, será explicada a escolha da metodologia e da seleção dos participantes. Ademais, será feita a descrição do relato das entrevistas em profundidade: quem são os participantes, o que eles lembram sobre o desabamento do Edifício Andrea, quais suas vivências e quais seus hábitos de consumo de notícia. Com base nos dados coletados nas entrevistas, foi realizada a análise sobre como as matrizes culturais e as competências de recepção se relacionam com a memória do desabamento do Edifício Andrea.

## 2 A EXTRAORDINÁRIA FORÇA DO COTIDIANO

### 2.1 Comunicação para além dos meios

Nas décadas de 1970 e 1980, muitos países da América Latina sucumbiram a regimes ditatoriais ou estavam em processo de redemocratização, como Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Peru, ocasionando intensos processos de migração e lutas sociais contra repressão e discriminação. Foi nesse contexto, na Colômbia, em que se projetou o nome de Jesús Martín-Barbero entre os destaques nos estudos voltados para a cultura e a comunicação.

Apesar do autor não se considerar pertencente aos estudos culturais, existem diversos pontos em comum entre as duas perspectivas, uma visão culturalista, como a centralidade da cultura na vida social, a comunicação como um fenômeno cultural e o protagonismo das culturas populares. Embora os estudos focados na cultura latino-americana também tenham se enraizado nos espaços universitários, eles se entrelaçaram fortemente com o engajamento social da época.

Entre as críticas de Martín-Barbero (2009), ele defendia que a América Latina não deveria ter dependência das teorias desenvolvidas pelos países ricos. Não eram todas as ideias discutidas na Europa e nos Estados Unidos que poderiam ser aplicadas aqui devido às diferenças de realidades. Por isso, era fundamental tomar iniciativas teóricas com as atenções voltadas para a própria região. Nesse cenário, o autor lançou uma série de publicações, entre elas, a primeira edição de uma de suas obras mais conhecidas e referenciadas até hoje, “Dos meios às mediações”, em 1987.

Por décadas anteriores, os estudos de comunicação foram muito pautados pelo foco nos meios e na mensagem, analisando suas possíveis características de dominação por parte dos emissores e passividade dos receptores. A lógica que prevalecia era que a ideologia predominante se entranhava na mensagem e causava determinados efeitos, resumindo as pesquisas a um generalista tom de denúncia sobre manipulação (Martín-Barbero, 1997).

Logo, foram diversas teorias que despiciam os receptores de senso crítico às ideias propagadas. Acreditava-se que, por exemplo, informações divulgadas na televisão não receberiam qualquer questionamento do público e seriam tomadas como verdade devido à eficácia persuasiva. Em contraposição a esse pensamento funcionalista norte-americano, Martín-Barbero propõe investigar o processo comunicativo também pela perspectiva do receptor (Silva, 2017).

Assim, atribui-se ao receptor camadas de personalidade, conflitos e questões pessoais em que a mensagem deveria atravessar. O foco de Martín-Barbero inverte em relação a quais efeitos os meios de comunicação causam nas pessoas para o que as pessoas fazem com os *mass media*, trazendo para o centro da discussão “os processos sociais que os sujeitos realizam para produção de sentido sobre os meios” (Satler, 2022, p. 6).

Assumir que comunicação não é sinônimo dessa visão instrumental permitiu ampliar o espectro para outros objetos de estudo. Martín-Barbero (2009) argumenta que as pessoas dedicam mais tempo à comunicação em família, com vizinhos, com fiéis da mesma religião e com colegas de trabalho do que exatamente consumindo informações da televisão, do jornal e do rádio.

Um dos episódios de sua trajetória que o levaram a refletir sobre o assunto foi uma ida ao cinema com um grupo de estudantes. Quase expulsos da sala, eles gargalhavam com as cenas que diziam ser de mau gosto enquanto os outros homens da sala choravam emocionados. As reações bastante opostas ao mesmo filme revelou a distância dos sentidos, parecendo que haviam assistido a filmes diferentes, que o levou a denominar o acontecimento de calafrio epistemológico (Lopes, 2018a).

Desse modo, é preciso levar em consideração o cotidiano em que as práticas sociais estão inseridas. Existe um contexto, uma história, uma vivência. “Não podíamos entender o que o povo fazia com o que ouvia nas rádios, com o que via na televisão, se não entendíamos a rede de comunicação cotidiana” (Martín-Barbero; Barcelos, 2000, p. 153). Ou seja, é a partir do consumo e dos usos atribuídos a esses meios que se produz sentido, e não pela simples posse em si de objetos (Martín-Barbero, 1997).

Para analisar os fenômenos com toda sua complexidade, o autor reforça a importância da comunicação ser pesquisada de forma transdisciplinar. A hiperespecialização impõe barreiras que definem até qual limite um determinado evento pode ser observado sob aquele ponto de vista. Sob outro viés, uma análise mais profunda da cultura demandaria conhecimentos das fronteiras entre História, Filosofia, Antropologia, etc. para estremecer certezas já estabelecidas. Não é à toa que, entre comunicadores, Martín-Barbero se dizia filósofo; entre filósofos, era um antropólogo e entre antropólogos, era um comunicador (Parducci, 2018).

Outro rompimento aderido por Martín-Barbero foi com o pensamento marxista ortodoxo, porque as análises eram associadas a um único aspecto, a diferença de classes econômicas, impossibilitando que as pesquisas se aprofundassem na pluralidade de matrizes culturais (Silva, 2017). Como resultado, considerar outros fatores sociais para além dos

financeiros, como idade, gênero e religião, permitiu reconhecer as culturas populares como legítimas.

Apesar desse rompimento, o autor ainda segue os preceitos marxistas, no entanto, na mesma perspectiva de Antonio Gramsci, norteador pelo conceito de hegemonia: a dominação consiste em um grupo predominando ideias e práticas sem uma imposição à força. Pelo contrário, o processo não é coagido, e sim constantemente construído, destruído e reconstruído com sedução e com convencimento de sentido. Então, “nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é de resistência” (Martín-Barbero, 1997, p. 107).

## 2.2 Teoria das mediações

O silêncio absoluto durante uma missa em contraste com a liberdade dos gritos no estádio de futebol. Geralmente, não há uma placa sequer que oriente a fazer silêncio na igreja, porém todos permanecem assim em respeito ao padre, salvo os momentos que entoam louvores juntos. No estádio, os cantos em uma só voz relembram as conquistas e motivam o time. O tipo de comportamento, o vocabulário, as roupas, as companhias, até mesmo os instrumentos musicais escolhidos para cada ocasião expressam a relação das pessoas entre si e com o evento.

Para Martín-Barbero, a comunicação da América Latina seria melhor compreendida a partir da análise de momentos como a feira, o jogo de futebol e a igreja do que na relação direta das pessoas com a televisão, rádio e jornal (Silva, 2017). A partir da compreensão desses outros aspectos que podemos, enfim, entender com mais profundidade os fenômenos, por exemplo, a relação entre o baixo fluxo no horário de pico e a transmissão do último capítulo da novela da Avenida Brasil, em 2012<sup>1</sup>.

Por que a Globo passou a investir em uma plataforma de streaming própria mesmo sendo uma das maiores redes de televisão do mundo? Por que as pessoas não procuram mais ter enciclopédias em casa? Por que as pessoas fazem o *download* de filmes piratas ou assinam plataformas de *streaming* em vez de ir ao cinema? Nesse contexto, a forma como as pessoas se apropriam dos meios e a relação que foi construída como telespectador, leitor e usuário ao longo da vida vão estar nas mediações (Satler, 2022).

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/10/19/avenida-brasil-ultimo-capitulo-dez-anos.htm>. Acesso em 7 de nov. 2023.

Segundo Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2018b), o autor foi resistente a estabelecer uma definição engessada de mediação, porque o conceito é tido como uma noção que se transforma à medida que a sociedade e a comunicação também mudam. Contudo, ao longo do tempo, Martín-Barbero foi contornando a ideia para estabelecer suas limitações. Na lógica dele, a comunicação não acontece de forma instantânea, ou seja, é necessário um processo social para assimilação e é nesse espaço que se constituem as mediações (Lopes, 2018a).

O que comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. Não havia exclusivamente um indivíduo ilhado sobre o qual incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. [...] Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (Martín-Barbero; Barcelos, 2000, p. 154).

A partir dos exemplos que Martín-Barbero descreve em “Dos meios às mediações”, Ana Carolina D. Escosteguy (2010) explica que

as *mediações* tanto podem ser meios – a literatura de cordel espanhola, a literatura de *colportage* francesa, o cinema mexicano ; sujeitos – indivíduos que trabalham com a literatura de *colportage*; gêneros – radioteatro, folhetim, melodrama, as séries e os gêneros televisivos; e espaços – o cotidiano familiar, o bairro. (Escosteguy, 2010, p. 107, grifo da autora).

Na interpretação de Satler (2022, p. 6) sobre o conceito, “as mediações são estruturas de construção de sentido a que estamos vinculados quando temos contato com um meio de comunicação”. Assim, engloba-se desde as matrizes dos formatos de produção até as das formas como os sujeitos se apropriam dos meios, levando em consideração ainda aspectos sociais de gênero, de sexualidade, de faixa etária, de classe, de território, etc. Logo, todo o processo comunicativo é estruturado a partir das mediações (Lopes, 2018a).

Dessa forma, escutar sua música preferida no fone de ouvido para se distrair durante o longo caminho no ônibus lotado para o trabalho é diferente de ouvir a mesma música em um show planejado de ir com os amigos para um momento de lazer. O mesmo vale para o contexto de notícias, por exemplo: a experiência de ter contato com uma informação jornalística entre tantos conteúdos de entretenimento, nas redes sociais, pelo celular vai ser distinto a estar sentado de frente para a televisão, para acompanhar uma cobertura na Globo News.

Nesse contexto, as primeiras propostas de mediações de Martín-Barbero (1997) foram a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. É a partir das

interações sociais que expressamos a maneira que somos, sobretudo no dia a dia familiar. Esse é um espaço onde são reproduzidas as manifestações de poder da sociedade e frequentemente acontecem conflitos, por isso é um dos principais ambientes onde os indivíduos revelam seus verdadeiros interesses e desconfortos.

Além disso, o autor enfatiza a diferença entre o tempo social do tempo produtivo, que é aquele pensado para o trabalho e para geração de capital. O tempo social é cíclico, fragmentado, repetitivo e associado ao cotidiano. Por fim, os indivíduos carregam consigo as experiências que já viveram e a educação formal, que vão compor o seu repertório para interpretar os produtos culturais.

Com efeito, Martín-Barbero começou a esquematizar as mediações em mapas, nas edições seguintes do livro “Dos meios às mediações”. Em 1998, a elaboração de um novo mapa (Figura 1) evidenciou a complexidade da teoria das mediações para além de uma teoria da recepção, de acordo com Lopes (2018b). Agora com o objetivo de investigar a cultura a partir da comunicação, houve um deslocamento em relação ao anterior: saindo das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura. “A importância desse mapa está em reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade” (Lopes, 2018b, p. 18).

Figura 1 — Mapa das mediações comunicativas da cultura, de 1998



Fonte: Lopes (2018b, p. 17).

Segundo Lopes (2018a), enquanto a relação entre matrizes culturais e as lógicas de produção resulta em diferentes formas de institucionalidade, a associação entre lógicas de produção e formatos industriais constrói as tecnicidades. Já entre formatos industriais e competências de recepção, são regimes de ritualidade. E, por fim, entre competências de recepção e matrizes culturais formam as socialidades.

Quanto a esta última, para Escosteguy (2010, p. 108), socialidade “diz respeito às negociações cotidianas do sujeito com o poder e às diversas instituições, isto é, de forma mais ampla, a interação social”. Em acordo, Ronsini (2010, p. 9) afirma que esta mediação “conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva”. Dessa maneira, será trabalhada a relação dos conceitos de matrizes culturais e de competências de recepção.

### **2.3 Mediação de socialidade**

O conceito de matrizes culturais utilizado por Martín-Barbero foi desenvolvido pelo chileno Guillermo Sunkel (1987), que elaborou essa noção a partir da investigação de como a representação do popular tomava forma em cinco jornais populares de massa no Chile, no período final da democracia. Para Sunkel (1987), essa representação será expressa tanto em linguagem quanto em estética e em conteúdo.

De acordo com Costa Filho (2016), as matrizes culturais consistem em uma configuração histórico-estrutural que está relacionada aos modos de transmissão do saber e às memórias coletivas, norteando os relatos populares. Elas “criam diversos sentidos sobrepostos sobre um mesmo lugar e realidade, construindo as múltiplas territorialidades dos espaços. Estes tecidos possibilitam que as mensagens circulem em fluxos diferenciados pelos universos culturais” (Costa Filho, 2016, p. 34).

Sunkel (1987) destaca duas matrizes principais: a simbólico-dramática e a racional-iluminista. A partir da matriz cultural simbólico-dramática, a realidade é lida com base nas emoções e se baseia em conhecimentos populares (Amaral, 2005). Os sentimentos aflorados repercutem em uma estética sensacionalista. Além disso, sua linguagem é concreta, como utilizada no dia-a-dia, e rica em imagens. Por ser concebida pela forte influência da religião, suas representações são frequentemente dicotômicas, como o bem e o mal, os ricos e os pobres, o paraíso e o inferno (Sunkel, 1987).

Sob outra perspectiva, a matriz cultural racional-iluminista se baseia em ideologias políticas de viés iluminista, como marxismo, anarquismo e liberalismo (Sunkel,

1987). Dessa forma, a razão é o meio utilizado para alcançar o fim, que é o progresso. Ademais, a educação é um dos meios fundamentais para a constituição da cidadania política e da superação da barbárie. Ou seja, esta matriz proporciona subsídios para realizar uma leitura da realidade com base na ciência. Sua linguagem é abstrata e conceitual, enquanto sua estética é séria. Sunkel (1987) afirma que essa matriz é derivada da simbólico-dramática. Por isso, ainda herda traços de dicotomia, porém sem serem voltadas para o bem e o mal, e sim para o certo e o errado, o eficiente e o ineficiente.

A linguagem da simbólico-dramática é mais objetiva. Isto é, ela é próxima às vivências das pessoas e se refere a componentes concretos da realidade. A matriz racional-iluminista já utiliza mais teorias, conceitos e representações, que torna a linguagem distante da prática cotidiana. Por exemplo, a linguagem matemática é repleta de representações. Por isso, para compreender conceitos como raiz quadrada e números decimais, demanda-se um grau maior de abstração e de conhecimento especializado.

A estética é focada no âmbito da produção. Portanto, não será analisada nesta pesquisa, uma vez que esta investigação se trata de um estudo de recepção. Ao analisar a matriz cultural simbólico-dramática em um jornal popular, por exemplo, seriam destacados elementos que iriam provocar e contribuir para que os sentimentos fossem aflorados, como o tipo e o tamanho de imagem escolhida para compor a matéria. No caso de um filme documentário, é possível que a estética já tendesse mais para elementos da matriz cultural racional-iluminista, com o objetivo de passar mais imparcialidade e veracidade.

Para entender as competências de recepção que relacionadas com as matrizes culturais constroem a mediação das socialidades, é necessário entender a visão e o papel do receptor. Nas primeiras teorias da comunicação, como a Teoria Hipodérmica, o receptor era tido como um agente passivo e vulnerável, que não seria capaz de resistir aos poderes dos meios de comunicação, de acordo com Mauro Wolf (1999). Essa lógica foi construída com base nos estudos behavioristas da Psicologia, em que um estímulo gera uma resposta, ou seja, a mensagem transmitida iria causar um efeito desejado.

Gradativamente, as teorias percorreram o trajeto de focar em manipulação, persuasão, influência, até chegar nas funções dos meios de comunicação (Wolf, 1999). Enquanto algumas delas eram concentradas em situações específicas, como campanhas eleitorais ou informativas, a Teoria Funcionalista começa a abrir a visão da comunicação para outros contextos comunicativos, com o objetivo de analisar o papel dos meios de comunicação no funcionamento da sociedade. Nesse contexto, o receptor ainda é considerado

passivo por estar sujeito aos mecanismos dos *mass media* de manutenção do *status quo* (Costa Filho, 2014).

Já na Teoria Crítica, Theodor Adorno e Max Horkheimer defendem que o indivíduo é controlado por meio da indústria cultural (Wolf, 1999). No raciocínio da Escola de Frankfurt, de pensamento marxista, a cultura é fabricada como um produto industrial e padronizado, obedecendo os princípios capitalistas (Costa Filho, 2014). Assim, o receptor não tem autonomia nem para decidir suas preferências de música ou de filme, por exemplo. Até mesmo nos seus momentos longe do trabalho, que seriam de lazer, a mecanização determina o que será consumido (Wolf, 1999).

Dessa forma, as teorias eram bastante focadas no âmbito da produção. O receptor era um coadjuvante no processo de comunicação, porque não apresentava resistências aos conteúdos que eram expostos. Essa perspectiva começa a mudar a partir dos estudos culturais britânicos, com as pesquisas do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), ligado à Universidade de Birmingham.

Se os receptores aceitassem tudo acriticamente, todos teriam a mesma interpretação daquilo que consomem. Contudo, isso não condiz com a realidade, visto que as pessoas recebem as notícias de formas diferentes. O modelo de codificação/decodificação de Stuart Hall (2003), dos estudos culturais britânicos, estipula três posições de interpretação dos receptores: a dominante, a de oposição e a negociada. A primeira consiste na decodificação da mensagem da mesma forma em que ela foi construída. Já na terceira posição, a negociada, há uma negociação entre os valores do receptor e a mensagem (Hall, 2003). Assim, o receptor só concorda com parte da mensagem.

A partir dos estudos culturais, a noção de cultura passa por um remodelamento. Segundo Escosteguy (2010), anteriormente, a ideia era associada a produtos da literatura, da música e das artes consumidos pela elite. Desse modo, o que não correspondia a esses padrões estabelecidos eram vistos como sem cultura. Contudo, com a ressignificação, houve um alargamento do conceito de cultura, transformando esse entendimento das classes mais ricas como apenas uma das expressões culturais, e não única. Ou seja, os outros grupos sociais não são “incultos”, eles têm práticas sociais próprias de igual importância.

Sob esse mesmo ponto de vista, Martín-Barbero atribui à cultura uma outra importância na comunicação devido ao “seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também o produtor”

(Martín-Barbero, 1997, p. 287). Dessa forma, o receptor é elevado a um novo patamar de relevância no processo de comunicação.

Logo, observa-se as grandes mudanças de perspectiva em relação ao receptor. No mapa das mediações comunicativas da cultura, as competências de recepção consistem na capacidade do receptor de se apropriar das mensagens, apresentar resistências e criar seus próprios sentidos, a partir dos seus contextos históricos e sociais (Martín-Barbero, 1997).

Assim, ao considerar a socialidade, podemos analisar o contexto em que os sujeitos estão inseridos, por meio da relação com a família, a igreja, a comunidade, etc., com base ainda nos seus comportamentos associados ao gênero, à classe social e à etnia (Ronsini; Silva; Wottrich, 2009).

#### **2.4 Sua memória é minha também**

Ao completar 18 anos, uma pessoa já viveu cerca de 6.570 dias. Ninguém é capaz de lembrar com detalhes tudo o que foi presenciado nesse período. De fato, alguns episódios mais marcantes ficam guardados na memória, porém o que pode ter sido bastante importante para alguém, em uma mesma família, pode ter sido irrelevante para o irmão.

Dessa maneira, a memória parece agir realmente de modo muito particular, em que só nós mesmos temos acesso a nossas lembranças. Contudo, há evidências de que ela funciona de forma mais compartilhada do que estabelecemos no senso comum. Sem nem sequer percebermos, nossa memória vai sendo moldada pelas nossas vivências cotidianas e pelos grupos em que estamos inseridos.

Segundo a psicóloga Ecléa Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é a conservação do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”. Entretanto, na maioria das vezes, esta conservação não é perfeita. Mesmo com a convicção de que os detalhes estão todos nítidos, geralmente a lembrança não corresponde necessariamente ao que aconteceu de fato.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. (Bosi, 1994, p. 55).

A partir do amadurecimento e das novas experiências que vivemos, nossa visão de mundo vai se transformando, nossos valores mudam, e com eles, as nossas lembranças

também. Logo, as memórias ganham consistência por um processo constante de confronto com outros discursos e de adaptação a novas versões, sendo reconstruídas com os elementos que hoje estão à disposição.

Além disso, Michael Pollak (1992) afirma que a memória é constituída pelos acontecimentos que foram vividos pessoalmente; pelos fatos que foram experienciados pelos grupos dos quais o indivíduo faz parte, independente de ele estar presente, e ainda pelos eventos que não correspondem necessariamente ao espaço-tempo vivenciado pela pessoa, ou seja, episódios tão impactantes que geram identificação com o grupo apesar da distância de localização ou de época. Por exemplo, a Revolução da Farroupilha é intensa na memória de habitantes do Rio Grande do Sul mesmo tendo acontecido há quase 200 anos, entre 1835 e 1845.

Nesse contexto, para uma das maiores referências de estudos de memória coletiva, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) argumenta que nossa memória não trabalha de maneira isolada: ela está atrelada à memória das instituições sociais das quais fazemos parte (família, classe social, escola, Igreja, trabalho), e essa está vinculada à da sociedade nas quais estão inseridas. Frequentemente, esses diferentes grupos se relacionam entre si, por exemplo, um grupo de amigos de longa data que já conhecem os familiares uns dos outros ou uma família que mantém relação com os vizinhos do bairro há anos, ambos constituem sociedades complexas. Desse modo, as lembranças criadas naquele convívio são compartilhadas pelos membros dessas sociedades.

Ao mesmo passo que alguns vínculos se fortalecem durante a vida, outros se enfraquecem. Assim, é necessário ainda se identificar com aquele grupo e também que o seu passado próprio se misture com o do coletivo para que as memórias sejam compartilhadas (Halbwachs, 1990). Caso contrário, mesmo que descrevam o acontecimento nos mínimos detalhes, se o indivíduo não compactuar mais com as mesmas noções gerais daquele grupo e não tiver diversos pontos de contato de memórias, os relatos não são capazes de despertar e reconstruir uma lembrança.

Então, ao compartilhar as mesmas noções, os membros podem adotar provisoriamente a perspectiva um do outro. A lembrança de um show, por exemplo, pode ser reconstituída pelo fato de que existia um espaço entre o palco e o público porque um amigo cadeirante conseguiu um espaço reservado e que a banda tocou a mesma música do casamento do seu primo. Assim, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este

lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 51).

Sob esse viés, até nos momentos em que estivemos sozinhos, o isolamento era apenas aparente, uma vez que nossos comportamentos e pensamentos são justificados pela nossa natureza social, que em instante algum deixamos de estar confinados em uma sociedade (Halbwachs, 1990). Nessa lógica, mesmo nossas memórias mais particulares também se apoiam na dos outros para serem reconstruídas. Não é por acaso que Pollak (1992) pontua a importância da memória para reforçar tanto a identidade individual quanto o sentimento de pertencimento e a coesão de um grupo, desde um sindicato a uma nação.

Contudo, não seria coerente ignorar a circunstância de que o coletivo só existe por ser formado por indivíduos. Logo, ainda que entre inconsistências internas na reconstrução da memória, os indivíduos são os responsáveis por contribuir com recordações para o coletivo, a partir de elementos memorizados que se destacaram para eles individualmente, e exclusivamente para eles, em meio a tantos outros elementos presentes (Bosi, 1994). Desse modo, a perspectiva da memória individual também é bastante relevante.

De acordo com a autora, o que for de maior interesse do indivíduo, seguindo seus preconceitos e preferências, pode resistir mais ao tempo na memória. Os outros detalhes se perdem, e a lembrança tende a ser cada vez mais simples. Além disso, a evocação da recordação depende do seu grau de envolvimento: se ele não foi testemunha do ocorrido, a desfiguração acontece de forma mais acelerada do que se ele tivesse participado, uma vez que um desvio sobre os fatos pode se tornar cada vez maior à medida em que o relato se propaga (Bosi, 1994).

Na maioria das vezes, as notícias são fatos que apenas ouvimos falar, seja pelos jornais, seja pelo boca a boca, seja pelas redes sociais, mas que não fomos testemunhas do ocorrido. É provável que muitas pessoas não se lembrem em que ano ou em que cidade aconteceu a visita do Papa Francisco ao Brasil, porém quem foi ao encontro dele pode balizar a lembrança e conter as distorções coletivas, chancelando que o evento ocorreu em 2013, no Rio de Janeiro.

Com outra perspectiva, enquanto algumas lembranças encontramos dificuldade de evocar, outras surgem com bastante facilidade. Paradoxalmente, as mais difíceis de lembrar são as que dependem exclusivamente de nós mesmos, “como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios” (Halbwachs, 1990, p. 48). Talvez seja complicado relembrar como você estava se sentindo na primeira aula de natação

há anos, porém não é preciso de muito esforço para reconstruir o acontecimento de como foi o ataque às Torres Gêmeas, por exemplo.

Essas informações de igual fácil acesso a todos na memória é o que Halbwachs (1990) se refere a domínio comum, cuja evocação é possível a qualquer momento devido ao apoio da memória de um em relação ao outro. Por isso, dentro de um grupo, as lembranças mais fáceis de serem evocadas são as que envolvem o maior número de pessoas. Em paralelo ao conceito de domínio comum de Halbwachs, Martín-Barbero, na Teoria das Mediações, interpreta o conjunto de signos e o contexto social em que estamos imersos como o nosso repertório simbólico.

A partir da memória coletiva, elementos sobre os fatos são acrescentados, interpretados, corrigidos e unificados, estabelecendo-se uma narrativa consolidada que será fixada como oficial. Dessa forma, “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos, que permanecem como pontos de demarcação em sua história” (Bosi, 1994, p. 418). Assim, no próximo capítulo, além de serem apresentados os detalhes do desabamento do Edifício Andrea, serão ilustrados a cobertura da mídia sobre o fato, a possível causa, o engajamento da população como voluntários e os desdobramentos judiciais dos acusados.

### 3 COBERTURA JORNALÍSTICA DO DESABAMENTO DO EDIFÍCIO ANDREA

Ao propor o deslocamento dos meios para as mediações, Martín-Barbero (1997) se posiciona contra uma tendência midiacentrista, baseada na crença de uma quase onipotência do emissor e das tecnologias. No entanto, o filósofo reconhece a centralidade dos meios de comunicação na vida social, denominada de midiatização. Assim, para compreender a socialidade e a memória sobre notícias jornalísticas, compreendidas como informações sobre fatos atuais de relevância que circulam em veículos de comunicação, é imprescindível reconstituir aspectos da cobertura sobre o acontecimento.

Hoje, quem passa pelo cruzamento das ruas Tibúrcio Cavalcante e Tomás Acioli, em Fortaleza, depara-se com um muro azul coberto de grafites em uma das esquinas, que cerca uma estrutura em construção. Algumas pessoas não têm ideia de que o local estampou manchetes de jornais e foi protagonista de intensas coberturas jornalísticas por dias. Para outras, é uma forte lembrança.

O Edifício Andrea ficava localizado no bairro Dionísio Torres. No dia 19 de setembro de 2019, foi realizada uma vistoria técnica no prédio, que apontou 135 falhas estruturais no térreo e na casa de bombas<sup>2</sup>. Contudo, segundo o laudo técnico, o que de fato provocou o desabamento em si foi uma obra em um dos pilares de sustentação sem as devidas medidas de segurança, orquestrada por dois engenheiros e um pedreiro no mês seguinte.

Um mês antes do desabamento, a síndica havia solicitado um orçamento para a CAC Engenharia. Contudo, a proposta foi recusada, porque outra empresa havia oferecido um preço 30% mais barato<sup>3</sup>. Assim, a empresa Alpha Engenharia foi contratada para realizar uma recuperação predial<sup>4</sup>. As atividades foram iniciadas um dia antes do acontecimento. Assim, no dia 15 de outubro de 2019, por volta das 10h30 da manhã, o prédio de sete andares desmoronou, causando a morte de nove pessoas. As imagens do momento e da intervenção na estrutura foram captadas por câmeras de segurança internas e externas.

Entre as vítimas, estão moradores, incluindo a síndica, o cuidador de um casal de idosos residentes e um entregador de água, que estava fazendo uma entrega no mercadinho ao

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/tres-pessoas-sao-indiciadas-pelo-desabamento-do-edificio-andrea-1.2204754>. Acesso em 23 maio 2023.

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/18/empresa-detectou-135-pontos-criticos-em-predio-um-mes-ante-s-de-desabamento.ghtml>. Acesso em 26 mai. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/04/27/engenheiros-e-pedreiro-do-edificio-andrea-vao-responder-por-homicidio-com-dolo-eventual-e-vao-ser-julgados-por-tribunal-do-juri-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em 27 maio 2023.

lado do Edifício. Enquanto os engenheiros e o pedreiro conseguiram correr antes que o condomínio caísse, sete pessoas foram resgatadas com vida dos escombros, com a ação coordenada pelos bombeiros durante os cinco dias de buscas<sup>5</sup>. Entre elas, alguns moradores, o porteiro, uma diarista que trabalhava em um dos apartamentos e um cliente do mesmo mercadinho vizinho.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico<sup>6</sup>, o Dionísio Torres apresenta o terceiro melhor IDH (0,859) entre os 119 bairros de Fortaleza. Apesar de não ser um dos bairros à beira-mar, ele é atravessado por importantes avenidas e bastante valorizado no mercado imobiliário, sendo o sexto no ranking de metro quadrado mais caro da cidade<sup>7</sup>.

O bairro é equilibrado entre as ruas calmas residenciais e as avenidas movimentadas com comércio. Além da Assembleia Legislativa do Ceará, do hospital particular São Carlos e uma unidade das principais redes de escolas particulares, Christus, também estão localizados diversos conglomerados de imprensa, cujas algumas de suas emissoras de rádio e de televisão são afiliadas à Rede Globo, à Record TV e ao SBT. Isso justifica a nomeação de uma das praças de Praça da Imprensa e um polo gastronômico de Imprensa Food Square. Dessa forma, o Dionísio Torres tem sua relevância na cidade.

### 3.1 O resgate

A cobertura jornalística começou poucos momentos depois. Os jornais de Fortaleza já iniciaram com entradas ao vivo e atualização nos portais de notícias e, no dia seguinte, destacaram o assunto nas capas dos jornais impressos. As primeiras notícias foram voltadas principalmente para situar as pessoas de maneira ainda superficial: um prédio residencial desabou no Dionísio Torres.

Também, englobavam a repercussão sobre o caso, como a reorganização do trânsito nos arredores pela Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania (AMC), o deslocamento do prefeito e do governador até o local e a suspensão dos trabalhos na

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/15/veja-quem-sao-as-vitimas-resgatadas-com-vida-do-desabamento-de-um-predio-em-fortaleza.ghml>. Acesso em 23 maio 2023.

<sup>6</sup> Disponível em:

<http://salasituacional.fortaleza.ce.gov.br:8081/acervo/documentById?id=22ef6ea5-8cd2-4f96-ad3c-8e0fd2c39c98>.

Acesso em 30 mar. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/08/02/meireles-e-o-bairro-com-metro-quadrado-mais-carro-de-fortaleza-diz-fipezap.ghml>. Acesso em 30 mar. 2024.

Assembleia Legislativa e na Câmara Municipal. Foram destacadas aqui notícias, principalmente, dos veículos locais que foram citados pelos entrevistados como fontes de notícias mais acessadas, o jornal O Povo, o Diário do Nordeste e o CETV, telejornal do Sistema Verdes Mares, afiliada à Rede Globo.

O jornal O Povo destacou o assunto por 7 dias seguidos na capa da edição impressa, dos dias 16 a 22 de outubro de 2019. Em alguns dias, dedicaram a página inteira. Na Figura 2, destaca-se três capas compostas por imagens do trabalho dos bombeiros ainda em atividade, uma lista de nome das vítimas e suas idades e, por fim, um bombeiro segurando uma rosa, que foi entregue por voluntários. Na lista, os nomes estão coloridos de acordo com os status de viva, falecida e desaparecida.

Figura 2 — Capas do O Povo dos dias 16, 18 e 20 de outubro de 2019



Fonte: Arquivo privado do Jornal O Povo.

Na ferramenta de busca do portal do Diário do Nordeste, ao procurar as palavras-chave “Andrea” e “desabamento” separadamente, é possível encontrar cerca de 162 notícias relacionadas a esse evento. Contudo, 96 delas foram veiculadas entre 15 e 19 de outubro de 2019, período correspondente à duração do resgate. As outras 66 notícias foram distribuídas entre 20 de outubro de 2019 e 2 de novembro de 2023.

O acontecimento também ganhou espaço no Jornal Nacional, o telejornal mais assistido do Brasil<sup>8</sup>, diariamente, desde o primeiro até o quinto dia de resgate. Outros veículos, também de alcance nacional, repercutiram sobre o ocorrido, como G1, El País, Agência Pública, BBC, UOL, Terra, Band News, CBN, entre outros.

Com a área já sendo isolada, o CETV entrou ao vivo às 11h33 da manhã, uma hora depois do desabamento. Os repórteres estavam acompanhando o trabalho dos bombeiros, que já estavam no local, a chegada de viaturas da polícia e de muitas ambulâncias, o movimento entre familiares, vizinhos e curiosos. As informações até o momento era que a primeira vítima estava sendo resgatada, bem como os bombeiros já estavam se comunicando com outros dois sobreviventes.

Ainda durante a mesma transmissão, que se prolongou por 1h23min, um homem com blusa social e uma jaqueta do Samu foi cercado por jornalistas ao sair da área de isolamento, o que se tornou quase como uma entrevista coletiva não planejada. Mesmo sem ter sido identificado, foi questionado de prontidão para ser obtida mais informações sobre o andamento do caso. O senhor afirmou que os hospitais foram acionados para que se preparasse para receber as vítimas, se fosse o caso, e confirmou o resgate de uma pessoa e o óbito de outra.<sup>9</sup>

Inicialmente, algumas informações estavam desconstruídas. Apesar de ter sido afirmado de que uma pessoa teria morrido, a informação foi desmentida pelo então governador Camilo Santana e endossada pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social<sup>10</sup> na noite do mesmo dia.

Outra informação que foi corrigida durante os dias de cobertura foi em relação à legalidade do prédio. A princípio, a Prefeitura de Fortaleza alegou que o Edifício Andrea fora construído irregularmente. Contudo, uma semana depois, a inscrição do prédio foi encontrada no cartório de registro de imóveis<sup>11</sup>. Segundo o Ministério Público, apesar de ser lei que a Prefeitura realize vistorias periódicas nos prédios, nenhuma foi efetuada durante os 37 anos de existência do prédio.

---

<sup>8</sup> Disponível em:

<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2023/03/29/jornal-nacional-cresce-no-ibope-pelo-brasil-em-2023-195623.php>. Acesso em 29 maio 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8004970/?s=0s>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>10</sup> Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2019/10/15/nao-ha-confirmacao-de-mortes-em-predio-que-desabou-em-fortaleza--diz-camilo.html>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/em-37-anos-de-existencia-edificio-andrea-nunca-foi-vistoriado-1.3152108>. Acesso em 28 maio 2023.

Na tentativa de preencher lacunas de informações, corrigir dados inconsistentes e proporcionar um panorama geral, a cobertura jornalística englobou a ação dos bombeiros na área do desabamento, o trabalho e a arrecadação voluntária, a investigação da regularização do prédio, a busca pelos engenheiros envolvidos, a atualização do estado de saúde de vítimas já resgatadas, a história de vida das vítimas fatais, entre outros. Dessa forma, resultou em um grande volume de notícias em poucos dias.

Algumas informações foram bastante repetidas, como os nomes das ruas que localizavam o prédio, o auxílio de cães farejadores na operação, a quantidade de horas já trabalhadas pelos bombeiros, o balanço entre quantas pessoas já haviam sido resgatadas com vida, quantas haviam morrido e quantas ainda estavam desaparecidas, além de suas respectivas identidades. A cada nova informação divulgada do resgate, muitos dados desses eram retomados, mais uma vez, com atualizações.

Como os sobreviventes tentavam se comunicar com os bombeiros, era necessário que o ambiente estivesse em silêncio. Assim, todos que não estavam envolvidos diretamente na operação foram deslocados para uma distância. Não só no primeiro dia, e sim até o fim do resgate. Por isso, frequentemente, a passagem das matérias televisivas eram gravadas com grades de isolamento ao fundo. Também foi destacado que, em momentos cruciais, os bombeiros faziam um sinal com as mãos para que todos fizessem silêncio imediatamente.

De fato, o acontecimento causou comoção na cidade. Os jornais noticiavam o que as pessoas poderiam doar para ajudar e as diversas instituições que estavam se disponibilizando a receber e a organizar em diferentes pontos da cidade, tanto em bairros vizinhos quanto nos mais afastados. Foram arrecadados itens de higiene, roupas e alimentos não-perecíveis, por exemplo, pelos clubes de futebol Fortaleza<sup>12</sup> e Ceará<sup>13</sup>, pela Câmara Municipal de Fortaleza<sup>14</sup>, pelo Shopping Iguatemi Bosque<sup>15</sup>.

Além disso, personalidades famosas se manifestaram e prestaram solidariedade às vítimas, como o cantor Wesley Safadão e o humorista Tom Cavalcante, e a cantora Solange

---

<sup>12</sup> Disponível em:

<https://ge.globo.com/ce/futebol/times/fortaleza/noticia/fortaleza-recebe-doacoes-para-vitimas-de-desabamento-do-edificio-andrea.ghtml>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>13</sup> Disponível em:

<https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/ceara-arrecada-doacoes-para-vitimas-de-desabamento-do-edificio-andrea.ghtml>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>14</sup> Disponível em:

<https://www.cmfor.ce.gov.br/2019/10/16/camara-municipal-recebe-doacoes-para-vitimas-do-edificio-andrea/>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>15</sup> Disponível em:

<https://www.portalin.com.br/notas/iguatemi-fortaleza-recebe-doacoes-para-vitimas-de-desabamento-do-edificio-andrea/>. Acesso em 27 maio 2023.

Almeida e a influencer Thyane Dantas pediram doações de colchonetes, lençóis, caixas de isopor e materiais descartáveis para as equipes de resgate<sup>16</sup>. Uma das entidades a se prontificar em colaborar com o Corpo de Bombeiros foi a Cruz Vermelha Brasileira, tanto em socorristas voluntários quanto em organizadores de doações<sup>17</sup>.

As ações voluntárias também partiram da própria população, que procuraram contribuir prestando seus serviços<sup>18</sup>. Psicólogos, assistentes sociais, estudantes de Enfermagem acompanhados de uma professora e fisioterapeutas auxiliaram no acolhimento das vítimas e no apoio aos bombeiros e aos socorristas. Durante as 103 horas de resgate, foram mobilizados 500 agentes de segurança e 135 eram bombeiros, além dos voluntários<sup>19</sup>.

Ao final das buscas, as demonstrações de solidariedade e de compaixão continuaram. Depois de resgatar o último corpo desaparecido, a síndica do prédio, os socorristas do Corpo de Bombeiros, Defesa Civil e Samu fizeram um minuto de silêncio em respeito às vítimas<sup>20</sup>. Ademais, eles mesmos também foram homenageados com rosas brancas, distribuídas pelos voluntários, em reconhecimento pelo trabalho.

Ao ter início da ação de resgate, começaram a ser localizadas e entrevistadas as famílias das possíveis vítimas e os moradores vizinhos ao Edifício Andrea para apurar o que aconteceu e confirmar quais moradores estavam de fato no prédio no momento. Já o Coronel Eduardo Holanda, do Corpo de Bombeiros e comandante da operação, tornou-se o porta-voz oficial para fornecer informações oficiais e frequentes entrevistas coletivas. Os voluntários também tiveram voz. Entre eles, foram ouvidos a professora e coordenadora de Psicologia da

---

<sup>16</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/solange-almeida-pede-doacoes-para-equipes-de-resgate-do-de-sabamento-no-edificio-andrea-1.2162929>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>17</sup> Disponível em:

<http://www.cruzvermelha.org.br/en/cruz-vermelha-brasileira-auxilia-autoridades-no-desabamento-de-predio-em-fortaleza/>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>18</sup> Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/10/19/doacoes-e-reza-a-ajuda-de-voluntarios-no-resgate-apos-predio-desabar-no-ce.htm>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>19</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/operacao-marca-vida-de-voluntarios-e-bombeiros-que-atuaram-no-resgate-das-vitimas-do-edificio-andrea-1.2999777>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>20</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/19/bombeiros-fazem-ato-em-homenagem-as-vitimas-de-queda-de-predio-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em 28 maio 2023.

Unifor, que promoveu um plantão de atendimento aos familiares das vítimas<sup>21</sup>, e o responsável administrativo do Imprensa Food Square, que arrecadou mantimentos<sup>22</sup>.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Ceará (Crea/CE) foi uma das instituições bastante procuradas para entrevistas também. A direção não quis se manifestar<sup>23</sup> quanto aos vídeos que estavam circulando, que mostravam as colunas de sustentação do prédio em estado deteriorado. Entretanto, formou-se uma comissão para fazer o levantamento de documentos, por exemplo, matrícula, certidão, IPTU e alvará, para serem entregues à perícia e à polícia<sup>24</sup>.

### 3.2 Os principais vídeos e imagens

Diversos vídeos relacionados ao Edifício Andrea circularam em portais de notícias, telejornais e grupos de WhatsApp. Um dos vídeos foi gravado por um dos moradores na noite anterior ao desabamento, mostrando o estado dos pilares de sustentação do prédio, com ferros à mostra (Figura 3). Além disso, câmeras de segurança da rua e vizinhos captaram imagens do momento durante e após o desabamento. A nuvem de poeira causada pela queda do prédio foi registrada em diferentes ângulos.

---

<sup>21</sup> Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/10/15/curso-de-psicologia-da-unifor-realiza-atendimentos-para-familiares-e-vitimas-de-desabamento-de-predio.html>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>22</sup> Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/10/15/imprensa-food-square-arrecada-produtos-para-levar-ao-local-do-desabamento.html>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>23</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/predio-que-desabou-no-bairro-dionisio-torres-nao-tem-registro-oficial-diz-prefeitura-1.2162297>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>24</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/comissao-do-crea-vai-produzir-relatorio-tecnico-com-base-e-m-documentacao-do-edificio-andrea-1.2162989>. Acesso em 1 maio 2024.

Figura 3 — Imagem de vídeo da coluna deteriorada, gravado por morador do prédio



Fonte: Vídeo (2019).

Um dos vídeos mais repetidos na cobertura foi a de um homem sentado em uma cadeira de plástico, de costas para o muro do Edifício (Figura 4). Ao ouvir o barulho, ele corre para se salvar. Ao todo, o vídeo tem duração de 18 segundos. A distância de tempo entre ele começar a correr e a tela ser tomada inteiramente por poeira são 3 segundos. Também é possível ver os engenheiros andando no térreo. No canal do Youtube do Diário do Nordeste, o vídeo conta com 72 mil visualizações<sup>25</sup>. Entretanto, é importante lembrar que o mesmo vídeo foi publicado e veiculado por outros canais também.

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xua05Cn6GLw>. Acesso em 1 maio 2024.

Figura 4 — Imagens de vídeo em que homem corre no momento do desabamento



Fonte: Xerez (2019).

Outro vídeo mostra o trabalho dos dois engenheiros e do pedreiro, que estavam responsáveis pela obra, acompanhados da síndica do prédio (Figura 5). A captação é referente a minutos antes ao desabamento, como é possível visualizar na parte superior de cada imagem. Na segunda, um dos engenheiros e a síndica analisam o reboco que tinha acabado de cair.

Figura 5 — Imagens de vídeo do pedreiro e dos engenheiros quebrando coluna de sustentação do prédio



Fonte: Xerez (2019).

As notícias eram acompanhadas de fotos que ilustravam, principalmente, o trabalho dos bombeiros tanto de dia quanto à noite. Entre barras de ferro, concreto despedaçado e restos de paredes ainda em pé, eles sempre eram retratados com seu uniforme e capacete (Figura 6). Muitas vezes, as imagens eram feitas de um ângulo de cima para baixo. Por estarem impedidos de se aproximar, as equipes de reportagem captavam imagens de prédios vizinhos. Também, foram desenvolvidos infográficos para ilustrar em quais apartamentos cada uma das vítimas morava e a situação de saúde delas.

Figura 6 — Ação coordenada por bombeiros nos escombros do Edifício Andrea



Fonte: Vítima (2019).

### 3.3 As vítimas

Todas as nove pessoas que conseguiram sair com vida dos escombros foram retiradas ainda nas horas iniciais<sup>26</sup>. O primeiro a ser socorrido com vida foi Fernando Marques<sup>27</sup>, de 20 anos. Ao prestar depoimento para a polícia, o jovem relatou que foi possível sentir três tremores do Edifício antes do desmoronamento.

Entre os fatos mais inusitados, após o desmoronamento, a *selfie* sorridente de Davi Sampaio, de 22 anos, debaixo dos escombros viralizou nas redes sociais<sup>28</sup>. A foto (Figura 7) foi enviada para tranquilizar amigos e família de que estava bem apesar do ocorrido. O estudante de Arquitetura e Urbanismo também havia compartilhado registros com colegas de faculdade sobre suspeitas de que o prédio iria ceder depois de notar deformações no concreto. Contudo, o desabamento aconteceu quando estava se direcionando para sair do apartamento.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8004988/?s=0s>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/24/sobrevivente-do-edificio-andrea-diz-em-depoimento-que-senti-u-predio-chacoalhar-tres-vezes-antes-de-cair.ghtml>. Acesso em 27 maio 2023.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/18/edificio-andrea-comecou-a-ruir-minutos-antes-de-desabamento-diz-jovem-que-postou-selfie-sob-escombros.ghtml>. Acesso em 27 maio 2023.

Figura 7 — Selfie registrada por morador soterrado do Edifício Andrea



Fonte: Costa e Paulino (2019).

Apenas com ferimentos leves, Davi ficou bastante associado à ideia de ter sido o sobrevivente que enviou a *selfie*, por isso frequentemente era referenciado dessa forma. O jovem concedeu várias entrevistas e diversas matérias foram publicadas sobre isso. Acompanhado do pai Paulo, com quem morava no Edifício e estava ausente na hora do colapso, Davi também foi convidado para participar do programa televisivo “Encontro com Fátima Bernardes”, no dia 25 de dezembro de 2019.

Além disso, enquanto algumas pessoas saíram dos escombros também com bom estado de saúde, quatro pessoas precisaram ser internadas, entre elas, o porteiro Francisco Rodrigues, de 59 anos. Um cachorro foi resgatado no primeiro dia, porém faleceu dois dias depois. Seu resgate, sua morte e seu velório viraram notícias. A família tutora do cachorro não estava em casa no momento do desabamento<sup>29</sup>.

Depois da confusão, ainda na primeira manhã, sobre a notícia de uma suposta morte, a primeira fatalidade só foi de fato confirmada às 23h50. Frederick Santana estava descarregando um caminhão de água no mercantil, ao lado do prédio, com um colega que

---

<sup>29</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/18/cachorro-resgatado-com-vida-por-bombeiros-dos-escombros-do-edificio-andrea-morre-em-clinica-veterinaria-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em 3 maio 2024.

conseguiu correr para se salvar e escapou vivo<sup>30</sup>. A repercussão do fato de que Frederick estava juntando dinheiro para fazer o aniversário da filha mobilizou um grupo de voluntários a realizar a festa.

No segundo dia, encontraram dois corpos<sup>31</sup>. No terceiro, três. No quarto dia, um. No quinto e último, dois. Fernando Marques, o primeiro resgatado, morava no mesmo prédio em que sua mãe, sua avó e seu avô, em dois apartamentos diferentes. Contudo, todos seus familiares foram localizados já sem vida, além do cuidador<sup>32</sup>, que acompanhava o casal de idosos, cujas idades eram acima de 80 anos.

O corpo de Nayara Pinho, psicóloga de 31 anos, foi retirado no mesmo dia em que o do seu pai<sup>33</sup>. Os dois estavam morando temporariamente há 14 dias no apartamento, que era de uma amiga da família. No momento do incidente, eles tinham entrado em casa para buscar um livro de Nayara<sup>34</sup>. O corpo de Maria da Penha, de 81 anos, foi localizado no segundo dia, com a ajuda de cães farejadores, porém só foi retirado no dia seguinte, por estar em um local de difícil acesso.

O último corpo encontrado foi o da síndica, Maria das Graças, de 70 anos. Pelo vídeo que mostrava os engenheiros e o pedreiro quebrando a coluna e analisando o reboco caído, a suposição, antes das buscas, é de que a síndica ainda estava no térreo quando o prédio caiu. Diferente da síndica, pouco se sabia sobre as outras vítimas até o momento delas serem realmente encontradas sob escombros.

### 3.4 Fim do resgate. E, depois, sobre o que falaram nos jornais?

Com o término da operação de resgate, um dos principais temas abordados pela mídia foram as homenagens prestadas às vítimas e aos bombeiros. Após um mês do desabamento, já havia sido construído um muro para isolar o terreno. Assim, um trio de

---

<sup>30</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/desabamento-do-edificio-andrea-2-mortes-confirmadas-pelo-corpo-de-bombeiros-1.2162376>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>31</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/17/veja-quem-sao-as-pessoas-que-morreram-no-desabamento-do-edificio-andrea-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em 3 maio 2024.

<sup>32</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/infografico-saiba-onde-estavam-as-vitimas-no-momento-do-desabamento-do-edificio-andrea-1.2163643>. Acesso em 1 maio 2024.

<sup>33</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/17/quinta-vitima-do-desabamento-do-edificio-andrea-e-identificada.ghtml>. Acesso em 3 maio 2024.

<sup>34</sup> Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/10/19/edificio-andrea--nayara-e-o-pai-teriam-ido-ao-predio-buscar-um-livro-no-momento-do-desabamento.html>. Acesso em 3 maio 2024.

grafiteiros realizaram uma intervenção artística, desenhando pombos, flores, um bombeiro com asas (Figura 8), versículos bíblicos e nomes das vítimas fatais<sup>35</sup>. Outra homenagem foi feita pela Empresa de Correios e Telégrafos, por meio da criação de um selo, lançado em dezembro de 2019<sup>36</sup>. A imagem retrata os bombeiros em ação de resgate sobre os escombros.

Figura 8 — Grafite feito no muro do terreno do Edifício Andrea



Fonte: Falconery (2019).

As notícias também estavam bastante focadas no estado de saúde das pessoas que tiveram que ser internadas, a retirada dos escombros do terreno e a tentativa da volta de rotina dos familiares e dos comerciantes que trabalhavam no entorno. No entanto, o caso alertou a possibilidade de outros episódios como esse se repetirem. Por isso, diversas matérias abordaram o disparo do número de pedidos de vistorias prediais.

<sup>35</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/11/18/muros-do-edificio-andrea-sao-coloridos-em-homenagem-a-vitimas-e-bombeiros-um-mes-apos-a-tragedia-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em 28 maio 2023.

<sup>36</sup> Disponível em:

<https://www.bombeiros.ce.gov.br/2019/12/17/selo-dos-correios-presta-homenagem-as-vitimas-do-edificio-andrea/>. Acesso em 28 maio 2023.

Nos três meses seguintes ao colapso da construção, a Defesa Civil de Fortaleza somou 1.585 pedidos de vistoria por risco de desabamento<sup>37</sup>. O número é 11,5 vezes maior quando comparado aos mesmos três meses de 2018, em que totalizou 139 notificações. Só em outubro de 2019, no mês do acontecimento, foram 716. Dessa data até setembro de 2020, 19 imóveis foram de fato interditados.

No terreno em que existia o Edifício, está sendo construído um novo equipamento do Corpo de Bombeiros<sup>38</sup>, que vai reforçar a atuação da equipe no Dionísio Torres, e nos bairros próximos Aldeota, Meireles, Varjota, Cocó e Guararapes. A unidade será nomeada de Companhia 15 de Outubro em alusão à data do acontecimento e terá um memorial às vítimas. A primeira vez que essa novidade foi noticiada foi em 10 de dezembro de 2019. Depois, ela é repercutida esporadicamente.

Aos poucos, questões mais burocráticas foram ganhando destaque, por exemplo, a investigação da polícia sobre a causa do desabamento e a indenização dos proprietários dos apartamentos do prédio. Ao excluir as matérias que lembravam o caso quando se completava mais um “aniversário” da data, esses eram os assuntos que predominavam nas notícias em outros meses do ano.

Em outubro de 2020, o Jornal O Povo lançou uma série de reportagens, que abordaram o trâmite judicial, um infográfico (com horário, localização da rua e do bairro, lista de sobreviventes e de vítimas fatais), a futura construção da unidade do Corpo de Bombeiros, a indenização aos proprietários, a falta de responsabilização do Crea/CE e foco na importância da inspeção predial. Em relação às imagens, destaca-se diversas fotos da ação dos bombeiros, do muro pintado com a homenagem e *selfie* do Davi sob escombros.

Em 2021, na matéria do CETV com o marco de 2 anos do desabamento, o repórter faz uma passagem de 7 minutos, com o muro pintado de homenagens ao fundo. Sua fala é coberta por imagens dos vídeos que circularam no ano anterior: os engenheiros e o pedreiro quebrando o pilar, o homem correndo enquanto o prédio desabava logo atrás dele, diferentes ângulos captados por câmeras de segurança da rua e de moradias vizinhas. Depois de voltar momentaneamente ao repórter, as imagens são repetidas mais uma vez.

Na passagem, o repórter exalta o empenho e as mais de 100 horas trabalhadas pelo Corpo de Bombeiros, lembra a quantidade de pessoas resgatadas com vida e sem vida e

---

<sup>37</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/10/15/apos-desabamento-do-edificio-andrea-fortaleza-registra-11-vezes-mais-ocorrencias-por-riscos-estruturais.ghtml>. Acesso em 28 maio 2023.

<sup>38</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/obras-do-quartel-do-corpo-de-bombeiros-no-terreno-do-edificio-andrea-estao-com-20-de-execucao-1.3367724>. Acesso em 28 maio 2023.

atualiza as informações sobre a acusação contra os engenheiros e o pedreiro. Até então, ainda não havia sido apresentada uma denúncia formal. Quanto ao terreno, que estava acumulando lixo ao seu redor, nada havia sido feito em relação à futura construção do quartel dos bombeiros. Ainda, destaca que os sobreviventes e seus familiares estavam recusando dar entrevistas, porque estão evitando falar novamente sobre o acontecimento e reviver o trauma.

Também em outubro de 2021, segundo o Diário do Nordeste, as famílias que moravam no Edifício ainda não tinha recebido suas indenizações pagas pela Prefeitura pela desapropriação do terreno<sup>39</sup>. O montante total de R\$ 1,7 milhão não tinha sido repassado pelo Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE) por não ter sido definida a quantidade proporcional destinada a cada família dos 13 apartamentos.

Se houve notícias que remetessem aos 3 anos do desabamento, em 2022, elas não foram encontradas pelo sistema de buscas dos portais do Diário do Nordeste nem do jornal O Povo nem da plataforma da Globoplay, que reúne os conteúdos dos telejornais locais e nacionais da Rede Globo. Em uma pesquisa do Google, com intervalo personalizado entre 1º de outubro de 2022 a 31 de outubro de 2022, também não teve sucesso em encontrar nenhuma matéria.

Já na matéria do Bom Dia Ceará, com o marco de 4 anos, são retomados algumas informações que já foram destacadas nos anos anteriores, como o número de soterrados resgatados com vida e sem vida, as mais de 100 horas operacionalizadas pelos bombeiros e o trabalho voluntário da população e a indenização aos moradores, que foi paga. A passagem é gravada com a construção do Corpo de Bombeiros ao fundo.

Dessa vez, também é ouvido um comandante-geral dos bombeiros, José Claudio Barreto, que conta sua experiência no resgate e fala sobre a importância da construção do quartel. A expectativa é que a obra fosse concluída e entregue no primeiro semestre de 2024. Quanto às imagens, foram repetidos os vídeos do momento do desabamento em que sobe a nuvem de poeira, os engenheiros e o pedreiro quebrando a coluna e o homem correndo do desabamento. Em outubro de 2024, o caso completará cinco anos.

Como já foram apresentados os conceitos teóricos em que essa pesquisa se apoia e o recorte do evento escolhido para ser analisado, no capítulo seguinte, será descrita e fundamentada a escolha da metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos, bem como serão detalhados os dados levantados nas entrevistas.

---

<sup>39</sup> Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/edificio-andrea-dois-anos-apos-tragedia-moradores-nao-receberam-indenizacao-paga-pela-prefeitura-em-2020-1.3148005>. Acesso em 28 maio 2023.

## 4 O FRAGMENTO DO COLETIVO: NARRATIVAS DA MEMÓRIA

Assim, as coisas vão diluindo, né? Se tu tivesse me perguntado isso há um ano ou dois anos... Eu acho que eu teria dado uma resposta um pouco diferente. É engraçado, o tempo vai passando e a gente vai esquecendo. (Informação verbal)<sup>40</sup>.

### 4.1 Metodologia

Primeiramente, foi conduzida a pesquisa bibliográfica, etapa que englobou a identificação e a seleção de autores pertinentes para o embasamento científico da investigação. Segundo Stumpf (2006), a revisão de literatura é fundamental para qualquer trabalho acadêmico, pois ela mapeia os pilares teóricos que se pretende aprofundar e também evita que sejam gastos esforços com problemas já solucionados. Além disso, será essencial para a análise de resultados.

Por ter sido necessário compreender o cotidiano, como orienta Martín-Barbero (1997), e a memória das pessoas para alcançar os objetivos da pesquisa, foram realizadas entrevistas em profundidade. Essa é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (Duarte, 2006, p. 62).

Para um melhor direcionamento, foram realizadas seis entrevistas individuais, com questões semi-estruturadas. Segundo Duarte (2006), nessa técnica de coleta de dados, são feitas perguntas originadas no problema da pesquisa que objetivam abordar a amplitude do assunto (Apêndice A). Desse modo, o roteiro auxiliará na investigação das mediações no cotidiano dos participantes a partir da riqueza de detalhes que esta técnica proporciona. Afinal,

A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Não se busca, por exemplo, saber *quantas* ou qual a *proporção* de pessoas que identifica determinado atributo na empresa “A”. Objetiva-se saber *como* ela é percebida pelo conjunto de entrevistados. Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. (Duarte, 2006, p. 63, grifo do autor).

Os entrevistados foram divididos em dois grupos, com três integrantes cada. Um deles foi formado por profissionais cujas atuações envolvem a área de edificações, em suas

---

<sup>40</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

diferentes formas, entre eles, estão engenheiro, arquiteto e síndico. O outro grupo é formado por pessoas que moravam no Dionísio Torres, bairro onde ficava o Edifício Andrea, em 2019. Quanto à triagem dos participantes, foi feita por amostragem não probabilística, com uma seleção por conveniência, que consiste na escolha dos entrevistados por proximidade ou disponibilidade (Duarte, 2006).

Antes de iniciar a entrevista, foi apresentado o termo de consentimento (Apêndice B), que tem a finalidade de garantir a confidencialidade de suas identidades e a utilização do conteúdo das entrevistas exclusivamente para a realização desta pesquisa. Houve uma tentativa inicial de conduzir todas as entrevistas presencialmente, com duração aproximada de 30 a 40 minutos, porém uma delas foi realizada de forma remota para facilitar a disponibilidade da entrevistada.

As perguntas da entrevista foram divididas em três blocos com seus respectivos objetivos: para conhecer o participante, para se aprofundar no desabamento do Edifício Andrea e para entender o consumo de notícias. Inicialmente, o participante foi questionado sobre: “qual é a sua idade?”, “como é a sua rotina?”, “qual é a sua formação profissional? Onde se formou? Há quanto tempo trabalha nessa área?”, “você tem alguma religião?”, “quais são seus hobbies?” e “em que bairro você mora? Sempre morou lá?”. Assim, pudemos entender quem é o participante, quais são suas vivências, quais suas visões de mundo, como é seu estilo de vida, etc.

Depois, foram feitas as seguintes perguntas: “o que você lembra relacionado ao desabamento do Edifício Andrea?”, “como você soube do acontecimento?”, “como você acompanhou os desdobramentos?”, “teve alguma notícia que se destaca na sua memória?”, “o desabamento foi assunto na sua casa? No seu trabalho? Na sua celebração religiosa?”, “você/algum conhecido seu teve alguma participação? Resgate, doações, ajuda voluntária, etc?”, “esse episódio teve algum impacto na sua vida/rotina? Qual?”, “quais fatores te levaram a guardar lembranças desse acontecimento?”, “você ainda ouve falar do desabamento do Edifício Andrea? Em que situação?” e “qual foi a última vez que você ouviu falar desse caso?”. Desse modo, foi possível compreender sob qual perspectiva o participante lembra e reconstrói a memória do desabamento, o que foi mais marcante e como o fato repercutiu na sua vida.

Por fim, o participante respondeu “com que frequência e em qual momento você consome notícias?”, “você sempre teve o hábito de ler notícias? Quando surgiu?”, “qual é o tipo de notícia que você mais consome?”, “qual é o meio mais utilizado para se informar?”,

“quais as suas principais fontes de notícias?” e “você costuma debater sobre as notícias? Com quem?”. Esses questionamentos possibilitaram o exame das competências de recepção.

A partir das respostas levantadas nas entrevistas, os dados foram descritos e interpretados com base nos conceitos de matrizes culturais (Sunkel, 1987), competências de recepção (Martín-Barbero, 1997) e memória (Halbwachs, 1990; Bosi, 1994).

## **4.2 Os entrevistados e suas vivências**

Do Apêndice C ao Apêndice H, é possível conferir todas as entrevistas na íntegra. Os entrevistados receberam nomes fictícios para manter suas verdadeiras identidades em anonimato, assim como nomes de seus parentes que surgiram na entrevista. Nessa mesma lógica, todas as vezes que César falou o nome do bar que é proprietário, o nome foi substituído apenas pela palavra “bar”, com a finalidade de preservar o mesmo sentido da frase sem revelar sua identidade. Entretanto, os nomes referentes às vítimas ou pessoas envolvidas no caso foram mantidos da mesma forma em que o entrevistado disse.

Para situar leitores que não conhecem a cidade de Fortaleza e o Ceará, foram acrescentadas informações entre parênteses para identificar se os participantes estão se referindo a um bairro, a uma rua, a uma avenida, a um restaurante, a um colégio, etc. Quando citadas cidades, a distância são estimativas calculadas a partir do Centro de Fortaleza, por meio do Google Maps.

Também pode ser visualizada a divisão de bairros e de regionais<sup>41</sup> da capital cearense no Anexo A para compreender melhor a dimensão de Fortaleza. Já no Anexo B, o mapa é focado na Regional 2, onde está localizado o bairro Dionísio Torres, com o objetivo de ilustrar quais são os bairros vizinhos, que são citados diversas vezes.

### **4.2.1 O síndico Assis**

Com 57 anos, Assis (Apêndice C) mora no bairro Aldeota. Ele atrela seu interesse com o desabamento do Edifício Andrea pelo fato de, em breve, estar assumindo a posição de síndico do condomínio, pela segunda vez na vida. Como está preocupado com a estrutura do

---

<sup>41</sup> Os bairros são divididos em regionais para facilitar a administração da cidade. A divisão é feita com base na quantidade de habitantes, na utilização de equipamentos públicos, na área dos bairros e na aproximação cultural entre eles. Em Fortaleza, o litoral é localizado nas regionais 1, 12, 2 e 7. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/entenda-a-nova-territorializacao-administrativa-de-fortaleza>. Acesso em 29 maio 2024.

prédio onde mora, devido a alguns ferros que estão começando a ficar à mostra no estacionamento, ele diz que resolver essa questão vai ser a primeira iniciativa que pretende realizar. E, para isso, deve mostrar o caso do Edifício para convencer os outros moradores da urgência.

Assis ficou sabendo do caso quando estava na fila do almoço, em seu trabalho. Na época, atuava no cargo de assistente administrativo, no Hospital Universitário de Brasília. Enquanto aguardava distribuírem as quentinhas, recebeu a notícia por WhatsApp, enviada por um amigo. Como era de costume entre eles, esse amigo de Fortaleza mandava atualizações durante o período em que ele estava morando temporariamente em Brasília, cujo retorno ficou para o final de 2021.

Naquela circunstância, ele se enaltece por ter sido o primeiro a dar a notícia, que despertou curiosidade e gerou comentários com as outras pessoas que estavam na fila. Algumas delas também receberam a notícia. Pouco tempo depois, o acontecimento estava sendo divulgado pelo jornal local da Rede Globo de Brasília, na televisão da sala de almoço, em que todos passaram a prestar atenção no momento.

Entre as mensagens de WhatsApp, foram enviadas imagens do caso que estavam circulando na internet, que já haviam sido repassadas por terceiros para esse amigo. Assis justifica que notícias como essa são bastante compartilhadas porque o fortalezense gosta de dar notícia ruim. Além disso, atribui uma curiosidade típica ao cearense, em que o cearense quer estar presente em todas as situações.

Assis descreve que a primeira imagem que recebeu foi de um rapaz do jogo do bicho que estava próximo ao local. Quando o prédio desabou, ele correu para longe ao ouvir o barulho. Em seguida, a imagem é coberta com a poeira e o homem não é mais visto. Outras imagens que ele cita sem explorar muitos detalhes são: a síndica no prédio, um homem dando marretada na coluna, um homem que gravou debaixo dos escombros no celular e o engenheiro vendo reboco cair antes do desabamento.

Mesmo morando no Distrito Federal, mantinha seu interesse pelo que passava em Fortaleza. Assis conta que, em casa, acompanhava notícias de Brasília na televisão da sala e de Fortaleza na do quarto. Isso era possibilitado pela TV a cabo Sky. Hoje, já morando novamente no Ceará, acompanha as notícias locais pelo Diário do Nordeste, no celular, todo dia de manhã.

#### ***4.2.2 A arquiteta Larissa***

Larissa (Apêndice D) gosta de montar Lego para se distrair e ficar um tempo longe das telas, já que trabalha frequentemente de forma remota. O interesse pelas construções não é apenas um *hobby* como também faz parte da sua profissão. Nos estágios durante a faculdade Arquitetura e Urbanismo, na UFC, atuou com projetos de arquitetura e de interiores. Hoje, trabalha como consultora em tecnologia para escritórios de arquitetura, com turnos online e presenciais.

Ao longo dos seus 27 anos, já mudou de residência nove vezes. Nove dos dez lugares onde morou foram apartamentos e apenas um foi casa. Em um mesmo condomínio, chegou a morar em quatro apartamentos diferentes por causa da proximidade com o esgoto ou por ser muito calor. Em todas as vezes, foram mudanças com a família inteira, seus pais e seu irmão mais novo. Na maior parte delas, a localização ainda era entre os bairros Varjota, Papicu e Meireles, próximos entre si.

Na época do desabamento, apesar da resistência de alguns outros moradores do bloco onde morava, o prédio passou por vistoria e reforma impulsionadas pelo caso do Edifício Andrea. Também, por ter transtorno compulsivo-obsessivo, desencadeou noites de insônia com os pensamentos de que o prédio dela iria cair. Na entrevista, enquanto relembrava sobre a queda do Andrea, lembrou também que depois houve um outro caso perto da sua casa. Uma sacada havia desabado em uma menina que estava passando na calçada.

Mesmo com a influência da sua família católica, Larissa não conseguiu criar conexão espiritual com nenhuma religião. No catolicismo, sentia que, na verdade, só ia porque queria se enturmar e pelas músicas. Até tentou voltar por sentir que era solitário não ter uma religião. Depois, tentou espiritismo e candomblescismo, que também não conseguiu criar um vínculo. “Eu acho que eu tenho o botão da fé desligado” (informação verbal)<sup>42</sup>.

Desde as eleições presidenciais de 2022, “parei de acompanhar notícias em geral e decidi focar na vida das pessoas perto. Não acompanho mais o resto do mundo” (informação verbal)<sup>43</sup>. Isso foi uma quebra de ritmo que vinha intenso durante o período da pandemia. “Eu não sabia como me proteger, não sabia quando ia vir vacina. Eu estava em casa e queria desesperadamente uma notícia boa” (informação verbal)<sup>44</sup>.

Hoje, nem nas redes sociais segue páginas de jornais e censurou diversas palavras que poderiam estar ligadas à política e à violência. Na época do desabamento, costumava seguir o jornal O Povo e o Diário do Nordeste no Facebook, além de assistir ao CETV, à

---

<sup>42</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Ibidem.

noite. A forma como fica sabendo das notícias agora é apenas por comentários de seu pai e de seu irmão.

### ***4.3.3 O engenheiro Alexandre***

Aos 32 anos, Alexandre (Apêndice E) já foi coordenador de pesquisa na UFC, é professor universitário e é proprietário de um escritório de projetos de estruturas, “que é onde a gente vai calcular a estrutura, dimensionar a estrutura pra que ela tenha uma durabilidade aí, fique em pé, seja estável, não tenha vibrações” (informação verbal)<sup>45</sup>. Formado em Engenharia Civil e mestre em Engenharia de Estruturas, até hoje ouve falar do desabamento do Edifício Andrea. Nos dias seguintes ao prédio cair, o telefone de Alexandre não parava de tocar com diversos clientes solicitando o serviço de laudo em estrutura. A quantidade era tão grande que não conseguia atender a todos.

Na mesma semana, estava planejada sua apresentação em um congresso organizado pelo Ibracon (Instituto Brasileiro de Concreto). Por coincidência, sua pesquisa era voltada para colapso progressivo em estrutura, que foi o que aconteceu no Edifício Andrea, de acordo com ele. Dessa forma, muitas das perguntas dos congressistas foram relacionadas a este caso em vez do objeto de pesquisa escolhido. Alexandre considera que esse desabamento mudou a trajetória da carreira dele, porque, até então, ele não tinha certeza ainda se queria seguir na área de laudos e de projetos.

Além disso, outro impacto na sua vida foi em relação à subida em prédios com estado deteriorado. Com o acontecimento, passou a ponderar mais sua entrada tanto na prestação de serviços quanto em visitas nas casas dos amigos. Em alguns casos, de fato, recusou-se a subir por questões de segurança.

Desde o final do mestrado, mora sozinho em Fortaleza. Antes de se mudarem todos juntos para Aquiraz (aproximadamente, 33 km de Fortaleza), a família morava em Cascavel (cerca de 62 km de Fortaleza), cidade onde nasceu. Ao vir para a capital, morou na Aldeota, o mesmo bairro onde fica localizado seu escritório, porém se mudou para a Jacarecanga devido ao alto preço de aluguel e a questões logísticas.

Alexandre conta que já acompanhou notícias com mais frequência. Depois que morou na França, trouxe de volta para o Brasil o hábito de ler jornal todo dia, que adquiriu lá e foi se perdendo aqui. “Só que depois que eu comecei a trabalhar, fui ter o escritório, aí eu

---

<sup>45</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

me sinto um pouco até defasado das histórias” (informação verbal)<sup>46</sup>. Contudo, além de ambiente de trabalho, o escritório é o espaço onde mais debate sobre notícias. Seus colegas sempre trazem assuntos que viram no Twitter e no Instagram, principalmente sobre política e sobre esportes. Ainda, no caminho de volta para casa, gosta de escutar Hora do Brasil e podcast de política da CBN.

Apesar da fase adolescente, em que deixou de ir à igreja, hoje se considera bastante católico. Em seu tempo livre, gosta de ouvir rock internacional, como Led Zeppelin e Pink Floyd, e gosta de ler livros de literatura brasileira, de fantasia e de administração empresarial.

#### ***4.2.4 A moradora Simone***

A casa de Simone (Apêndice F) é de frente para o terreno onde ficava o Edifício Andrea. Aos 59 anos, já está aposentada há um ano. Depois de ter dedicado sua carreira à área de Comunicação e ao Jornalismo, principalmente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), agora está focada em ler e escrever. Esse passatempo a motivou até mesmo a passar alguns meses na casa de uma amiga, em Pipa (cidade do Rio Grande do Norte, a 83 km de Natal e a 597 km de Fortaleza), para testar se poderia se acostumar a viver em uma cidade mais afastada e se concentrar na escrita.

A vontade de morar fora de Fortaleza foi ainda impulsionada pela insegurança gerada pelo crescente número de assaltos nos arredores da sua casa no Dionísio Torres. De acordo com Simone, a queda do prédio tornou a esquina escura. Após os escombros serem retirados e o terreno ser cercado, não havia mais a iluminação do próprio prédio e nem a movimentação dos vizinhos que moravam lá, tornando a rua mais deserta.

Durante os resgates, sua rua estava fechada para dar espaço aos bombeiros, à polícia e aos paramédicos. Além da angústia de ter que acompanhar de perto as buscas, ficava incomodada pela constante necessidade de ter que se identificar como moradora para passar pelas grades todas as vezes que saía e voltava para casa. Também não tinha a liberdade de sair com o carro, porque as máquinas de retirar os escombros estavam paradas em frente à sua garagem. Assim, passou a maior parte do tempo na casa do seu marido, no Cumbuco (cerca de 29 km de Fortaleza).

Quando conseguiu voltar para casa, ficou triste com o muro que estava cercado o terreno do Edifício. Por isso, pagou o grafiteiro Lápis de Lata para que ele estendesse a

---

<sup>46</sup> Ibidem.

pintura para o restante do muro, que ele tinha feito por conta própria em apenas uma das laterais. Frente à tristeza que sentia no lugar, somada à violência e à vontade de ter um lugar tranquilo para escrever, comprou uma casa no Paracuru (aproximadamente, a 90 km de Fortaleza).

Mesmo com suas atenções voltadas a mobiliar a nova casa, ainda não consegue se desvincular completamente do imóvel de Fortaleza, que foi dado pelo seu pai. Sua expectativa é que o valor do imóvel volte a valorizar quando as obras do Corpo de Bombeiros forem concluídas. E só então decidirá se vai realmente vender. Essa não é a primeira vez que morou no Dionísio Torres. Antes dessa casa, morou por alguns anos em outros bairros, mas decidiu voltar para lá porque gostou muito da época em que lá foi sua residência.

Durante a entrevista, Simone casualmente lembrou do detalhe de que já havia morado no Edifício Andrea ao citar que conhecia moradores antigos do prédio, como os síndicos e o porteiro. Ela conta que Francisco, o porteiro de 2019, é filho do porteiro da época em que morava lá. Com o desabamento, Simone ligou para Francisco para ajudá-lo financeiramente sabendo que ele estava sem fonte de renda.

#### ***4.2.5 O morador César***

Depois da faculdade de Publicidade e Propaganda, César (Apêndice G) morou um ano nos Estados Unidos para aprimorar o seu inglês. O objetivo era aperfeiçoar o idioma para conseguir deslançar sua carreira fora de Fortaleza. Ele acreditava que para conseguir ser um publicitário de destaque precisava ir para São Paulo e, para conseguir um bom emprego em São Paulo, precisava falar inglês.

Após trabalhar com Comunicação por alguns anos, fez uma graduação em Administração. Ficou no Sudeste até 2017, quando voltou para Fortaleza decidido a abrir o próprio negócio. No mesmo ano, seu pai faleceu. Então resolveu que não era o melhor momento para deixar sua mãe morando sozinha, com quem mora até hoje, e assumiu a clínica que a família geria em Caridade (cerca de 98 km de Fortaleza). Em 2018, abriu uma salgaderia em Fortaleza para abastecer cantinas de escolas e comidas para festas e vender no balcão da loja.

É devido a um marco da salgaderia que César tem tanta certeza do ano em que o desabamento do Edifício Andrea aconteceu. “Eu lembro das pessoas entrando na salgaderia perguntando se tinha almoço. Eu falava ‘não, mas tem um salgado que acabou de sair’. (...) E aí, eu falei ‘não, cara. Eu vou ter que colocar um almoço aqui’. (...) 2019 foi meu último ano

com a salgaderia” (informação verbal)<sup>47</sup>. Foi na hora do almoço, com a salgaderia cheia, que César se deparou com a notícia de que um prédio havia caído no mesmo bairro em que morava.

Como achava que a salgaderia dava trabalho demais e lucro de menos, preferiu manter apenas a clínica no interior do Ceará, porque já tinha esquematizado como funcionava e dava bastante retorno financeiro. Em 2022, decidiu abrir um bar no Meireles. “Eu sou uma pessoa da noite. Eu toco também, tenho uma banda. Sempre gostei de conhecer bares novos, de ir pra festinha, gosto de conversar, de socializar com o pessoal” (informação verbal)<sup>48</sup>. Nessa lógica para ele, o bar seria menos encarado como um trabalho em si, poderia até ser visto quase como um *hobby*.

Hoje, com 42 anos, sua rotina é dividida entre reuniões remotas e visitas em Caridade para orientar o andamento da clínica, além de acompanhar a movimentação do bar, programar as atrações musicais e comprar as mercadorias. Como gosta de empreender e de investir, acompanha as notícias do mercado financeiro, também lê sobre cultura e esporte. Seu momento de se atualizar “é quando eu acordo, quando vou dormir, no almoço, e se eu tiver meio da manhã ou da tarde de carona com alguém” (informação verbal)<sup>49</sup>. Geralmente, busca informações em jornais locais, como O Povo, e na GloboNews, no InfoMoney e em canais do Youtube.

#### **4.2.6 A moradora Rita**

Como seu pai paraibano era do Exército, a baiana Rita (Apêndice H) veio morar no interior do Ceará. As constantes mudanças ocasionou que suas irmãs nascessem em estados diferentes também, uma é amazonense e a outra é cearense. Porém, foi aqui no interior de Várzea Alegre (aproximadamente, a 450 quilômetros de Fortaleza) que conheceu o seu marido. Juntos, administram uma rádio. “Ela é bem povão, bem popular. É voltada também pra ajudar a comunidade da cidade. É uma cidade bem pequena. Mas ela foi a primeira FM da cidade” (informação verbal)<sup>50</sup>.

Sua vinda definitiva para Fortaleza foi tardia em relação ao marido. Namoraram a distância por um tempo. Mesmo depois de casados, ainda tiveram que conciliar a distância, porque ela tinha um contrato de trabalho como professora em Várzea Alegre. Rita é formada

---

<sup>47</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Informação fornecida por Rita (nome fictício) no dia 11 de abril de 2024.

em Pedagogia, com licenciatura em Letras e pós-graduação em Gestão Escolar. “Depois eu vim, aí fiz uma pós aqui e terminou que a gente ficou aqui. Meu filho já tem 18 anos, nasceu aqui já em Fortaleza. A gente fez amigos, né? Amigos da igreja, do trabalho dele, da vizinhança” (informação verbal)<sup>51</sup>. Assim, morou no Bairro de Fátima por dois anos e depois se mudou para o Dionísio Torres, onde vive desde 2005.

Seu prédio é localizado bem próximo de onde ficava o Edifício Andrea. O barulho do desabamento aconteceu enquanto estava na garagem, prestes a subir. Os dias seguintes foram acompanhando os resgates de perto. As informações eram passadas para a rádio.

Com pais católicos, seguiu a mesma religião. Além de frequentar a igreja todos os domingos, participa também de grupos de casais religiosos uma vez ao mês. “Faz uma reflexão, lê a Bíblia. Nós temos a proposta de ajudar quem precisa, né? Ajudar instituições. É assim, é aprender mais, ficar mais próximo a Deus” (informação verbal)<sup>52</sup>. Na rádio, eles também já organizaram campanhas de cestas básicas e de cadeiras de rodas para a comunidade.

Rita acredita que a sua paixão por música foi o elemento que uniu ela e seu marido para começar a rádio juntos. Além disso, gosta de fazer artesanato, como enfeites de porta, escapulário de porta, colares de mesa e terços. A produção começou só como uma forma de se distrair e presentear conhecidos, porém hoje vende pelo Instagram a pedido dos amigos.

### **4.3 A razão como bússola da memória**

As matrizes culturais são subsídios que orientam a leitura de mundo dos sujeitos, de acordo com a história do grupo social em que está inserido, a qual está cravada na experiência social do indivíduo (Mazzarino, 2008). Por ser baseada em ideologias políticas de viés iluminista — por exemplo, marxismo, anarquismo e liberalismo —, a matriz cultural racional-iluminista é guiada por valores como a razão (Sunkel, 1987). Nesse contexto, é a razão que vai direcionar as leituras neste grupo de entrevistados que se caracteriza por termos em comum alguma formação ou experiência na área de edificações e imóveis.

De fato, muitas das lembranças do síndico Assis, da arquiteta Larissa e do engenheiro Alexandre são vinculadas à matriz cultural racional-iluminista. Isso pode ser

---

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Ibidem.

notado em suas falas a partir das leituras técnicas que fazem do desabamento, da linguagem abstrata utilizada, da valorização da ciência e da presença de dicotomia de natureza técnica.

Observa-se que Larissa e Alexandre remontam o desabamento do Edifício Andrea com noções e vocabulário próprios de suas áreas de atuação. Larissa relembra que o Andrea “é um prédio antigo e tinha sido feito análise da construção pra saber se ela está OK, que é uma coisa periódica, que se faz pra saber se a edificação está bem, se ela pode continuar com a mesma capacidade de pessoas, se precisa reforma de fachada” (informação verbal)<sup>53</sup>.

E ainda, ela comentou que “pelo que eu me lembre, não foi um cisalhamento no meio do edifício. Que eu me lembre, foi na base. O problema era a base” (informação verbal)<sup>54</sup>. Em outro momento, ressaltou em como a vistoria predial é uma ação básica para situações como essa. É por meio da formação em Arquitetura e Urbanismo que Larissa tem os recursos para fazer uma análise de como aconteceu o desabamento e da importância desses procedimentos.

A mesma tendência de recorrer a conceitos especializados para remontar o caso foi encontrada na fala de Alexandre. Ele relaciona o desabamento do Edifício com a noção de colapso progressivo, que era a temática de sua pesquisa que iria apresentar no congresso.

Eu tinha desenvolvido um trabalho sobre colapso progressivo, que é o que aconteceu lá, né? É quando tem um prédio, por exemplo, e você tem um colapso pontual ali: um pilar se perde ou uma laje colapsa, ou uma viga, qualquer estrutura pontual. E dali, há um efeito dominó, como a gente chama, né? (Informação verbal)<sup>55</sup>.

Na matriz cultural racional-iluminista, a linguagem é abstrata e conceitual (Sunkel, 1987). Ou seja, utiliza-se mais conceitos e teorias, que exigem um nível técnico para compreensão e que torna a comunicação distante da realidade cotidiana. Nesse contexto, Larissa e Alexandre constantemente utilizam definições e palavras de caráter profissional, em explicações mais elaboradas.

Enquanto os outros entrevistados, e até mesmo as notícias, recorrem com mais frequência ao termo “coluna”, ambos mencionaram “viga” em algum momento, que é menos usual na linguagem coloquial. Alexandre também cita que o Andrea era de “concreto armado” (informação verbal)<sup>56</sup> e que “circulou na internet uma foto de um dos pilares bem deteriorado, quase sem seção” (informação verbal)<sup>57</sup>.

---

<sup>53</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> Ibidem.

Outra característica da matriz cultural racional-iluminista é a valorização da ciência (Sunkel, 1987). Ao contrário das superstições, do misticismo e dos saberes populares, ganha respaldo o que tem embasamento científico, o qual pautará o processo que levará ao progresso. Na entrevista de Assis, seu posicionamento quanto à importância do estudo é ressaltado em diferentes momentos.

Na visão do entrevistado, as pessoas precisam estudar para desempenhar as atribuições de seus respectivos cargos. Como ele vai assumir a sindicância do prédio de onde mora, busca estar a par das atualizações sobre administração de condomínio. “Eu procuro sempre estar estudando toda essa área, porque o síndico tem que saber de tudo, entendeu?” (informação verbal)<sup>58</sup>. Por isso, interessava-se sobre o caso do Edifício Andrea.

Da mesma forma, afirma que, para realizar a reforma que envolveu o desabamento, não pode-se confiar em qualquer pessoa, é necessário um engenheiro.

Sempre que tiver esse problema com a estrutura, você realmente chamar uma pessoa que entende, chamar um engenheiro. (...) As pessoas estudaram pra resolver determinados assuntos. Então, você tem que confiar, principalmente na ciência, né? Porque... não deixa de ser uma ciência, a engenharia. Se você vai colocar um prédio inteiro, que tá com problema, na mão de pessoas que num estudaram pra resolver aquele determinado assunto, pode acontecer do prédio cair, né? Aí como caiu aquele prédio, o prédio veio abaixo por conta de pessoas incompetentes, né? (Informação verbal)<sup>59</sup>.

Nessa mesma fala de Assis, percebe-se uma dicotomia entre pessoas competentes e incompetentes. Esse tipo de dicotomia é de natureza técnica, predominante na matriz cultural racional-iluminista, que busca salientar oposições como o eficiente e o ineficiente. O síndico contrasta as pessoas que tiveram seus conhecimentos embasados na ciência — no caso, a engenharia — com pessoas que não apresentam a mesma qualificação profissional.

A partir daí, Assis conclui que este desabamento se tornou uma lição que as pessoas vão ficar lembrando. “Quando você ouvir falar de estrutura, de prédio, de cuidado... eu acho que ficou um ensinamento, né? Foi o ensinamento pra você num contratar qualquer pessoa, num negócio desse” (informação verbal)<sup>60</sup>.

Nessa mesma lógica, Alexandre conta que utiliza o caso do Andrea como um exemplo para as pessoas da área de Engenharia se conscientizarem da responsabilidade. “Teve outros prédios que vieram a colapso e a gente meio que tem uma responsabilidade. O pessoal

---

<sup>58</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Ibidem.

da engenharia, do cálculo, do projeto. A gente tem que citar e falar sobre isso” (informação verbal)<sup>61</sup>.

Também, Larissa lembra da professora de Estruturas explicar “como era grave você não fazer esse tipo de manutenção e você não respeitar a sustentação dos pesos quando você vai fazer uma reforma” (informação verbal)<sup>62</sup>. Ou seja, o caso é lembrado e estudado como uma evidência tanto no mercado de trabalho quanto na universidade, de uma forma racional, para que o acontecimento não se repita.

A matriz cultural racional-iluminista também está relacionada com a capacidade dos sujeitos de elaborar uma interpretação ou dar saliência para alguns detalhes devido à sua formação técnica. O desabamento gerou bastante opiniões sobre de quem era a culpa do episódio. De acordo com suas atribuições e formações profissionais, Alexandre e Assis dispõem de um olhar de perícia de quais sujeitos são responsáveis pelo acontecimento.

Alexandre lembra que foi convidado para ministrar diversas palestras sobre o assunto. De acordo com ele, havia vertentes de culpar a síndica, por ela não ter resolvido o problema antes; os engenheiros, por deteriorar os pilares; o Conselho de Engenharia e Agronomia do Ceará (CREA/CE), por ter habilitado os engenheiros responsáveis pela obra, e a faculdade onde os engenheiros se formaram, por supostamente ter vendido o diploma.

Quando ele estava começando a dizer que chegou a pensar que era culpa da síndica na época, interrompeu a fala e disse que “todo mundo tem uma certa culpa, né? Existe a irresponsabilidade de pessoas ali, não dá para apontar o culpado, mas isso passou muito pela minha cabeça” (informação verbal)<sup>63</sup>. A mesma questão de ter um culpado foi mencionada por Assis. “Se essa síndica não tivesse morrido, (...) a culpa ia recair toda em cima dela” (informação verbal)<sup>64</sup>.

Sob outro viés, entre todos os entrevistados, o síndico Assis foi o único a citar o fato de que a síndica do Edifício Andrea havia feito o levantamento de três orçamentos para a reforma no prédio e tinha escolhido o mais barato. É possível que essa informação tenha sido mais marcante para Assis devido à sua vivência como síndico. “E as pessoas foram deixando, foram adiando essa reforma. Aí chegou um ponto que não tinha mais como, né? Aí a síndica pegou uns orçamentos, três orçamentos, e ficou o menor orçamento possível” (informação verbal)<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>62</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>63</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>64</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

Esses foram elementos da matriz cultural racional-iluminista revelados nas entrevistas com os três sujeitos que foram selecionados por suas atuações relacionadas a construções e a condomínio. Efetivamente, foram encontrados linguagem abstrata, enaltecimento do conhecimento científico e dicotomia entre noções relacionadas à eficiência, bem como leituras próprias do acontecimento que estão vinculadas às suas vivências profissionais. Entretanto, isso não significa que as lembranças desses sujeitos sejam orientadas exclusivamente por essa matriz cultural.

#### **4.4 A lembrança dominada por sentimentos**

Enquanto a matriz cultural racional-iluminista foi encontrada de fato apenas nos sujeitos que possuem vivências relacionadas à construção e à gestão de condomínio, a matriz simbólico-dramática repercutiu bastante em todos os sujeitos, inclusive os técnicos da área, ao lembrarem desde o primeiro contato com a notícia do desabamento até os resgates e seus desdobramentos.

De acordo com Sunkel (1987), por meio da matriz cultural simbólico-dramática, as pessoas têm suas visões relacionadas às emoções e aos conhecimentos populares. Além disso, possui uma linguagem mais concreta e objetiva, que é mais próxima das práticas cotidianas. Com uma estética sensacionalista e com uma grande influência da religião, as representações frequentemente apresentam uma dicotomia entre bem e mal, paraíso e inferno, entre outros.

Quanto à linguagem, os entrevistados utilizam palavras e expressões populares, típicas do dia a dia. Quando Assis se refere ao vídeo do homem que estava sentado e corre ao escutar o prédio cedendo, utiliza uma expressão para explicar que o rapaz conseguiu se salvar do perigo por poucos segundos. “Ele, como quem diz aqui no Ceará, ‘escapou fedendo’.” (informação verbal)<sup>66</sup>. Já o morador César, quando vai se referir à imagem do Davi embaixo dos escombros, usa uma outra expressão corriqueira para falar que o rapaz estava fazendo um sinal de positivo, com o polegar. “Se eu não me engano, ele estava até de alguma forma assim tranquilo, dando um ‘legal’.” (informação verbal)<sup>67</sup>.

Em alguns momentos, a moradora Simone se comunica de uma forma mais sarcástica. Diferente da linguagem técnica e científica, que busca não abrir margens para muitas interpretações, a ironia de Simone traz diversas nuances para abordar o aumento de

---

<sup>66</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>67</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

assaltos na região com a queda do Edifício Andrea e a conseqüente falta de iluminação e movimento na esquina. “Ficava ótimo pra assalto. Todo mundo já tinha sido batizado. Só faltava eu mesmo” (informação verbal)<sup>68</sup>. Sua fala tem a intenção de que seja compreendido o oposto. Em relação às dicotomias, nenhuma não foi localizada na fala dos participantes.

Ao analisar a matriz racional-iluminista, buscou-se elementos que estão embasados em conhecimento técnico, que são utilizados como repertório para reconstruir a lembrança de uma dada maneira, e não de outra. Já a partir da matriz simbólico-dramática, identifica-se as emoções atreladas às lembranças. De fato, a linha entre os sentimentos é muito tênue. Dessa forma, é uma tarefa desafiadora “encaixotar” em categorias o que é subjetivo, fluido e disperso em sua própria essência.

Por isso, foram destacadas e agrupadas as emoções e os sentimentos mais predominantes nas falas dos entrevistados, considerando que pode haver mais de um no mesmo trecho. A maioria dos sentimentos observados se repetem entre os sujeitos, porém a motivação e a intensidade variam devido ao contexto em que eles estão inseridos. Assim, eles se sentem mais ou menos próximos às vítimas, ao local e ao acontecimento em si.

Para auxiliar na identificação das emoções e dos sentimentos presentes nas falas dos entrevistados, foram utilizadas as definições de Alba Cardoso (2018). Com o intuito de diferenciar os conceitos, a autora parte do entendimento de que emoção dura poucos minutos e geralmente é ativada por fatores externos, como a surpresa, a raiva, o alívio. Já o sentimento é mais duradouro e é ativado pelos próprios pensamentos e pelo processamento das sensações físicas, por exemplo, o amor, o ciúmes e a dúvida. Por fim, o estado de ânimo geralmente é difuso, não necessariamente tem um motivo aparente e pode ser gerado pela atmosfera do ambiente ou por questões somáticas, como o desamparo, a impaciência e a preocupação.

Os conceitos foram utilizados como suporte para delimitar e definir o que está sendo trabalhado. Das emoções, foi identificada a surpresa. Entre os sentimentos, foram constatados o temor, a empatia, a esperança, a frustração, a ojeriza, o dissabor, a admiração e a curiosidade. De estado de ânimo, foram observadas a preocupação, o otimismo e a tranquilidade.

Ao lembrarem de quando ficaram sabendo da notícia, alguns relatos remontam a preocupação que sentiram pela possibilidade de alguém do seu círculo próximo estar em risco. A preocupação é um “estado de ânimo inquietante e perturbador decorrente de ideia fixa, antecipada e dominante quanto a pressentimento sobre evento desagradável que possa

---

<sup>68</sup> Informação fornecida por Simone (nome fictício) no dia 12 de abril de 2024.

ocorrer consigo ou com algo ou alguém que esteja sob sua responsabilidade e cuidado” (Cardoso, 2018, p. 85).

A primeira associação que Alexandre faz é com a casa da sua namorada da época, que morava na rua Tibúrcio Cavalcante, “que é a mesma rua do Andrea. (...) Fiquei muito preocupado com isso. Aí eu fui atrás de saber o local, liguei pra ela” (informação verbal)<sup>69</sup>. Da mesma forma, a mãe de Alexandre ficou preocupada com ele por achar que o desabamento foi na região em que ele morava.

Uma das primeiras informações divulgadas foi o bairro em que aconteceu o desabamento. Isso despertou a preocupação de César em pleno horário de almoço, na salgaderia cheia. Por saber que foi no Dionísio Torres, logo pensou em sua mãe e em seus irmãos. Porém, ao descobrir a rua em que o Edifício ficava localizado, sentiu-se melhor por ter a certeza de que estavam a salvo.

A preocupação dos entrevistados também se manifestou ao se depararem com a possibilidade de outros prédios estarem em risco de desabamento, principalmente, onde moram. Encontrar ferros à mostra na estrutura da garagem levou Assis a conversar com os outros condôminos sobre a situação repetidas vezes e a utilizar o Edifício Andrea como exemplo. A preocupação é gerada pela falta de agilidade do atual síndico em resolver a questão. “Esse problema é como uma ferida: se você não cuidar, a ferida vai crescendo, entendeu? Porque os ferros vão aparecendo só um pouquinho ali, aí depois ele vai aparecendo mais” (informação verbal)<sup>70</sup>.

Na mesma medida que Assis se mostra preocupado, também revela um otimismo, “estado de ânimo alegre e esperançoso decorrente da disposição para ver as coisas pelo lado bom, aceitá-las como são ou esperar sempre uma solução favorável, mesmo diante das situações mais difíceis, geralmente acompanhado de atitude proativa”, de acordo com Cardoso (2018, p. 80).

Na espera de assumir a sindicância de seu condomínio e na tentativa de controlar o desgaste do prédio, o futuro síndico tem a expectativa de que o problema seja resolvido em breve. “Se Deus quiser, quando eu assumir, vai ser a primeira coisa que eu vou fazer, mostrar as imagens do que foi o que aconteceu e fazer logo esse negócio” (informação verbal)<sup>71</sup>.

No prédio onde Larissa morava com a família, os próprios moradores começaram a notar e a falar sobre possíveis sinais de que a estrutura do prédio não estava em perfeitas

---

<sup>69</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>70</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>71</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

condições. Por isso, houve assembleias para discutir a possibilidade de uma vistoria. O sinal de alerta de Larissa foi ainda mais intensificado por um caso de desabamento parcial que aconteceu perto da casa dela. “Teve um prédio que caiu um pedaço da sacada numa menina que estava na rua” (informação verbal)<sup>72</sup>.

Quanto a César, ele passou a se interessar mais sobre as manutenções do prédio onde morava por ser uma construção antiga. “Isso me deu uma luzinha vermelha ali” (informação verbal)<sup>73</sup>. Além disso, ele afirma que, mesmo não tendo certeza se há relação direta, hoje também fica preocupado com os prédios em que frequenta nos momentos de lazer, nos bairros Praia de Iracema e Centro. Apesar de algumas construções já terem sido restauradas, outras ainda não. Então, ele fica se questionando “será que isso pode cair?” (informação verbal)<sup>74</sup>.

Para Simone, a preocupação começou com o barulho do prédio caindo. Enquanto estava tomando banho, após chegar da casa de seu marido, o chão também tremeu, e a cachorra começou a latir. Então, enrolou-se na toalha e foi ver o que tinha acontecido na rua, sem abrir o portão. Meses depois, sua preocupação era voltada para a dificuldade que precisaria enfrentar no mercado imobiliário, uma vez que seu imóvel desvalorizou consideravelmente, assim como o de seus vizinhos. “Eu pensava em vender, eu digo, ‘meu Deus, como é que eu vou vender essa casa?’, né?” (informação verbal)<sup>75</sup>.

O estrondo ocasionado pela queda das toneladas de concreto também foram motivo de preocupação para a moradora Rita, que estava estacionando o carro na garagem. Ao subir no elevador, a informação de que um prédio havia desabado já foi contada por uma vizinha. Quando chegou em casa, a notícia foi confirmada pela moça que realizava os trabalhos domésticos em sua casa. Então, logo desceu para ver o que tinha acontecido de fato.

Diante do risco que um desabamento de prédio representa, foi observado na fala de alguns participantes o temor, que é um “sentimento de receio decorrente da sensação ou consciência de perigo iminente, ou da falta de tranquilidade diante de ameaça feita por alguém” (Cardoso, 2018, p. 100).

Ao realizar o laudo em estruturas, Alexandre conta que agora tem uma ponderação maior ao subir nos prédios. Em 2020, chegou a ter crises de pânico. “Algumas vezes, quando eu tive as crises, era isso: eu estava num prédio que ia desabar. E o que vinha

---

<sup>72</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>73</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> Informação fornecida por Simone (nome fictício) no dia 12 de abril de 2024.

pela minha cabeça era o Andrea!” (informação verbal)<sup>76</sup>. Por isso, em alguns casos, Alexandre se recusou a entrar em prédios durante o serviço. Quando foi solicitado por uma síndica que subisse em um edifício no bairro Papicu, preferiu recusar. “Ainda falei assim: ‘ainda daqui, eu vou lá na Defesa Civil fazer uma denúncia’. Então, assim que eu tava, né?” (informação verbal)<sup>77</sup>.

O mesmo temor foi vivenciado por Larissa, que ela atribui até ser um dos motivos para lembrar do desabamento do Edifício Andrea. “Eu acho que eu lembro tanto desse caso por causa desse meu medo” (informação verbal)<sup>78</sup>. A entrevista de uma das vítimas resgatadas com vida do desabamento foi bastante impactante para a arquiteta. De acordo com Larissa, o rapaz relatava o seu estado de incredulidade pelo acontecido e por ter perdido tudo. Assim, qualquer barulho já despertava temor de um desabamento do prédio antigo em que morava, provocando noites de insônia, devido aos pensamentos intrusivos. “Eu lembro de não dormir porque eu achava que o prédio ia cair e todo mundo ia morrer” (informação verbal)<sup>79</sup>.

Esse é um ponto interessante a ser destacado. As duas pessoas que desenvolveram um temor mais intenso foram aquelas que tinham a maior proximidade com a área profissional de construção. Possivelmente, por entender com mais profundidade os riscos que estavam envolvidos e pela frequência em que se deparavam com temas correlatos em suas profissões, estavam mais expostos e imersos nas possibilidades que poderiam acontecer ao seu redor. Essa questão pode ser até um cruzamento entre a matriz cultural racional-iluminista e a simbólico-dramática.

Em contraste ao temor relatado por eles, Rita já se sentia impactada em relação a isso. A tranquilidade é um “estado de ânimo sereno de paz e quietude decorrente da sensação de estabilidade ou segurança íntima e da ausência de preocupações ou sobressaltos” (Cardoso, 2018, p. 101). Apesar de seu filho também ter ficado assustado com o que aconteceu, ela transparece tranquilidade, “porque eu achei que foi uma fatalidade ali... Falaram que o prédio já estava com alguns problemas” (informação verbal)<sup>80</sup>.

Ou seja, para Alexandre e para Larissa, o Edifício Andrea era uma amostra do que poderia acontecer. Para Rita, era um caso isolado. O impacto causado por ser engenheiro é comentado por Alexandre. “Eu moro no meu prédio lá e eu vejo que tem algum problema, aí eu indico, falo com a síndica. Eu acho que, se eu fosse leigo, eu acho que eu não falaria”

---

<sup>76</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>77</sup> Ibidem.

<sup>78</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>79</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> Informação fornecida por Rita (nome fictício) no dia 11 de abril de 2024.

(informação verbal)<sup>81</sup>. Dessa forma, os conhecimentos em Engenharia que o tornam consciente do perigo.

Além disso, Rita foi a única, entre os entrevistados que moravam em prédio, que não citou sobre estar mais atenta às manutenções da estrutura de onde morava, o que reforça a sua postura de tranquilidade quanto a isso. Por outro lado, Assis, César, Larissa e Alexandre se mostraram mais preocupados com essa questão depois do desabamento do Andrea. Simone é a exceção do tipo de moradia dos demais, que é a única que residia em uma casa, e também não comentou sobre a preocupação da possibilidade da sua casa desabar.

Ao relembrem o período de resgate, a maioria das falas dos entrevistados são atravessadas pela empatia que sentiam pelas vítimas. Empatia é um

sentimento de identificação, compartilhamento e unidade emocional com alguém, derivado por extensão do sentido da capacidade de compreender as emoções e os sentimentos alheios, de querer o que o outro quer, de apreender do modo como o outro apreende. (Cardoso, 2018, p. 49).

Larissa conta que foi compartilhada, pelos *stories* no Instagram, uma grande campanha para arrecadar roupas e alimentos e ajudar as vítimas, que perderam tudo. Entre elas, um primo da sua atual sócia, também morador do Edifício Andrea. A arquiteta também lembra que assistiu no jornal que alguma casa da região do desabamento estava acolhendo os desabrigados.

Por considerar incomum ter uma relação próxima com vizinhos, o engajamento dos moradores do entorno se destacou na sua memória. “Eu acho que quando você vê diariamente a situação, é mais fácil você ter empatia, ao invés de você desligar a TV e morrer o assunto” (informação verbal)<sup>82</sup>. E foi o que aconteceu com Rita, que conseguia visualizar tudo até da varanda.

Além da contribuição com doações, Rita não tinha noites de sono tranquilas por saber que, ao lado de seu apartamento, havia pessoas soterradas e por pensar no que os familiares delas estavam enfrentando. “Eu sou uma pessoa muito emotiva, aí eu me envolvo mesmo” (informação verbal)<sup>83</sup>. Essa não foi a primeira vez que a moradora se engaja em doações, visto que ela mesma já organizou campanhas para arrecadar cadeira de rodas pela sua rádio, na cidade de Várzea Alegre.

---

<sup>81</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>82</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>83</sup> Informação fornecida por Rita (nome fictício) no dia 11 de abril de 2024.

A empatia foi notada tanto por quem estava mais distante, como Larissa, quanto por quem estava diretamente envolvido, como vizinhos, voluntários e bombeiros.

Achei interessante, que além daquela tragédia, eu vi a parte de solidariedade das pessoas. Eram pessoas orando, eram pessoas trazendo mantimento, água, trazendo muita coisa até um equipamento que achasse que faltava ali dos bombeiros. As pessoas procuravam trazer até luvas. Eu me lembro que teve essa história. Até os bombeiros, além da parte do trabalho, eles se envolveram com muita, muita emoção. E também com muita vontade de resgatar as pessoas. (Informação verbal)<sup>84</sup>.

Apesar de não ter conhecido nenhuma vítima nem morar no mesmo bairro, Alexandre demonstrou empatia ao sentir que o acontecimento teve maior impacto por ser próximo à sua realidade, como sentisse que conhecia as pessoas. Antes, a sua primeira associação a prédio caindo era com o caso das Torres Gêmeas, em 2001, que impressionava bastante pela quantidade de mortos e pela raridade do acontecimento.

Só que ainda está um pouco longe da gente, né? O Andrea, que foi aqui do lado. Nossa... Dez vezes pior a sensação. Na época, eu ficava angustiado, entendeu? Meu Deus. Eu ficava pensando nessas pessoas, porque você meio que conhece, sabe? “Ah, fulano mora não sei aonde, a prima de não sei quem”. Meu Deus, entendeu? Aí “fulano vem lá de (cidade) Aquiraz pra visitar”. De Aquiraz, caraca, onde eu moro. Então, você associa mais à sua vida e o impacto é maior. Pelo menos, eu senti isso. (Informação verbal)<sup>85</sup>.

Essa sensação de que as pessoas envolvidas no desabamento tinham algum grau de proximidade com eles também foi relatada por Larissa: “sempre tinha alguém que conhecia alguém que tinha relação com o Edifício. Então, se juntava a galera para apoiar” (informação verbal)<sup>86</sup>. Assim, o envolvimento emocional geralmente se torna maior. Nesse contexto, as buscas por sobreviventes geraram expectativas positivas.

Em meio a escombros e a centenas de pessoas na operação de resgate, os sentimentos encaravam altos e baixos. Com a saída das primeiras vítimas vivas, Rita torcia que o restante tivesse o mesmo sucesso. A esperança é um

sentimento confiante de expectativa otimista ou convicção quanto à evitação de estados negativos, à transformação de dificuldades em resultados positivos, e à concretização de eventos almejados e circunstâncias favoráveis, mesmo quando pouco prováveis. (Cardoso, 2018, p. 54).

---

<sup>84</sup> Ibidem.

<sup>85</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>86</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

À noite, a moradora ficava na espera de mais pessoas serem resgatadas. Em seguida, veio a frustração ao se deparar com as vítimas fatais. “Essa moça que eu falei, que eu me lembro, que eu acho que ela era nova ainda, uma psicóloga, todo mundo ficou triste que ela não... Todo mundo tinha esperança que ela saísse com vida, né? Não saiu” (informação verbal)<sup>87</sup>. A expectativa criada não foi correspondida. Segundo Cardoso (2018, p. 59), a frustração é “sentimento de insatisfação, desapontamento e contrariedade diante de algum fracasso ou não consecução dos próprios desejos, planos e expectativas, resultando em prejuízo ou injustiça, seja provocado por si mesmo ou por outrem”.

Enquanto Rita preferia descer do prédio e acompanhar de perto os resgates, Simone desejava distância. Distância do local, distância das notícias. Ojeriza é um “sentimento de intensa antipatia e repulsa, acompanhado de má vontade contra algo ou alguém, normalmente causado por sensação ruim difusa, intuição desagradável ou ressentimento decorrente de ofensa sofrida” (Cardoso, 2018, p. 80). Já era um hábito passar alguns dias com seu marido no Cumbuco, de vez em quando. Por isso, esse foi o local escolhido para se afastar da sua residência durante a operação.

Como preferia não assistir aos jornais, mesmo sendo consumidora assídua de notícias, era seu marido quem assistia e a atualizava sobre a situação. Simone só voltou a acompanhar as notícias quando começaram a debater sobre o que fariam no terreno. Até hoje, ela sente ojeriza ao abordar o desabamento do Edifício Andrea. “Eu normalmente costumo diminuir o assunto, sabe? Porque eu não gosto muito assim. É uma coisa complicada” (informação verbal)<sup>88</sup>. Frequentemente, é questionada por entregadores e motoristas de táxi e de Uber se foi naquele terreno da frente que desabou um prédio e se ela conhecia alguém.

É Simone quem demonstra mais tristeza ao lembrar do caso, provavelmente pelo seu laço afetivo e histórico, uma vez que conhecia pessoalmente alguns dos moradores do Edifício Andrea que morreram e por ela mesma ter morado lá. Para Cardoso (2018, p. 46), dissabor é um “sentimento de mágoa e tristeza decorrente do recebimento de alguma notícia ruim ou da vivência de aborrecimento, contrariedade ou perda, geralmente acompanhado do enfraquecimento da motivação ou gosto pela área problemática”.

O desabamento chegou a impactar sua saúde mental. “Foi muito tempo da minha terapia. Fiquei muito, muito mal por causa disso, sabe? Me deu uma certa baqueada. Não chegou a ser uma depressão, mas me deu uma baqueada grande. Juntou também com o

---

<sup>87</sup> Informação fornecida por Rita (nome fictício) no dia 11 de abril de 2024.

<sup>88</sup> Informação fornecida por Simone (nome fictício) no dia 12 de abril de 2024.

processo de aposentar, né?” (informação verbal)<sup>89</sup>. Ela acredita que o impacto emocional também teve relação com a morte dos vizinhos mais idosos das casas ao lado da sua.

Sob outro viés, a participação dos bombeiros, que foi bastante destacada na cobertura jornalística, gerou uma admiração, que é “sentimento prazeroso de respeito e simpatia direcionado a algo ou alguém considerado incomum, encantador, extraordinário, seja portador de rara beleza, habilidade excepcional ou grande bondade” (Cardoso, 2018, p. 17).

Simone percebe que o assunto do Andrea também volta a ser comentado devido aos elogios que a mãe dela faz para o trabalho dos bombeiros. “Ah, porque ali eles trabalham!” (informação verbal)<sup>90</sup>. Para Alexandre, que diz que já tinha respeito por eles, o desabamento do Edifício Andrea comprovou como é difícil o trabalho desenvolvido por esses profissionais. “Eu lembro muito do tenente lá no Corpo de Bombeiros dando entrevista, ele estava bem empenhado. Foi uma figura que marcou pra mim, por exemplo, né?” (informação verbal)<sup>91</sup>.

Como na história recente de Fortaleza não se repercutiu nenhum caso de desabamento completo e com mortes, tal qual o caso do Edifício Andrea, o acontecimento gerou bastante surpresa, que é uma “emoção flagrante de pasmo ou espanto diante de acontecimento súbito, a exemplo de notícia inesperada, quebra de expectativas; visita não planejada, confusão repentina ou até prazer e sucesso imprevistos” (Cardoso, 2018, p. 99).

Assim como Alexandre, Assis também comenta sobre as torres do 11 de setembro ao relembrar do caso do Edifício Andrea. Porém, Assis comenta sobre o acontecimento dos Estados Unidos para fazer referência à sua surpresa ao lidar com a imagem de um prédio caindo. “Tinha acontecido aqueles aviões que bateram nas torres, né? Ali ficou muito gravado na memória da gente. (...) Mas é isso... porque é um impacto, né? Com uma coisa que acontece... cair um prédio! Poxa, em Fortaleza, a gente não escuta muito uma notícia dessas” (informação verbal)<sup>92</sup>.

O ineditismo do tipo de acontecimento levou curiosos ao local para ver de perto, seja no momento em que os escombros ainda estavam lá, seja no momento em que só havia sobrado o terreno. A curiosidade é um

sentimento irrequieto e impulsivo caracterizado por interesse espontâneo em conhecer, investigar ou experimentar coisas novas, originais ou desconhecidas, a fim de saber quais são as características e como funcionam, evidente na fase infantil do

---

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Ibidem.

<sup>91</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>92</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

desenvolvimento humano e nas atividades exploração, a exemplo das ciências e do turismo, ou de caráter indiscreto e invasivo quando morbidamente relacionado à intimidade, pensamentos e cotidiano dos outros. (Cardoso, 2018, p. 38).

Já que passava perto do local todo dia, Alexandre tinha a curiosidade de ver o lugar em que aconteceu o desabamento. Assim, alguns meses depois, resolveu desviar o seu caminho para passar por lá. “Eu fiquei muito curioso pra ver, eu lembro, o local. (...) Quando eu cheguei lá, o terreno já estava nivelado, já estava com muro, né? Eu nem sei como é que está hoje” (informação verbal)<sup>93</sup>. Além disso, ele e os outros professores continuaram interessados no que causou o desabamento e no desfecho judicial dos acusados. “A gente sempre estava esperando essas respostas e também da condenação lá do cara. Se seria condenado ou não, quem ia pagar. Lembro que demorou um pouco pra sair a sentença” (informação verbal)<sup>94</sup>.

Assis afirma ter certeza que seu amigo ficou tão curioso com o desabamento que foi de carro até o local, mesmo morando em um bairro relativamente distante. “Ele mora ali na (bairro) Parquelândia, mas com certeza ele foi. Eu tenho certeza que ele foi, pelo menos, dar uma olhada. É porque é o jeito do cearense, né? O cearense tem que estar em cima” (informação verbal)<sup>95</sup>.

De fato, as emoções, os sentimentos e os estados de ânimo foram bastante relevantes para identificar como a matriz cultural simbólico-dramática está vinculada às memórias dos entrevistados. Além disso, essa matriz cultural também é identificada quando Assis atribui características que acredita serem típicas do cearense e do fortalezense.

Ao primeiro, ele confere a curiosidade. Para ilustrar, Assis conta uma anedota, em meio a risadas, sobre um homem que via um carro caído no barranco e uma multidão aglomerada. Tamanha era sua curiosidade para saber o que tinha acontecido, o homem inventou uma desculpa para passar pelas pessoas e conseguir ver mais de perto. “É a curiosidade do cearense. Ele dizendo que era o irmão da vítima. Era um jumento que tinha sido atropelado e ele querendo ver, querendo ver...” (informação verbal)<sup>96</sup>.

Ao fortalezense, ele designa a vontade de dar notícias ruins, explicando porque recebeu por WhatsApp as informações relacionadas ao Edifício Andrea mesmo morando em outra cidade. “(...) o fortalezense, ele só gosta de dar notícia ruim, né? Aí essa notícia aí...

---

<sup>93</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>94</sup> Ibidem.

<sup>95</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>96</sup> Ibidem.

todo mundo quer mandar, né?” (informação verbal)<sup>97</sup>. Em outro momento, ele se enaltece por ter sido o primeiro, entre seus colegas de trabalho, a dar a notícia sobre o desabamento.

Logo, a matriz simbólico-dramática pode ser notada pela linguagem empregada pelos entrevistados, com expressões cotidianas, pelos sentimentos, emoções e ânimos que direcionam suas memórias e pela leitura que fazem do próprio cearense e fortalezense.

No mapa das mediações comunicativas da cultura, de Martín-Barbero (1997), as relações entre as matrizes culturais e as competências de recepção resultam em formas de socialidade. Assim, ao levantar as matrizes culturais racional-iluminista e simbólico-dramática nas falas dos entrevistados podemos associá-las aos sentidos construídos na memória pelo processo de recepção, referente ao desabamento do Edifício Andrea.

#### **4.5 As memórias da recepção**

Segundo Martín-Barbero (1997), o receptor tem a capacidade de se apropriar das mensagens e criar sentidos próprios de acordo com os contextos sociais em que está inserido. Com isso, observa-se que os entrevistados não lembram das informações de maneira padronizada. Frente aos diversos textos que consumiram, eles selecionaram informações e criaram uma releitura própria.

Cada um deles dá importância diferente às partes do acontecimento, que também estão vinculadas às suas matrizes culturais (Sunkel, 1987). Alguns fatos foram lembrados por quase todos os participantes, que foram bastante divulgados na época. Contudo, outros fragmentos lembrados correspondem a informações mais secundárias, que não necessariamente foram tão repercutidas pela imprensa quanto à data e ao local em que aconteceu, à quantidade de vítimas que sobreviveram e que faleceram, ao tempo da atividade de resgate dos bombeiros, entre outros. No entanto, para os receptores, esses elementos secundários ganharam relevância em sua memória.

Uma das notícias que foi, pelo menos, comentada pelo maior número de participantes foi o fato de uma das vítimas ter tirado uma foto ou ter conseguido entrar em contato com alguém quando ainda estava embaixo dos escombros. O ocorrido é citado por Assis, Alexandre, Simone, César e Rita, ou seja, todos, exceto Larissa.

Rita fala casualmente que “teve um rapaz, parece, que estava só em casa e ele saiu com vida. Estava com o telefone. Deu certo ainda ele falar” (informação verbal)<sup>98</sup>. Porém,

---

<sup>97</sup> Ibidem.

<sup>98</sup> Informação fornecida por Rita (nome fictício) no dia 11 de abril de 2024.

nota-se a surpresa (Cardoso, 2018) de Alexandre por ele dar destaque ao episódio por ser inusitado: “tinha um rapaz que ficou soterrado e conseguiu ligar o telefone. Coisas assim bem absurdas. Esse rapaz, um armário caiu na cabeça dele e protegeu ele” (informação verbal)<sup>99</sup>. César foi ainda mais específico e ainda lembrou que o menino estava fazendo um gesto com a mão para dizer que estava bem.

Outra notícia comentada por Simone, Assis e César foi o vídeo do rapaz que estava sentado e conseguiu correr antes que o prédio desabasse. Assis afirma lembrar que essa foi a primeira imagem que ele viu e que ficou marcada em sua memória.

A imagem que eu gravei mais foi dum rapaz que ele era do jogo do bicho. E ele estava ali. Quando o prédio desabou, ele ouviu aquele barulho, ele saiu correndo. Aí a imagem depois cobre com aquela poeira e ninguém consegue mais ver esse cara. A imagem foi essa: o prédio desabando e esse cara correndo. Essa foi a primeira imagem aqui que ficou. (Informação verbal)<sup>100</sup>.

Essa mesma poeira causada pelo desabamento é comentada por Rita, que presenciou, e por César, que assistiu ao vídeo e que descreve com tom de surpresa (Cardoso, 2018): “eu lembro bem dessa cena, desse senhor, que estava mostrando várias vezes. A coisa desabando, vendo aquela nuvenzona de poeira, né? E ele se levantando e correndo e tal” (informação verbal)<sup>101</sup>.

Os meios de comunicação mais utilizados para se informar sobre o desabamento foram a televisão e, em menor grau, e as redes sociais. A primeira foi citada por Larissa, Alexandre, César, Rita e Simone. A segunda foi lembrada por Assis, Larissa e César, que comentou: “sempre eu tava olhando e tentando acompanhar algumas coisas nos jornais locais daqui, O Povo ou Diário do Nordeste. Acho que os leads das matérias, das notícias sempre circulavam ali no grupo de WhatsApp” (informação verbal)<sup>102</sup>.

Assim, é possível compreender como as imagens se tornaram tão marcantes na memória dos entrevistados, visto que ambos são canais que permitem a circulação de fotos e vídeos. Além da foto do Davi nos entulhos e do vídeo do homem correndo para se salvar, os participantes ainda falam de outras imagens.

Larissa comenta sobre um vídeo que mostrava a ferragem exposta no pilar de sustentação gravado pelos próprios moradores e sobre entrevistas que assistiu das vítimas e dos vizinhos. De acordo com Larissa, uma das entrevistas das vítimas foi o que despertou seu

<sup>99</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

<sup>100</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>101</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

<sup>102</sup> Ibidem.

temor (Cardoso, 2018) de que o prédio onde morava desabasse também, identificado na matriz simbólico-dramática.

Assis relembra do vídeo em que o pedreiro e os engenheiros aparecem realizando a obra momentos antes do desabamento. “E o que me chamou atenção foi que parece que era um engenheiro no vídeo, né?” (informação verbal)<sup>103</sup>. Como analisado na matriz cultural racional-iluminista, a fala dele reverbera a valorização da ciência e a sua leitura de que um engenheiro, que deveria ser um profissional qualificado a realizar a obra, estava envolvido em uma ação que Assis julga errada.

Ademais, Alexandre cita uma foto dos pilares deteriorados que circulou na internet e que motivou os síndicos a entrarem em contato para contratar seus serviços de laudo. Também, César conta de uma captação de imagem do momento do desabamento. “Não sei se era de uma rua de trás ou de uma lateral. Porque, na hora que ele desabou, veio aquele volume de fumaça.” (informação verbal)<sup>104</sup>. Com efeito, foram divulgadas diversas imagens relacionadas ao caso.

A única a não abordar o assunto da causa do desabamento foi Simone. Todos os outros participantes falam de suas lembranças do porquê o prédio veio abaixo. César relembra o motivo da queda do Edifício com incertezas.

E lembro muito falando de uma arquitetura, uma construção irregular, como se o prédio já não tivesse ou já tivesse feito de uma forma errada, ou as manutenções preventivas não tivessem sido realizadas. E lembro que alguma coisa no sentido de quando foram fazer algum trabalho na garagem, se derrubaram alguma coluna, alguma coisa não deu suporte direito. (Informação verbal)<sup>105</sup>.

Já Larissa relembra de uma forma mais precisa ao descrever que era um prédio antigo, que tinha sido feita uma análise da construção antes, que o trabalho realizado pela empresa contratada foi controverso e que o problema foi na base do Edifício. A causa do desabamento foi uma questão bastante especulada na época, por isso muitas notícias tratavam desse assunto, além da intensa divulgação do vídeo da ação do pedreiro e dos engenheiros na coluna, que era tida como uma das principais causas suspeitas.

Dessa forma, o fato de cinco dos seis participantes conseguirem citar o motivo que levou à queda do Edifício Andrea é compatível com a cobertura jornalística que o acontecimento recebeu. Contudo, é interessante examinar a forma como essa mesma informação foi guardada por eles. Enquanto César não tem certeza de como se sucedeu,

---

<sup>103</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>104</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

<sup>105</sup> Ibidem.

Larissa já traz uma lembrança com contornos bem nítidos. Isto é, o porquê de um prédio ter desabado em Fortaleza chamou mais a atenção da profissional que trabalha com arquitetura.

Segundo Bosi (1994), a tendência é que a nossa memória se torne cada vez mais simples e menos detalhada, porém o que for de maior interesse do indivíduo pode resistir mais ao tempo. Então, pode ser que há uns anos o César soubesse descrever com mais certeza o que causou o desabamento, visto que ele lembra, pelo menos, que havia alguma relação com a manutenção da estrutura.

Outra característica observada na fala de Larissa, Alexandre e Rita é a interpretação de que o desabamento foi uma tragédia. Larissa relembra que isso foi tópico de conversa na época. “Mas eu lembro que o que a gente conversava muito é da sensação de tragédia, porque a pessoa perdeu tudo, e da frustração, de tipo: como deixaram isso acontecer?” (informação verbal)<sup>106</sup>.

Assis é o único a se referir a acidente e só foi uma vez quando disse “é porque essas notícias de acidente sempre fica na memória da gente” (informação verbal)<sup>107</sup>. Ao se referirem como tragédia e não como acidente, dão uma conotação de que foi um acontecimento triste de grandes proporções, mas que não foi por acaso.

Tragédia também foi a forma como a imprensa adotou para abordar o caso, como pode ser visto nos títulos “Tragédia do Edifício Andréa: ‘Aqueles pilares não estavam sustentando mais nada’, diz especialista”, do jornal O Povo<sup>108</sup>, e “Oito dias após tragédia, casas interditadas devem ser liberadas”, do Diário do Nordeste<sup>109</sup>. Essa escolha de palavra é vista em outros 21 títulos de notícias do portal do O Povo e 9 títulos do portal do Diário do Nordeste.

De acordo com Bosi (1994), a memória desfigura de forma mais acelerada quando você não participa do acontecimento. Ao considerar que as notícias são como fatos que apenas ouvimos falar e não participamos diretamente, é possível notar algumas distorções nas lembranças dos entrevistados, por exemplo, Alexandre conta que Davi ficou protegido por um armário que caiu na cabeça dele, porém o rapaz soterrado foi encontrado no vão do elevador<sup>110</sup>.

<sup>106</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>107</sup> Informação fornecida por Assis (nome fictício) no dia 28 de dezembro de 2023.

<sup>108</sup> Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/10/18/tragedia-do-edificio-andrea---aqueles-pilares-nao-estav-am-sustentando-mais-nada---diz-especialista.html>. Acesso em 30 maio 2024.

<sup>109</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/paywall-7.100?wall=0&aId=1.2165323>.

Acesso em 30 maio 2024.

<sup>110</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/10/20/jovem-que-fez-selfie-nos-escombros-apos-queda-de-predio-e-m-fortaleza-mostra-video-inedito.ghtml>. Acesso em 19 maio 2024.

Da mesma forma, Assis fala que o homem que estava sentado e foge, antes do prédio desabar, era do jogo do bicho. Na verdade, ele era um vigilante. Sob outro viés, Rita presenciou o resgate da vítima Nayara e ainda hoje consegue lembrar com precisão o que foi noticiado sobre ela: era uma psicóloga, que estava em casa no momento do desabamento porque tinha ido buscar um livro.

A Simone relata poucas lembranças sobre o resgate, provavelmente, devido à sua escolha consciente de não consumir notícias sobre isso durante a operação dos bombeiros. Ela preferia evitar o contato direto e ficar sabendo apenas o que o marido dela contasse depois dele assistir ao jornal, que está relacionado aos sentimentos de dissabor e ojeriza (Cardoso, 2018) de Simone.

A decisão de não acompanhar mais as notícias, em geral, foi tomada por Larissa em 2022, por se sentir exausta depois da quantidade de informações consumidas durante a pandemia. Assim, ela diz não saber o que se desenrolou depois das notícias do Edifício Andrea.

Na verdade, eu nunca soube um desfecho. Tanto do que aconteceu com as pessoas, eu não soube desfecho sobre o que aconteceu com aquele cara da entrevista e eu não sei o que aconteceu no terreno, se fizeram um outro edifício em cima, se virou alguma outra coisa. (Informação verbal)<sup>111</sup>.

Alexandre acompanhou as notícias das primeiras semanas na televisão. O assunto que foi do seu interesse dos desdobramentos, junto aos outros professores com quem trabalhava, foi o laudo que apontaria a causa do desabamento e o processo judicial contra os engenheiros. “Assim, eu não sei o que aconteceu com as famílias, nem nada. E, realmente, fiquei só com as informações ali do momento e segui minha vida” (informação verbal)<sup>112</sup>. Ou seja, interessou-se apenas pelo assunto que estava relacionado com a sua área profissional.

Quando conta que desviou o seu caminho para ver como estava o terreno por curiosidade (Cardoso, 2018), alguns meses depois do desabamento, fala que não sabe o que foi feito no local. Mesmo tendo demonstrado admiração (Cardoso, 2018) pelos bombeiros nos resgates, com destaque até para o “tenente” que estava no comando, não ficou sabendo ou não lembra que está sendo construído o Corpo de Bombeiros naquele endereço.

A curiosidade também foi o fator que motivou Assis a ter uma Sky com a programação de Brasília na sala e outra Sky com a programação de Fortaleza no quarto. Quando estava morando por três anos em Brasília, queria saber o que estava acontecendo na

---

<sup>111</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

<sup>112</sup> Informação fornecida por Alexandre (nome fictício) no dia 17 de abril de 2024.

capital cearense. Por isso, também sempre recebia notícias sobre Fortaleza desse mesmo amigo, pelo WhatsApp.

Pelo ineditismo que gerou a surpresa (Cardoso, 2018), César não se lembra de já ter se deparado com uma notícia como essa em Fortaleza, desde que se entende como alguém que acompanha os jornais. “Não sei se porque foi no meio da Aldeota<sup>113</sup> e aí isso fica mais... né? Mas foi como se, pra mim, fosse a primeira vez que eu estivesse lidando com uma notícia dessa, um prédio desabar” (informação verbal)<sup>114</sup>. O dono de bar se mostra assíduo com as notícias por acompanhar as atualizações dos jornais em diversos momentos do dia, como ao acordar, ao almoçar, ao se preparar para dormir e ao ficar livre de suas atividades.

Apesar das ações voluntárias terem sido bastante noticiadas, com entrevistas das pessoas que estavam à frente da organização, com orientações do quê e onde as pessoas poderiam doar e sobre a interação entre voluntários e bombeiros, a questão da mobilização de voluntários só foi citada por Larissa e por Rita, que são lembranças vinculadas ao seu sentimento de empatia (Cardoso, 2018). Larissa, por exemplo, conta das doações que foram arrecadadas pela campanha compartilhada no Instagram e de que viu no jornal que tinha uma casa acolhendo os moradores desabrigados.

Além disso, Simone conta que o desabamento se tornou uma data que é lembrada pelos jornais, mesmo depois de anos. Em uma conversa com a sua mãe, que acreditava que o assunto não era mais abordado pela mídia, Simone pegou seu celular e fez uma rápida pesquisa. “Aí fui mostrar pra ela que sempre o Jornal O Povo nas datas de aniversário... e outros veículos falam também, que tem outras notícias. Eu mostrei e ela ficou surpresa, sabe? Por ter essa essa marcação” (informação verbal)<sup>115</sup>.

Segundo Halbwachs (1990), nossas memórias estão ligadas às memórias dos grupos nos quais estamos inseridos, e as memórias dos grupos estão associadas às da sociedade de que fazem parte. Assim, Simone contribui para que a memória se mantenha viva em seu núcleo familiar. César conta que não pensava no Edifício Andrea há um tempo considerável. “Mas eu confesso pra ti que essa história tinha meio que ido pra um lugar adormecido aqui da minha cabeça assim, não é algo que eu lembrasse com uma certa frequência” (informação verbal)<sup>116</sup>, porém, ainda assim, foi capaz de retomar detalhes do caso por fazer parte de uma sociedade em que essa memória existe.

<sup>113</sup> Ele dá ênfase à possibilidade do assunto ter ganhado mais destaque por ter acontecido na “Aldeota”, que é o nome de um dos bairros e é um termo utilizado comumente para se referir à área nobre de Fortaleza, de forma geral.

<sup>114</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

<sup>115</sup> Informação fornecida por Simone (nome fictício) no dia 12 de abril de 2024.

<sup>116</sup> Informação fornecida por César (nome fictício) no dia 24 de abril de 2024.

Com isso, pode-se analisar que a leitura que os entrevistados fazem das mensagens recebidas pelos meios de comunicação estão relacionadas com o tensionamento entre matrizes culturais e competências de recepção, como aponta Martín-Barbero (1997), resultando em formas de socialidade. De fato, suas vivências e seus contextos possibilitaram uma interpretação diferenciada do evento, direcionando o quê lembram e como lembram.

A fala despreziosa de Larissa acaba reunindo e representando todos os elementos aqui analisados. “Eu vi a situação, eu vi os vídeos. Então, eu acho que o que fez ficar na minha memória é o medo e a coisa visual mesmo, de a cena ficar na cabeça. E a proximidade com a área” (informação verbal)<sup>117</sup>. Em sua memória, o medo citado está relacionado ao temor (Cardoso, 2018), vinculado à matriz cultural simbólico-dramática; o visual que a Larissa fala é quanto aos vídeos assistidos, interpretados e memorizados por ela, consistindo nas suas competências de recepção, e a proximidade com a área é o fator da matriz cultural racional-iluminista, que a permite ter uma visão técnica do desabamento por ser arquiteta.

---

<sup>117</sup> Informação fornecida por Larissa (nome fictício) no dia 8 de abril de 2024.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desabamento do Edifício Andrea gerou grande comoção em outubro de 2019. Para muitas pessoas, essa foi a primeira vez que estavam lidando, de forma tão próxima, com a notícia de que um prédio veio abaixo enquanto seus moradores viviam suas rotinas, como mais uma terça-feira qualquer. Bosi (1994) afirma que cada geração tem memórias de acontecimentos da sua cidade como marcos na história. Possivelmente, o desabamento do Edifício Andrea é um deles para Fortaleza.

Frente ao questionamento de como o nosso cotidiano se relaciona com as memórias que temos sobre determinadas notícias jornalísticas, o objetivo dessa pesquisa foi analisar a mediação de socialidade e a memória sobre o desabamento do Edifício Andrea, com base na teoria das mediações de Martín-Barbero (1997).

Com bagagem cultural, vivências e referências diferentes, os receptores são atravessados pelas notícias de uma forma particular, criando suas próprias releituras dos acontecimentos. Assim, essa investigação destrinchou as matrizes culturais (Sunkel, 1987) e as competências de recepção (Martín-Barbero) nas entrevistas de moradores do Dionísio Torres e profissionais das áreas de construção e de administração de condomínio.

A análise permitiu observar como os profissionais manifestam uma interpretação técnica do caso, com uma linguagem específica da área de atuação deles e com a valorização da ciência, correspondentes à matriz cultural racional-iluminista (Sunkel, 1987). Embora tenham suas profissões ligadas ao tema, isso não significa que a única forma deles lembrarem era baseada nos seus conhecimentos especializados ou que estavam isentos de lembrar expressando seus sentimentos.

A matriz cultural simbólico-dramática (Sunkel, 1987) foi identificada na fala de todos os entrevistados, com o auxílio das definições de emoções, sentimentos e estados de ânimo (Cardoso, 2018). Ao lembrar dos resgates e dos desdobramentos, os participantes demonstraram preocupação, empatia, curiosidade, temor, surpresa, entre outros. Ademais, destacou-se expressões coloquiais e características atribuídas ao cearense e ao fortalezense.

Com isso, foi possível compreender com mais profundidade o quê e como foram lembrados os recortes do acontecimento pelos entrevistados, baseado no conceito de competências de recepção (Martín-Barbero, 1997). As imagens foram muito marcantes na memória das pessoas, uma vez que os entrevistados se informaram, principalmente, por televisão e por redes sociais. A maioria dos participantes descreveram fotos e vídeos, como a imagem de Davi embaixo dos escombros e o vídeo do homem fugindo ao ouvir o prédio

desabar. Também foram observados elementos como a recorrência da lembrança da causa do desabamento, o sentimento de tragédia e alguns fragmentos da notícia que foram relevantes para uns e não para outros.

Essa investigação focou em um dos pontos de convergência entre comunicação e memória, porém é possível tensioná-los futuramente em diversos outros pontos. Ao considerar que algumas notícias são esquecidas e outras são eternizadas, pode ser um caminho interessante mapear quais as notícias mais marcantes para uma determinada cidade, quais elementos em comum essas notícias apresentam, quais questões são mais suscetíveis a desfiguração ao longo do tempo, ou, até mesmo, como a memória de uma notícia é reconstruída a partir de grupos focais. Halbwachs (1990, p. 51) defende que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conselho errante. In: **Revista Intexto**, v. 2 n. 13. Porto Alegre: UFRG, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARDOSO, Alba. **Dicionário de emoções, sentimentos e estados de ânimos**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2018.
- COSTA, Yanne; PAULINO, Nicolas. Edifício Andrea começou a ruir minutos antes de desabamento, diz jovem que postou selfie sob escombros. **G1 Ceará**. Fortaleza. 18 out. 2019. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/18/edificio-andrea-comecou-a-ruir-minutos-antes-de-desabamento-diz-jovem-que-postou-selfie-sob-escombros.ghtml>. Acesso em: 27 maio 2023.
- COSTA FILHO, Ismar Capistrano. Estudos de recepção: da dominação hipodérmica às mediações dos usos sociais. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 16, 2014, João Pessoa. **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Intercom: 2014, p. 1-16. Disponível em:  
<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1860-1.pdf>. Acesso em 25 mai. 2024.
- COSTA FILHO, Ismar Capistrano. **Usos sociais das rádios zapatistas: o mapa noturno da construção da autonomia nas mediações comunicativas da cultura**. 2016. 340 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas em pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-75.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FALCONERY, Lucas. Muros do Edifício Andrea são coloridos em homenagem a vítimas e bombeiros um mês após a tragédia, em Fortaleza. **G1 Ceará**. Fortaleza. 18 nov. 2019. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/11/18/muros-do-edificio-andrea-sao-coloridos-em-homenagem-a-vitimas-e-bombeiros-um-mes-apos-a-tragedia-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2023.
- FORTALEZA. Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente. **Mapa das regionais de Fortaleza**. Fortaleza: Seuma, 2024. Disponível em:  
<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/498-cartografias>. Acesso em 15 abr. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan. 2018a.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 14-23, set. 2018b.

MARCELLO, Lorena Fonseca. A relação entre jornalismo e memória: uma revisão sistemática de literatura. In: 20º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20., 2022, Fortaleza. **Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Fortaleza: Sbpjor, 2022. p. 1-17. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/trabalhos/a-relacao-entre-jornalismo-e-memoria-uma-revisao-sistemica-de-literatura?lang=pt-br>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista cedida a Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, São Paulo, ed. 2, primeiro semestre de 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; BARCELOS, Claudia. Comunicação e mediações culturais. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2004. DOI: 10.1590/rbcc.v23i1.2010. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2010>. Acesso em: maio 2024.

MAZZARINO, Jane. Matrizes que se cruzam: : interações entre movimento socioambiental e campo jornalístico. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 49-66, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/TPphcSbyqyq8bp65KxSVm8D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

PARDUCCI, Amparo Marroquín. Perder el objeto y ganar el proceso: el pensamiento filosófico de Jesús Martín Barbero en la comunicación y la cultura. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 43, p. 35-47, set. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 12 out. 2023.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais do 19º Encontro Anual da COMPÓS**. Belo Horizonte: Compós, 2010. p. 1-16. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2010/trabalhos/a-perspectiva-das-mediaco-es-de-jesus-martin-barbero-ou-como-sujar-as-maos-na-coz?lang=pt-br>. Acesso em: 24 jul. 2023.

RONSINI, Veneza V. M.; SILVA, Renata C. da; WOTTRICH, Laura H.. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela. In: Intercom –

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2009, p. 1-15. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1712-1.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SATLER, Lara Lima. Os usos sociais da internet para buscas de conteúdos científicos. In: 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31., 2022, Imperatriz. **Anais do 31º Encontro Anual da COMPÓS**. Belo Horizonte: Compós, 2022. p. 1-25.

SILVA, Marcos Paulo da. Jesús Martín-Barbero (1937-). In: AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana (org.). **Clássicos da comunicação: os teóricos - de Peirce a Canclini**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. p. 294-310.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas em pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

SUNKEL, Guillermo. La representación del pueblo en los diarios de masas. In: **Diálogos de la Comunicación**, n. 17. Lima, 1987.

VÍDEO feito na noite anterior ao desabamento mostra colunas de prédio em situação precária. **Diário do Nordeste**. Fortaleza. 15 de outubro de 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/video-feito-na-noite-anterior-ao-desabamento-mostra-colunas-de-predio-em-situacao-precaria-1.2162000>. Acesso em 2 maio 2024.

VÍTIMA do desabamento de prédio em Fortaleza teria feito comunicação com equipes de resgate. **O Povo**. Fortaleza. 17 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/10/17/vitima-do-desabamento-de-predio-em-fortaleza-teria-feito-comunicacao.html>. Acesso em 1 maio 2024.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

XEREZ, Gioras. Vídeos mostram operário quebrando coluna do Edifício Andrea momentos antes da queda. **Diário do Nordeste**. Fortaleza. 18 de outubro de 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/videos-mostram-operario-quebrando-coluna-do-edificio-andrea-momentos-antes-da-queda-1.2163385>. Acesso em 2 maio 2024.

## APÊNDICE A — ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

### Para conhecer o participante

1. Qual é a sua idade?
2. Como é a sua rotina?
3. Qual é a sua formação profissional? Onde se formou? Há quanto tempo trabalha nessa área?
4. Você tem alguma religião?
5. Quais são seus hobbies?
6. Em que bairro você mora? Sempre morou lá?

### Para se aprofundar no desabamento do Edifício Andrea

7. O que você lembra relacionado ao desabamento do Edifício Andrea?
8. Como você soube do acontecimento?
9. Como você acompanhou os desdobramentos?
10. Teve alguma notícia que se destaca na sua memória?
11. O desabamento foi assunto na sua casa? No seu trabalho? Na sua celebração religiosa?
12. Você/algum conhecido seu teve alguma participação? Resgate, doações, ajuda voluntária, etc?
13. Esse episódio teve algum impacto na sua vida/rotina? Qual?
14. Quais fatores te levaram a guardar lembranças desse acontecimento?
15. Você ainda ouve falar do desabamento do Edifício Andrea? Em que situação?
16. Qual foi a última vez que você ouviu falar desse caso?

### Para entender o consumo de notícias

17. Com que frequência e em qual momento você consome notícias?
18. Você sempre teve o hábito de ler notícias? Quando surgiu?
19. Qual é o tipo de notícia que você mais consome?
20. Qual é o meio mais utilizado para se informar?
21. Quais as suas principais fontes de notícias?
22. Você costuma debater sobre as notícias? Com quem?

## APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Estou ciente que minha identidade será mantida em **anonimato** e que a gravação do áudio será utilizada exclusivamente para **fins acadêmicos**, na pesquisa de dissertação de autoria de Lorena Fonseca Marcello, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Ceará.

Além disso, confirmo que os objetivos da pesquisa foram apresentados previamente.

---

Assinatura do participante

## APÊNDICE C — ENTREVISTA COM O SÍNDICO ASSIS

Entrevista realizada em 28 de dezembro de 2023, na casa do entrevistado, no bairro Aldeota.

### **Qual é a sua idade?**

Tenho 57 anos.

### **Como é a sua rotina?**

Acordo cedo, porque entro às 7h. Se eu não chegar até às 6h30, não tem mais vaga no estacionamento dos funcionários da EBSERH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares). Volto do trabalho às 17h, tento ir para academia... mas nunca mais fui.

### **E o que gosta de fazer no tempo livre?**

Meus hobbies é fazer um karaokê, fazer um almoço ou um jantar, acompanhar as notícias dos progressistas e tentar formar a minha própria opinião, assistir a um filme, assistir às novelas antigas, os seriados, ler, caminhar e procurar me colocar no lugar das pessoas para ver se eu consigo ser empático.

### **Qual é a sua formação?**

Sou formado em Ciências Contábeis e tenho uma especialização pela UECE em Administração Financeira. Fui gerente do Bradesco e fui gerente do Banco Safra. Hoje trabalho na EBSERH, na consultoria jurídica, parte administrativa. Por 26 anos, fui bancário e estou há 8 anos e 8 meses na EBSERH.

### **Você tem alguma religião?**

Hoje eu acredito em Jesus Cristo. Não me congrego em nenhuma denominação religiosa, mas creio que Jesus Cristo é o nosso salvador. A gente já foi católico, aí depois fomos evangélicos. Depois, não nos congregamos mais em nenhum templo religioso, mas nós nos congregamos só em nome de Jesus Cristo, entendeu? A gente deixou o templo por conta da ganância dos pastores e, principalmente, depois que o Bolsonaro foi eleito, né? Que muitos evangélicos... eu não gostei. Nem eu, nem meu filho Rafael, nem minha esposa Nardélia.

### **Você sempre morou aqui na Aldeota?**

Eu morei no (bairro Prefeito) José Walter. Mas, desde 2007, moro no bairro Aldeota. A gente saiu do José Walter porque o Rafael estava estudando aqui perto, na (rua) Antônio Augusto, no (curso) Alamar, né? Aí a gente morava muito longe, tinha que pagar um transporte pra ele e ele era o último a chegar, né? Aí por isso eu resolvi me mudar pra cá.

**Você lembra como soube do caso?**

Me lembro. Eu estava lá na em Brasília. Eu trabalhava lá no hospital universitário de Brasília. Aí foi um colega que mandou pelo WhatsApp, né? Mandou logo as imagens e tudo, dizendo “rapaz, acabou de acontecer um acidente aqui, o prédio caiu”. Aí eu fui dar uma olhada pra ver o que que tinha acontecido. Ninguém tava entendendo bem o que era que tinha acontecido com aquele edifício. Mas só depois quando eu cheguei que eu fui saber realmente o que é que tinha acontecido. Era um edifício que já era antigo, muito antigo, e precisava fazer uma reforma na estrutura, que já estava muito desgastada. E as pessoas foram deixando, foram adiando essa reforma. Aí chegou um ponto que não tinha mais como, né? Aí a síndica pegou uns orçamentos, três orçamentos, e ficou o menor orçamento possível. Eles toparam. Aí esses caras estavam lá mexendo na estrutura, sem nenhum conhecimento, dando marretada mesmo. Aparece no vídeo o cara dando marretada. E o que me chamou atenção foi que parece que era um engenheiro no vídeo, né? Cai alguma coisa assim... algum reboco lá de cima. Aí ele vai na frente e olha esse negócio caindo, entendeu? Aí, de repente, o prédio vai abaixo. Foi isso que eu vi, sabe?

**E seu amigo já tinha esse costume de mandar notícias de Fortaleza enquanto você estava lá em Brasília?**

É, tinha. Ele sempre estava ali mandando notícia. Aí um negócio desse aí, né? É que prende a atenção de todo mundo, entendeu? Quando eu fui olhar, já estava na internet, outras pessoas também receberam, aí eu mostrei aquele negócio e todo mundo ficou olhando ali, passou muito tempo ali, bem uma meia hora ali o pessoal tudo querendo ver lá no hospital. E depois deu na televisão, né? Tava passando no jornal lá em Brasília. Aquele jornal de meio dia da Globo, né? “Rapaz, olha o negócio aí que o teu colega mandou está passando aqui”. Aí todo mundo correu lá pra assistir na salinha onde a gente almoça.

**Lá no hospital, você também estava trabalhando como contador?**

Não, não, não. Lá eu era assistente administrativo.

**E depois que você ficou sabendo do caso, você chegou a acompanhar os desdobramentos?**

Foi, eu fiquei curioso, liguei pra esse meu amigo pra saber, né? Eu lembro que ele disse que morreram nove pessoas. Depois eu vi, morreu a síndica, morreram os pedreiros que estavam batendo lá, marretando lá as colunas, né? Foi triste, foi triste...

**O desabamento foi assunto na sua casa, no seu trabalho também?**

Eu lembro que esse foi um assunto assim que passou mais ou menos umas duas semanas, né? O pessoal... vindo à tona, né? Porque ficou aquela de pesquisar pra saber o que que tinha

acontecido. Um dizia uma coisa, outro dizia outra. Aí ficou, acho que umas duas semanas mais ou menos esse assunto na mídia, ele voltava, sempre tava voltando, sabe?

**O que você acha que te faz lembrar do desabamento do Edifício Andrea? Porque algumas notícias são esquecidas, mas o que te fez ainda lembrar até hoje?**

Eu acho que... tinha acontecido aqueles aviões que bateram nas torres, né? Ali ficou muito gravado na memória da gente, quando cai assim alguma, um prédio assim. Eu acho que é um negócio muito impactante. Cair um prédio... e eu lembro que um cara ficou lá nos escombros e ele gravou lá dentro dos escombros no celular. Isso aí também depois saiu muito na mídia. Mas é isso... porque é um impacto, né? Com uma coisa que acontece... cair um prédio! Poxa, em Fortaleza, a gente não escuta muito uma notícia dessas, que cai um prédio em Fortaleza. Então foi muito impactante. Pra todo mundo.

**Você ainda ouve falar sobre o desabamento do Edifício Andrea?**

É, assim... a gente vai e volta, a gente lembra, né? Principalmente, quando está falando em construção. A pessoa fica: “olha lá como é que foi lá o prédio que caiu, porque não fizeram a manutenção”. Aí por que que eu lembrei? Porque agora eu vou voltar a ser síndico, de novo, tudo indica... E aqui tem umas coisinhas que a gente tem que fazer, sabe? E eu tava conversando com o Rafael e eu disse: “ó, Rafael. Num prédio...”. Aí mostrei pra ele, me lembrei desse prédio, né? Eu acho que sempre as pessoas vão ficar lembrando desse prédio que caiu. Quando você ouvir falar de estrutura, de prédio, de cuidado... eu acho que ficou um ensinamento, né? Foi o ensinamento pra você num contratar qualquer pessoa, num negócio desse. Segundo os engenheiros, segundo as entrevistas que ouvi de engenheiro, foi uma coisa muito infantil, né? Eles não tinham noção de nada, entendeu? O cara estava dando marretada numa coluna que já estava totalmente desgastada. Ele teria que ter escorado, teria que ter evacuado o prédio. É por isso que foi impactante pras pessoas, porque foi um descuido, um descaso.

**Você foi atrás dessas informações do Edifício Andréa por se tornar síndico ou só porque estava interessado no assunto?**

Agora, como a gente vai assumir aí a sindicância, então é importante você conhecer as estruturas, conhecer porque caiu aquele prédio. Eu procuro sempre estar estudando toda essa área, porque o síndico tem que saber de tudo, entendeu? Se essa síndica não tivesse morrido, que ela morreu no acidente também, mas se ela não tivesse morrido, a culpa ia recair toda em cima dela. Aí é importante a gente pegar umas coisas assim negativas e transformar em uma coisa positiva. “Ó, isso aqui, a mulher lá foi querer pagar pouquinho, olha o que foi que aconteceu... o prédio caiu”. A gente tem um argumento pra falar pros condôminos, né?

**Na época, como você estava em Brasília, então você não teve nenhuma participação ou sensibilização direta com o caso, não é? Você conhece alguém que participou de alguma ação?**

É porque o cearense quer ir lá, né? Não, eu não fiquei sabendo não, porque eu tava assim trabalhando e tudo, né? Mas eu creio que esse meu amigo deve ter ido lá. Pegou o carro, com certeza.

**Ele mora ali por perto?**

Não, ele mora ali na (bairro) Parquelândia, mas com certeza ele foi. Eu tenho certeza que ele foi, pelo menos, dar uma olhada. É porque é o jeito do cearense, né? O cearense tem que estar em cima. Tu não sabe da história não do *caba* que... tava aqui um acidente e um carro caiu assim no barranco, né? Aí ele: “com licença, com licença que eu sou irmão da vítima, eu sou irmão da vítima!”, aí foi afastando as pessoas. Aí quando ele chegou lá, era um jumento que tinha sido atropelado. É a curiosidade do cearense. Ele dizendo que era o irmão da vítima. Era um jumento que tinha sido atropelado e ele querendo ver, querendo ver... Eu nunca esqueci essa história, com certeza, foi muita gente olhar isso, acho que até dormiram lá nesses dias.

**Você chegou até a dizer que esse seu amigo também te mandou imagens. Foram imagens que ele tirou?**

Não, foram imagens que ele pegou, porque um passa pro outro, entendeu? Eu fui o primeiro a dar notícia lá no HUB, no hospital. Quando eu estava mostrando, eu estava esperando o almoço. Lá a gente fica numa filinha e eles vão distribuindo as quentinhas. Uns dez minutos depois, mais ou menos, já começou a passar no jornal, tu acredita? O pessoal olhando, “olha aí, cara. Acabou de cair um prédio lá. Meu amigo mandou aqui, tá?”. Eu fui o primeiro a dar a notícia lá em Brasília, né?

**Você lembra quais eram as imagens que você tinha recebido no WhatsApp?**

A imagem que eu gravei mais foi dum rapaz que ele era do jogo do bicho. E ele estava ali. Quando o prédio desabou, ele ouviu aquele barulho, ele saiu correndo. Aí a imagem depois cobre com aquela poeira e ninguém consegue mais ver esse cara. A imagem foi essa: o prédio desabando e esse cara correndo. Essa foi a primeira imagem aqui que ficou. Aí depois teve outras imagens. A síndica lá dentro, o cara dando marretada na coluna. Mas a primeira imagem que eu vi foi essa desse cara correndo. Ele, como quem diz aqui no Ceará, “escapou fedendo”. Ai, meu Deus. O cearense é engraçado.

**Quanto tempo depois você voltou para Fortaleza?**

Aí isso foi em 2019, né? Eu voltei três anos depois, no finalzinho de 2021.

**E ainda assim ficou conectado com notícias daqui?**

Pra tu ter ideia, eu tinha a Sky de Brasília lá na sala. No meu quarto, era a Sky de Fortaleza. Eu passei três anos ouvindo as notícias... “agora eu vou assistir aqui o jornal de Fortaleza”.

**E por que você tinha tanto interesse em saber o que estava acontecendo em Fortaleza mesmo estando lá?**

É a curiosidade mesmo de saber como é que está os fortalezenses. Eu sempre tinha essa curiosidade de saber “como é que tá lá? O que está acontecendo?”.

**E recebia muita notícia no WhatsApp também?**

Muita, muita notícia. Sempre que tinha assim... porque, o fortalezense, ele só gosta de dar notícia ruim, né? Aí essa notícia aí... todo mundo quer mandar, né? Mas é isso, é porque essas notícias de acidente sempre fica na memória da gente.

**E nos últimos anos, como você tem se informado sobre as notícias?**

Ah, no jornal mesmo. Sempre eu estou lendo o Diário do Nordeste. O Diário é aqui direto do meu celular. Sempre eu estou dando uma olhadinha nas notícias. Sempre tive o hábito de ler notícias, desde 1983. As notícias sobre política são as notícias que eu mais consumo. Sempre estou de olho nas notícias, mas só assisto ou escuto notícias do pessoal da ala progressista. ICL Notícias, Portal do José, Carta Capital, TV 247, Fórum, Portal do Clayson... Hoje, não tem como debater com os bolsonaristas, pois estão todos malucos aí. Converso com meu compadre, principalmente, e com os amigos da minha sala.

**Geralmente, quanto tempo dedica às notícias durante a semana?**

Durante o dia, de manhãzinha, eu sempre gosto de dar uma olhada. É, sempre de manhã. Eu tô com muito trabalho, mas sempre dou uma lida, passo a vista assim no jornal, né?

**Tem mais alguma coisa a acrescentar? Alguma coisa que você lembre?**

Não, só esse cuidado mesmo que todo mundo tem que ter, principalmente quem mora em prédio, né? Sempre que tiver esse problema com a estrutura, você realmente chamar uma pessoa que entende, chamar um engenheiro. Muitas vezes, você acha que é bobagem. Mas não é bobagem, né? As pessoas estudaram pra resolver determinados assuntos. Então, você tem que confiar, principalmente na ciência, né? Porque... não deixa de ser uma ciência, a engenharia. Se você vai colocar um prédio inteiro, que tá com problema, na mão de pessoas que num estudaram pra resolver aquele determinado assunto, pode acontecer do prédio cair, né? Aí como caiu aquele prédio, o prédio veio abaixo por conta de pessoas incompetentes, né? É, pode-se dizer assim. É que foi provado a incompetência de pessoas, que fizeram com que muitas vidas fossem ceifadas. Isso aí ficou de lição pra todo mundo, entendeu?

**Você chegou a mencionar que essa seria a sua segunda vez como síndico. Quais seriam as diferenças do seu primeiro mandato para o de agora?**

Ah, a preocupação agora, né? Porque toda hora eu tô dizendo “ó, tô muito preocupado com essa estrutura, que tá aparecendo ali uns ferrozinho no estacionamento”. Eu já até dei esse exemplo desse prédio que desabou com as pessoas aqui do condomínio. São doze moradores, a gente fala mesmo é com os próprios proprietários. Porque quem vai pagar é a gente, né? Esse outro síndico aí que já está saindo, ele passou três anos e ainda não cuidou desse problema. Esse problema é como uma ferida: se você não cuidar, a ferida vai crescendo, entendeu? Porque os ferros vão aparecendo só um pouquinho ali, aí depois ele vai aparecendo mais. Então, você tem que tratar logo e resolver, né?

**Esse é um problema já de muito tempo ou está aparecendo agora?**

Não, tá aparecendo agora esse problema. Se Deus quiser, quando eu assumir, vai ser a primeira coisa que eu vou fazer, mostrar as imagens do que foi o que aconteceu e fazer logo esse negócio.

## APÊNDICE D — ENTREVISTA COM A ARQUITETA LARISSA

Entrevista realizada no dia 8 de abril de 2024, por videochamada.

### **Qual é a sua idade?**

Tenho 27 anos.

### **Como tem sido a sua rotina?**

Cara, bem básica mesmo. Eu acordo, trabalho manhã e tarde, nos horários de 8 horas comerciais, normal. Eventualmente, de noite, eu dou aula, depende da turma. Às vezes, depende da semana que eles marcam, porque eu sou consultora. E nos fins de semana, eu busco não trabalhar. Eu me dedico a lazer com a minha família e amigos e tudo mais. Mas, não sei se é pertinente, eu não... porque todo mundo pergunta isso: eu não sou uma pessoa muito ativa, de exercícios e tudo mais. Vida ao ar livre, essas coisas...

### **Sim, sim. Você disse que dá aula de vez em quando, que você é consultora. Você dá consultoria onde? Qual é o público?**

É tudo remoto pros escritórios. Na verdade, todo o meu trabalho, de 8 horas da manhã até 5 horas da tarde, gira em torno de consultoria. Eu trabalho com consultoria em tecnologia em arquitetura. Os escritórios me contratam, os escritórios de Fortaleza e do Brasil todo, que querem migrar para essa tecnologia. Então, basicamente, eu faço isso aqui: eu ligo a câmera, dou aula, apresento o software. E algumas coisas são presenciais, alguns turnos, e os outros são online. Vamos dizer que metade dos turnos são presenciais, metade dos turnos são online.

### **Onde você se formou e já trabalha com arquitetura há quanto tempo?**

Eu me formei na UFC (Universidade Federal do Ceará). Eu me formei em janeiro de 2020. Já trabalho há quatro anos. Não conta estágio, né?

### **Pode falar também. Como foi o seu estágio?**

Cara, eu estagiei em dois escritórios. Então, ao todo, foram quatro anos profissionais, mais três anos de estágio.

### **O estágio era em que exatamente?**

É a mesma coisa que os arquitetos normais, que é projeto de arquitetura, interiores. Era sempre pra arquitetas de escritórios de pequeno porte. Era a arquiteta e duas estagiárias.

### **E como você decidiu que queria arquitetura?**

Foi quando eu pensei “ah, não preciso de dinheiro, não...”. Ah, eu decidi muito cedo que eu gostava de arte, gostava de desenho, gostava de criar e ainda não abandonei a arquitetura. Nem tenho planos de abandonar, apesar de ser o curso que mais forma tatuadores e músicos, eu ainda desejo continuar como arquiteta. Mas não foi influência familiar, nem foi questão financeira. É só realmente gostar da área.

**Você tem alguma religião?**

Zero.

**Nunca teve?**

Tive, até os 14 anos.

**Você seguia qual religião?**

Católica. E a seita era o (Comunidade Católica) Shalom.

**Era toda sua família?**

Não, eu acho que eu só queria me enturmar mesmo. Teve influência da família, lógico, porque a família é católica. Mas eu acho que eu só queria... eu não sei, às vezes, eu acho que eu só gostava das músicas, mas não tinha muita conexão. Assim, espiritual. Sabe quando você não sabe por que você está fazendo a coisa, mas você vai porque todo mundo vai? Eu não acreditava mesmo. Eu já até tentei voltar, é meio solitário não ter. Mas eu não consigo ver. Sabe quando as pessoas dizem que é uma conexão muito profunda com a questão? Eu não sei, eu acho que eu tenho o botão da fé desligado. Eu acho que eu não consigo acreditar mesmo e eu já tentei outras religiões também. Já tentei espiritismo e candomblescismo. Mas não consigo. Só... falta... de... fé.

**Você tentou essas religiões depois que viu que o catolicismo não dava certo pra você?**

Eu, na verdade, tentei essas religiões depois que eu vi a falta que eu acho que religião faz, porque é muito legal você ter um conforto, porque rezar é uma meditação, né? Então é um momento em que você acredita que está tendo uma conexão com uma coisa muito grande e, você querendo ou não, você tem a crença de que existe um plano pra você e tem alguém te protegendo e é meio solitário você não ter isso. Então eu queria ter isso e aí eu fui buscando maneiras de ter e não consegui.

**E hoje em dia, quais são os seus hobbies?**

Vou ligar a câmera. Estou me sentindo esquisita.

**Quer que eu ligue também?**

Não precisa, não. Como eu sou professora online, eu fico muito inquieta se eu não estiver aparecendo. Acho que desumaniza o encontro. Mas... meus hobbies! Eu descobri há pouco tempo que você não precisa fazer os hobbies diariamente pra isso ser hobbies. Então, eu coleciono hobbies. Um deles é quebra-cabeça e Lego. Eu leio bastante agora, porque eu tenho pequenas obsessões. Nesse momento, é Bridgerton. Eventualmente, muito raramente, eu toco violão, mas... errado. Muito mesmo.

**Você disse que gosta de Lego. Tem alguma relação com a coisa de construir, montar?**

Definitivamente. Inclusive, eu só ganhei por causa de um concurso do curso que eu ensino. Eles são patrocinadores da Lego. E aí, eu ganhei um concurso, ganhei o Lego e fiquei montando as coisas. A vida toda eu montei essas pecinhas, mas agora eu entrei numa fase além do Lego, que é fazer pecinhas menores e mais complicadas de chegar numa representação. Não é aquele Lego de construção civil, pra você fazer uma casa. Isso eu brincava, mas agora é para chegar em formas. Tipo, câmeras fotográficas. Mas é um momento de concentração que eu não pego no meu celular. Eu gosto de sair um pouco de tela. Como eu trabalho muito virtual, tela é o dia inteiro.

**Hoje em dia, você mora em qual bairro e já mora há quanto tempo?**

Varjota. Há 7 anos. Antes, eu morei muito, muito perto daqui. Questão de cinco ruas, mas acho que já configurava como (bairro) Meireles. Aí eu morei lá por três anos. Nessa área que eu tô, eu já tô há dez anos. Antes do Meireles, eu acho que era (bairro) Papicu, porque era na (avenida) Santos Dumont. Mas não sei, porque foi muito breve, era no Ensino Médio ainda, mas era por ali.

**Então você se mudou muito, não é? Sempre morou por essa mesma região?**

Ah, essa é a minha décima casa. Mas não, a minha primeira casa foi pela (avenida) Washington Soares, a segunda foi na (bairro) Parangaba... não, mentira. Eu consigo ver a minha segunda casa daqui. Aí, em um mesmo condomínio, eu morei em quatro apartamentos diferentes. Por exemplo, era terceiro andar, aí ali tinha problema de proximidade com esgoto, acho. Aí a gente não gostava, procurava outro apartamento no mesmo prédio. Aí esse apartamento era quente, aí trocava pra outro. Mas isso ao longo de uns seis anos foi trocando. Não sei porquê, problema dos meus pais.

**Então foi uma mudança consecutiva da outra, né? Não chegaram a sair do condomínio e voltar para já sair.**

Não, a gente saiu, foi morar longe, na (bairro) Parangaba, depois voltou.

**Aí ficaram mais ou menos por aí, não é? Em todas essas mudanças, você morava com seus pais?**

É, sempre, até hoje. Até outubro, que é quando eu vou casar. Essa é a ideia, né? Sair de casa. Se eu não sair de casa depois de casar, eu fiz alguma merda muito grande.

**Então, agora vamos para o desabamento do Edifício Andrea. O que você lembra do caso?**

Que eu me lembre, eu estava morando na (rua) Tavares Coutinho com a (rua) Oito de Setembro na época. Ou eu ainda estava finalizando o Ensino Médio, ou eu tinha acabado de entrar na faculdade. Mas eu lembro que eu era bem nova. Eu acho que devia ter uns 18 a 20 anos... eu acho, né? Eu não tenho certeza, hoje eu tenho 27 anos, mas eu lembro de ser bem nova e eu lembro que a questão foi porque...

É um prédio antigo e tinha sido feito análise da construção pra saber se ela está OK, que é uma coisa periódica, que se faz pra saber se a edificação está bem, se ela pode continuar com a mesma capacidade de pessoas, se precisa reforma de fachada e tudo mais. E aí definiram que sim, que precisa de uma reforma. Eu lembro que a galera tinha contratado uma empresa, tinha ficado a cargo do síndico, do responsável de acompanhar essa empresa, e essa empresa fez um trabalho de reforma que foi um pouco controverso.

Eu acho que já estava no começo da faculdade, porque eu tenho a impressão de que professores comentaram. Ou então eles comentaram de caso antigo, né? Mas eles deixaram exposta a estrutura, tinha um pilar... Eu lembro de ver um vídeo que tinha um pilar exposto com a ferragem do lado de fora e não era só essa situação, eram algumas... eu lembro que teve vigas danificadas, coisas que eram básicas da estrutura. Eu acho que eu já estava na faculdade, porque, pelo que eu me lembre, um familiar da minha sócia hoje, Paulo, morreu nesse processo. Acho que foi a família, tipo assim, tio... tia... e só sobreviveu o filho.

**Ele era morador?**

Ele era morador. Eu lembro de ele ter dado entrevista na TV também, falando sobre como ele estava transtornado. E eu acho que ele não estava lá na hora. Ele tinha acabado de sair. E aí... eu lembro de muita coisa. Eu lembro de entrevistas dos vizinhos falando sobre a situação, que o pessoal disse que ouviu um barulho muito, muito alto e ouviram gritos. E tinha gente em carro muito, muito perto e saíram correndo.

E o que eu me lembro também é do pós. Eu já estava no começo da faculdade. Muito se discutiu sobre essas averiguações de prédios antigos não ser feita de maneira irresponsável e sobre não ser feito na frequência que deveria se fazer. Eu acho que eu já estava em uma empresa júnior de arquitetura e aí muita gente começou a ir atrás, muitos edifícios começaram a ir atrás desse serviço de vistoria predial. Aí rolou toda uma discussão sobre conscientização da importância disso. Tipo, prédios são fortes, mas não são eternos e que precisa de uma manutenção da edificação.

E eu acho que eu fiquei mais atenta sobre isso, porque perto desse período, um prédio... caraca, lembrei de muita coisa... do lado do meu prédio, o meu irmão era bem novo, só estava eu e meu irmão em casa, aí do lado do meu prédio, teve um prédio que caiu um pedaço da sacada numa menina que estava na rua. Eu falando para o meu irmão, bem novinho, acho que era adolescente, “liga pro SAMU pra ajudar essa menina”, aí eu desci lá correndo e a menina estava no chão, com a perna machucada. Lembro de vir jornal na rua. Lembro que foi no mesmo período e reacendeu a discussão de novo.

**Pode continuar. O que mais você lembra do Andrea?**

Pelo que eu me lembre, não foi um cisalhamento no meio do edifício. Que eu me lembre, foi na base. O problema era a base. Eu lembro que pessoas morreram. Pessoas conseguiram fugir dos escombros. Afetou carros perto. É isso. Não sei se lembro de mais coisas.

**Você lembra o bairro?**

Eu lembro que era na (rua) Ana Bilhar. Então deve ser Meireles.

**Lembra mais ou menos a data?**

Eu diria que foi no começo da faculdade. Eu entrei na faculdade em 2015. Então, eu diria que o desabamento foi em 2016 ou 2015.

**Você lembra como ficou sabendo do desabamento?**

Jornal. Eu ainda assistia jornal na época.

**Você assistia qual jornal? Era em algum momento específico do seu dia?**

Jornal da noite, era depois que chegava da faculdade, que era integral. Então foi o jornal que minha família toda tinha chegado em casa, ou seja, devia ser o CETV 2ª Edição. Umás 6 horas da noite. Eu acho que é. E eu lembro de passar, não só assistir a notícia do dia, mas acompanhar os dias seguintes o desdobramento disso. Não só no jornal, mas eu lembro também que pessoas estavam se mobilizando pra dar suporte. As pessoas perderam as coisas, a casa, a família. Inclusive, eu lembro desse primo de segundo grau, não sei, dessa minha amiga. Que o pessoal estava se juntando para apoiar ele. Será que eu criei essa memória na minha cabeça? Mas eu tenho a impressão de que isso aconteceu.

**Você lembra quem se mobilizou e o que fizeram, até mesmo dessa memória que você tem do primo da sua amiga?**

Cara, eu lembro de serem moradores próximos, vizinhos. Eu lembro que quem se engajou mais foram vizinhos, pessoas que tinham relação com as pessoas do prédio. Porque não é muito comum a gente tá, assim... Eu não sei, eu não tenho muita relação com pessoas de

outros prédios, mas eu acho que quando você vê diariamente a situação, é mais fácil você ter empatia, ao invés de você desligar a TV e morrer o assunto. Eu acho que foi um movimento das pessoas que estavam próximas.

**Teve alguma notícia que se destacou na sua memória?**

A entrevista dele, desse menino. Que eu fiquei pensando... Ah, eu tenho uma coisa importante. Eu tenho TOC (transtorno obsessivo-compulsivo). Estou de alta, beleza. Mas é uma coisa que me acompanha a vida toda. Então, eu lembro de... nossa, eu lembro que eu fiquei tão apavorada por um tempo... porque, com a entrevista desse menino, ele falando que não acredita que perdeu tudo, como isso aconteceu, de como ele estava sem conseguir acreditar ainda. E eu lembro de passar dias com medo. Eu ouvia um barulho e já pensava “meu deus”. Até porque teve mais uma situação perto do meu prédio. Meu prédio era muito velho, mal cuidado, então fiquei com muito medo por um tempo. A entrevista dele pesou muito.

**Pode falar mais desse menino?**

Eu queria saber mais. Eu tenho a impressão de que não tinha os pais dele. Eu acho que era a avó e o tio, que ele morava junto. Tinha um cachorro também. Eu não lembro se tudo era relacionado ao mesmo apartamento, mas eu lembro da história de ter uma pessoa com mobilidade reduzida e ter uma pessoa que cuidava da pessoa com mobilidade reduzida. Eu lembro de cachorro... E eu acho que desse menino era o tio e a avó. Era isso. Mas eu não lembro muito mais dele.

**E você lembra se o desabamento foi assunto na sua casa, no seu trabalho, na sua faculdade? O que as pessoas comentavam?**

Acho que tanto da questão do alerta, de ter cuidado com isso, de ficar alerta com os próprios edifícios, com a própria casa. E eu lembro de conversar sobre isso na assembleia do condomínio. Eu lembro que a gente reformou nosso condomínio depois disso, fez uma vistoria, fez uma pequena reforma. Mas eu saí um pouco tempo depois desse prédio e vim pra cá. Mas eu lembro que o que a gente conversava muito é da sensação de tragédia, porque a pessoa perdeu tudo, e da frustração, de tipo: como deixaram isso acontecer? Como que a gente poderia estar fazendo a mesma coisa... A gente conversou muito sobre isso. E na universidade, eu não sei se isso aconteceu muito tempo depois, os professores falaram sobre o assunto muito tempo depois que aconteceu, da minha professora de Estrutura falar e como era grave você não fazer esse tipo de manutenção e você não respeitar a sustentação dos pesos quando você vai fazer uma reforma.

**Você disse também que fizeram a reforma no prédio. Foi muitos meses depois?**

Depois, muitos meses depois, porque nada se faz rápido em prédio antigo. Nada. Especialmente quando se tem muito.... não, não vou ser etarista. É que tinha umas idosas

erradas... muito erradas. Então nada se acontece rápido em prédio antigo. Eu diria que foi até talvez mais de um ano depois. Mas definitivamente motivado por isso.

**No que elas impactavam no processo?**

Cara, a galera fala “isso é mais uma maneira do síndico roubar a gente, vai superfaturar a reforma”, essas coisas assim. Por exemplo, eu lembro que o elevador parava de funcionar e o pessoal dizia “é porque o síndico não soube reformar isso, eu não vou pagar essa taxa, eu não quero isso”. Então eu acho que era o problema básico de convivência social. Às vezes, as pessoas só são... não sei... doidas. A pessoa não consegue enxergar um palmo à frente, né? A resistência era pela taxa, o ônus que seria imediato a uma coisa que é necessária, manutenção. Eu acho que é falta de conscientização do impacto de risco, mesmo com uma tragédia.

É que nem na pandemia. Eu trabalhava em um escritório em que uma menina ficou na UTI, em coma, quase morreu e, ainda assim, meu chefe não usava máscara e achava que ele não ia pegar, que covid era sensacionalismo da mídia. Ela ficou na UTI, quase perdeu o filho. Mas a pessoa se recusa a assimilar. Eu acho que, às vezes, ver uma tragédia não basta pra pessoa se conscientizar, não tem o que fazer. Aí tinha resistência sim do público de fazer uma coisa tão básica.

**Como foi a argumentação para elas se convencerem de que era necessário? Existia um grupo no WhatsApp? Eram assembleias?**

Não, eram assembleias. Eu acho que, na época, não existia grupo de WhatsApp de prédio, graças a deus. Nas assembleias, a maioria votou e venceu. É claro, se o prédio não estava legal, eu lembro que o pessoal começou a indicar as coisas, eu lembro que até papai ajudou nisso, o pessoal começou a indicar: “olha, vi que tinha uma coluna que não estava legal no estacionamento”, “tem uma viga danificada”, essas coisas. Os próprios moradores foram reportando para justificar essa vistoria. Pelo menos, uma vistoria, cara. Coisa básica. Aí teve a vistoria e foi necessário fazer reforma.

**Você tem algum conhecido que teve alguma participação em resgate, doação ou ajuda voluntária?**

Tem, essa minha amiga, era família. Eu lembro que as pessoas se juntaram e o foco era prover o básico. A galera não tinha roupa, não tinha como pegar roupa. Então, a galera se juntou e proveu roupa, proveu alimento, proveu casa. Mas casa foi uma questão que eu vi em jornal só, não conheço ninguém que tenha chamado a pessoa para a sua casa. Lembro só de ver, no Instagram, campanha nos stories de várias pessoas que eu conhecia, compartilhando essa mesma campanha. Sempre tinha alguém que conhecia alguém que tinha relação com o Edifício. Então, se juntava a galera para apoiar. Eram pessoas que eu conhecia da faculdade, pessoas do meu Ensino Médio.

**Além disso, o desabamento teve algum impacto na sua vida ou na sua rotina?**

Teve. Medo. Como eu falei, eu tenho TOC, transtorno obsessivo-compulsivo. Eu não tenho TOC de organização, eu tenho TOC de pensamentos intrusivos. Então, quando eu tenho medo de alguma coisa, alguma coisa em meu entorno, ou então alguma conversa que as pessoas têm comigo, me ativam medo. E, às vezes, eu não consigo sair desse medo. Eu lembro de insônia mesmo. Eu lembro de não dormir porque eu achava que o prédio ia cair e todo mundo ia morrer. Mas isso sou eu, que tenho esse problema. Não acho que seja comum, mas definitivamente... eu acho que eu lembro tanto desse caso por causa desse meu medo. Dava uma aflição.

**Você disse que já se mudou várias vezes na sua vida. Essa já é a décima casa, não é? Entre elas, todas foram prédio ou alguma foi casa?**

Uma delas foi casa. Quando eu era muito, muito bebê, eu morava em apartamento. Com uns dois anos de idade, eu fui morar em uma casa. Todo o resto foi apartamento.

**Quais fatores que você acha que te fazem guardar lembranças desse acontecimento?**

Pela minha relação com construção civil e estudar o caso, a relevância de vistoria predial. Com certeza, trabalhar na área impacta. E, segundo, porque eu lembro de passar perto e ver o prédio, os escombros. Não tinha como você atravessar a rua, porque estava isolada. Mas eu lembro de ver depois que liberaram a rua. Eu vi a situação, eu vi os vídeos. Então, eu acho que o que fez ficar na minha memória é o medo e a coisa visual mesmo, de a cena ficar na cabeça. E a proximidade com a área.

**O que te levou a ir ao local?**

É porque é perto. É aquele tipo de coisa, eu estou aqui no carro com meu pai e ele diz “ei, a gente está passando aqui perto do prédio que desabou”. E você presta atenção e “caramba!”. Inclusive, eu acho que na mesma (rua) Ana Bilhar, teve um outro prédio que uma sacada caiu, eu não lembro se foi perto, mas eu lembro de a gente comentar “gente, o que está acontecendo? Socorro...”.

**Você ainda ouviu falar do desabamento do Edifício Andrea?**

Não. Eu acho que a última vez que eu ouvi falar foi nesse período mesmo, que aconteceu e, vou dizer que, um ano depois. Porque era quando os prédios estavam, por conta disso, se forçando a fazer reformas. Então, ainda era uma pauta que voltava aqui e ali. Mas, desde um ano depois, nada.

**E você chegou a citar vídeos que assistiu. Quais eram esses vídeos? Quais imagens eles tinham? Onde você viu?**

Cara, eu vi no jornal. Não vi no Instagram. Eu acho que eu não vi em rede social. Eu vi no jornal. Eu lembro de entrevistas. Eu não lembro de nenhum vídeo do momento do desabamento. Eu lembro de vídeos de moradores pouco tempo antes, dizendo “isso aqui não tá certo. Isso aqui está perigoso. Olha como deixaram a obra”. E eu lembro que isso foi muito pouco antes de desabar. Eu acho que o principal era esse vídeo e as entrevistas das pessoas. Na verdade, eu nunca soube um desfecho. Tanto do que aconteceu com as pessoas, eu não soube desfecho sobre o que aconteceu com aquele cara da entrevista e eu não sei o que aconteceu no terreno, se fizeram um outro edifício em cima, se virou alguma outra coisa. Eu realmente não sei, não prestei mais atenção.

**Com qual frequência e em que momento você costuma consumir notícias?**

Nesse momento, vou dizer que, de 2022 em diante, desde a eleição, não mais. Foi uma decisão. Saí. Parei de acompanhar notícias em geral e decidi focar na vida das pessoas perto. Não acompanho mais o resto do mundo. Mas eu lembro que durante 2020, 2021 e ainda 2022, o meu consumo de notícias era tão frequente que era terrivelmente tóxico. Debilitante, incapacitante mesmo. Total. Por causa da pandemia.

Eu não sabia o que estava acontecendo, eu não sabia como me proteger, não sabia quando ia vir vacina. Eu estava em casa e queria desesperadamente uma notícia boa. Como eu sou um pouco controladora, eu imaginava que quanto mais informação eu tivesse, mais eu saberia me proteger. Aí eu parei completamente depois. Eu não tenho nem TV a cabo, eu só tenho TV para ver séries e essas coisas.

**E nas redes sociais, você não costuma seguir páginas de jornais?**

Não, inclusive, no Twitter, eu censurei inúmeras palavras. Todas as palavras relacionadas à coronavírus, todas as palavras possíveis relacionadas a Bolsonaro. Depois, eu comecei a reduzir as palavras relacionadas a todos os cargos políticos que eu consegui pensar, de secretário a presidente e rei e tudo. E palavras como estupro, assédio, várias coisas. Eu estava fazendo um tratamento psicológico, psiquiátrico, e eu precisava... me isolei completamente.

**Na época do desabamento, como era o seu consumo de notícias?**

Acho que sempre foi ruim nesse tipo de coisa que você vê uma notícia ruim. Você assiste jornal, viu uma notícia ruim, me informo ao máximo dessa notícia ruim, não vejo desfecho. Mas eu acompanhava de noite, em torno de 8 horas, e páginas de notícias, como o Jornal O Povo, acho que era Facebook ainda. Então era Jornal O Povo no Facebook, Diário do Nordeste no Facebook, era mais digital. E, de jornal, era só nesse horário da noite.

**Hoje em dia, já que você não assiste e nem tem nas redes sociais, como você fica sabendo das notícias?**

Alguém me conta. Não uso nem no Twitter. Então, é realmente o meu pai virar e dizer “ei, você viu que fulano morreu” e eu “caramba! Sério?”. Ou então “ei, você viu que um navio bateu em uma ponte não sei aonde?”, aí eu “caramba”.

**E geralmente quem são essas pessoas que te contam?**

Meu pai e meu irmão. E quando são notícias mais reacionárias, são meu sogro.

## APÊNDICE E — ENTREVISTA COM O ENGENHEIRO ALEXANDRE

Entrevista realizada no dia 17 de abril de 2024, no escritório dele, no bairro Aldeota.

### **Qual é a sua idade?**

Tenho 32 anos.

### **Como é a sua rotina?**

Ah, eu geralmente trabalho o dia todo. Eu toco aqui o escritório de projetos, desde 2018. E aí, realmente eu tenho uma rotina bem sem tempo, né? Acordo de manhã, venho pro escritório, almoço por aqui na Aldeota, volto, atendo cliente, fico até tarde um pouquinho. A gente sai umas 7 ou 8 horas da noite. E aí, a minha semana é assim. No final de semana, eu descanso um pouco, faço meus hobbies e vou levando a minha vida dessa forma. Trabalhando.

### **Qual é a sua formação profissional?**

Eu sou formado em Engenharia Civil pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e tenho mestrado em Engenharia de Estruturas, também pela UFC. Mestrado acadêmico. E trabalho com projetos desde 2018. Comecei como autônomo e aí eu resolvi abrir um escritório. Hoje, a gente já tem quatro anos de empresa, mais ou menos. Quase seis, né? Porque a gente abriu em 2018, mas a gente oficializou fisicamente em 2020. E também sou professor universitário. Já dei aulas ali na Unichristus, dei aula em Quixadá (cerca de 170 km de Fortaleza), hoje eu estou dando aula em pós-graduação.

### **Também em Engenharia, né?**

É, sempre na área de Engenharia de Estruturas.

### **Certo. Com que exatamente você trabalha aqui no escritório?**

Aqui, a gente desenvolve projetos estruturais, que é uma área da Engenharia. Se pegar a construção civil e dividir em duas etapas principais, tem a etapa de projeto, que é o papel, desenvolvimento dos desenhos, dos cálculos. E a segunda etapa é a construção. Então, a gente está do lado de cá, né?

A gente está na fase anterior, que acompanha o arquiteto. O arquiteto desenvolve projeto de arquitetura. Aí, alguns profissionais chamam de projetos complementares, eles vão complementando o projeto de arquitetura. Por exemplo, projetos de instalações elétricas, hidráulicas, sanitárias. E um deles, que eu pelo menos considero um dos principais, é o projeto de estruturas, que é onde a gente vai calcular a estrutura, dimensionar a estrutura pra que ela tenha uma durabilidade aí, fique em pé, seja estável, não tenha vibrações. Enfim, uma

série de atributos que a gente tem que seguir, uma série de normativas que a gente tem que seguir.

Então a gente calcula e desenha, então tem muito desenho envolvido, tem muito detalhamento nessa profissão. Aí aqui a gente trabalha tanto com projetos de estrutura de concreto, que é o caso lá do Andrea, por exemplo, lá é concreto armado, quanto outros tipos de soluções, como por exemplo, estruturas de madeira. A gente calcula também, é um cálculo um pouco diferente, mas a gente desenvolve esse tipo de projeto estrutural também.

**Você tem alguma religião?**

Sou católico.

**Desde criança? Sua família também é católica?**

É, desde criança. Tive minha fase adolescente... larguei, voltei. Eu me considero bastante católico.

**Chega a frequentar a igreja?**

Sim, constantemente.

**Quais são os seus hobbies?**

Eu gosto muito de ler e de escutar música. Tenho um violão. Quando eu era mais novo, eu tocava muito. Mas, hoje em dia, é mais coisa que eu fico parado, escutar música e ler. Então são os meus hobbies principais.

**Qual o tipo de música?**

Ah, eu gosto de rock. Eu gosto de rock internacional, eu gosto de Led Zeppelin, Pink Floyd, eu escuto bastante. E leitura, eu gosto muito de literatura brasileira. Então gosto de Machado de Assis, gosto de José de Alencar. E leio muita coisa de fora também. Fantasia. Ultimamente, eu tenho lido muito livro empresarial. Porque, enfim, eu administro um escritório. Então fica a leitura um pouco chatinha, mas mesmo assim eu gosto de ler, entendeu? É uma coisa que me interessa.

**O escritório sempre foi aqui na Aldeota?**

Sempre foi na Aldeota. A gente já mudou de local três vezes, mas sempre aqui nesse eixo da Aldeota. Já foi aqui na (avenida) Santos Dumont. Depois, foi aqui nesse prédio, só que foi no sétimo andar. E finalmente, a gente está aqui no terceiro andar.

**E em que bairro você mora?**

Hoje, eu moro na Jacarecanga.

### **E já mora lá há quanto tempo?**

Um ano e quatro meses. Eu não sou daqui de Fortaleza. Eu sou do interior, sou de Cascavel (cerca de 62 km de Fortaleza). Então estudei na UFC. Morava lá, depois a minha família se mudou pra Aquiraz (aproximadamente, 33 km de Fortaleza), um pouco mais perto.

Quando eu tava no finalzinho do mestrado, eu me mudei. Saí de Aquiraz e vim pra Fortaleza. Morar aqui na Aldeota, ali perto da (avenida) Heráclito Graças, perto do (colégio) Ari de Sá, perto daqui do (restaurante Kina do) Feijão Verde. Bem pertinho. E aí, trabalhava no (Uni)Christus, trabalhava na UFC, eu era pesquisador lá. Coordenador de pesquisa, na verdade. E fiquei uns quatro anos, eu acho, uns três anos e pouco lá.

E aí, depois, eu resolvi mudar pra Jacarecanga. Por questões de logística mesmo, financeiras, porque o aluguel estava muito caro e tal. É um pouco mais afastado, mas bom também. Inclusive, eu moro no Edifício Cidade. Até pouco tempo atrás, era um dos prédios mais altos de Fortaleza. Agora, recentemente, eles estão fazendo prédios bem altos ali na (avenida) Beira-Mar. Mas antes desses prédios gigantes aí, desses arranha-céus, que foram liberados agora pela Prefeitura, esse era o prédio mais alto, que tem 30 andares.

### **E o que você lembra relacionado ao desabamento do Edifício Andrea?**

Eu lembro muito bem. Engraçado. Por vários fatos. Primeiro, que eu namorava uma menina que morava na (rua) Tibúrcio Cavalcante, que é a mesma rua do Andrea. Então... era de manhã, eu estava no laboratório, lá da UFC. Aí os meninos do laboratório vieram me dar a notícia perguntando “cara, tu já calculou algum prédio na Tibúrcio Cavalcante?” e eu “não...por quê?”, aí eles “olha aí...”. Quando eu abri, eu vi. Aí eu fiquei super preocupado, né? Porque eu logo lembrei da minha ex-namorada, na época, namorada. Fiquei muito preocupado com isso. Aí eu fui atrás de saber o local, liguei pra ela. Não era nem perto, na verdade.

Na época, eu prestava serviço de laudo. Qual é o serviço de laudo em estrutura, especificamente? Vai um especialista em estruturas em determinada edificação e a gente faz uma avaliação, perícia, inspeção das condições da estrutura. Por exemplo, “a estrutura está em processo corrosivo, tem elementos com falha, deteriorados. A gente precisa recuperar, a gente indica reforçar”. Aí eu prestava esse serviço. Eu lembro que depois desse episódio, um dia depois, estavam nas buscas, né? Muita gente, muita gente mesmo, explodiu... muita gente entrava em contato comigo. Muito síndico. Proprietário de apartamento (dos bairros) da Praia do Futuro, da Aldeota, do Meireles, do Papicu, do Bairro de Fátima. Foi uma pane. Eu não conseguia atender todo mundo. Eles ligavam explicando “olha, o meu prédio deu um estralo hoje à noite. Você pode vir aqui?”, “o pilar do meu prédio está igual ao pilar lá do Edifício”. Porque circulou na internet uma foto de um dos pilares bem deteriorado, quase sem seção.

Enfim, foi um desespero. Eu fui tentar atender e tudo. Tinham casos que realmente eu fiquei pensando “rapaz, eu acho que se nunca tivesse tido essa notícia, as pessoas nunca iam me ligar”.

Comecei a ver que Fortaleza tem muito prédio naquele estado ali ou pior. Aquele foi um ano bem corrido. A minha lembrança principal é essa, que eu falei, do susto de que alguém do meu ciclo de relacionamento estava em perigo, depois teve esse pessoal vindo atrás de mim e tudo. Durante um ou dois anos, eu prestei serviço de laudo e sempre vinha à tona essa história. Eu sempre usava como exemplo. Meio que, durante um bom tempo, as pessoas foram atrás do serviço. Até hoje, não sei quanto tempo faz, alguns anos depois... cinco, né? Até hoje, quando as pessoas entram em contato, elas falam do Andrea.

E outra coisa interessante é que, na época, eu tinha desenvolvido um trabalho sobre colapso progressivo, que é o que aconteceu lá, né? É quando tem um prédio, por exemplo, e você tem um colapso pontual ali: um pilar se perde ou uma laje colapsa, ou uma viga, qualquer estrutura pontual. E dali, há um efeito dominó, como a gente chama, né? E, assim, nos Estados Unidos, desde 1970, e na Europa, existem normas pra isso. As estruturas são muito mais robustas do que no Brasil. E aí, foi o meu trabalho de pesquisa tanto na graduação quanto no mestrado. Pesquisava isso. Então, vivia rodando prédio caindo, prédio caindo, prédio caindo. Aí, na época, eu ia apresentar um trabalho... na mesma semana. Estava tendo o Ibracon (Instituto Brasileiro de Concreto), em Fortaleza, que é o congresso brasileiro de concreto. Aí vem o pessoal do ramo de estruturas, né? Apresentar trabalho e tal. E o meu trabalho era análise de colapso progressivo em estrutura, usando normas estrangeiras, né? Na verdade, eu pegava um prédio calculado pela norma brasileira e fazia verificações de colapso progressivo pela norma estrangeira, verificando que não passaria, entendeu? Que, por exemplo, se um pilar caísse, ele realmente caía.

Aí foi assim, o auditório estava lotado. E muitas perguntas e todo mundo falando do prédio e o assunto era o prédio. E eu tinha que falar, eu acho que eu ainda falei mais desse prédio, do Andrea, do que do meu próprio trabalho. O pessoal queria alguma correlação, né? Então, foi um ano ou alguns anos que marcaram bastante a minha trajetória profissional. A partir desse ano, eu comecei a prestar serviços em edifícios grandes, né? Problemática de colapso, quase colapso.

Hoje, a gente presta esse serviço bastante, né? A gente sempre leva esses exemplos aí, infelizmente. Também teve alguns prédios que eu visitei em Fortaleza que eu cheguei a, inclusive, fazer denúncia na Defesa Civil, porque lá na Praia do Futuro a situação é de lá pra pior, entendeu? Realmente, a gente até imaginava que os prédios iam começar a cair em Fortaleza. Mas, enfim, a Prefeitura começou a se mobilizar. Assim, que eu lembre do momento, é isso, né?

**E o que mais você lembra do acontecimento em si?**

Ah, eu acompanhei... a gente tinha uma preocupação na época da Unichristus, os professores. Existia uma preocupação pra além da tragédia, né? Porque realmente o que aconteceu lá foi algo que não é comum de se ver, a gente realmente se comove muito, né? As buscas, né? Eu lembro muito bem disso, né? Sete dias de busca até achar o último corpo. Eu lembro muito do fato da síndica, se eu não me engano, ter sido o último corpo, né?

Então existe uma discussão muito política, quase que política assim, vamos dizer, né? No sentido menor da palavra, de que “ah, por que a síndica não resolveu o problema antes?”. O pessoal querendo achar um culpado, né? E a gente foi convidado pra dar muita palestra sobre isso, né? De quem é a culpa? “Foi um engenheiro que foi lá e bateu com o martelo no pilar e o prédio caiu”, “ah, foi a síndica, que ela já tinha visto o problema, mas não se mobilizou”, “ah, foi o Crea, o Conselho de Engenharia, que habilitou o cara”, “ah, a Faculdade X que vendeu, entre aspas, o diploma pro cara”. Enfim, essa discussão rolou por muito tempo. A gente falava muito sobre isso.

Voltando pra questão lá de quem era a culpa. Eu lembro muito disso... “putz, era a síndica, né? Será que ela era a culpada? Porque ela não fez nada”. Ela entra meio que no ramo de... na verdade, na minha opinião, todo mundo tem uma certa culpa, né? Existe a irresponsabilidade de pessoas ali, não dá para apontar o culpado, mas isso passou muito pela minha cabeça.

Outras coisas que ficaram muito na minha memória, durante o período e um pouco depois, foram alguns fatos pontuais, que a gente vê nas notícias. Por exemplo, tinha uma pessoa lá que morreu e que não morava lá. Ela foi fazer uma visita. Muito trágico, eu pensava muito nisso. Tinha um rapaz que ficou soterrado e consegui ligar o telefone. Coisas assim bem absurdas. Esse rapaz, um armário caiu na cabeça dele e protegeu ele.

Como eu realmente trabalho na área... E, na época, eu estava muito focado no estudo lá, eu pensava muito nisso. Inclusive, pouco tempo depois, eu tive problema de saúde. Na pandemia, em 2020, tive síndrome do pânico, né? Excesso de trabalho e tal, não sei o que. E uma das coisas que sempre acontecia comigo... Algumas vezes, quando eu tive as crises, era isso: eu estava num prédio que ia desabar. E o que vinha pela minha cabeça era o Andrea! Então, um prédio desabando, que eu estava em crise, era exatamente o Andrea, entendeu? Toda a movimentação... que eu pensava nas notícias, aquela coisa do pânico, da ansiedade, na nossa cabeça pensando nisso.

### **De quais notícias você consegue lembrar?**

Ah, eu lembro de uma notícia muito que passou bastante. Foi o pessoal mostrando de longe as filmagens. Eu lembro da procura dos corpos, que passou muito tempo na TV, ficou mostrando, acho. Eu lembro muito do tenente lá no Corpo de Bombeiros dando entrevista, ele estava bem empenhado. Foi uma figura que marcou pra mim, por exemplo, né? Eu já tinha um respeito pelo Corpo de Bombeiros, lógico, porque já conhecia. Mas realmente a gente viu que não é um trabalho muito fácil. Também vem muita cabeça ele, né? Colocaram ele à frente lá da coisa e resolvendo.

E algumas coisas pontuais... Eu sou uma pessoa que eu me atendo muito aos detalhes. Eu lembro de um cara que morreu que era um entregador de água. Putz! O cara estava na rua, passando com a entrega. Água, gás, não sei. E acabou morrendo também devido à tragédia. Então, foi uma coisa que demorou um pouco pra sair da minha cabeça esses pequenos pensamentos intrusivos, né? Do tipo: “aquele entregador de água ali, será que ele vai acontecer alguma coisa com ele?”. Então, “ah, eu vou visitar a casa do meu amigo, será que o prédio dele tá em dias?”. A pessoa que foi lá visitar morreu, caiu o prédio.

Eu já fazia isso de entrar nos prédios e ficar olhando os pilares, porque, enfim... porque a minha profissão é essa, mas... dobrou. Eu cheguei a visitar prédios que eu não subia, me recusava a subir pra analisar. Lá no (bairro) Papicu, foi uma vez, e a síndica queria que eu subisse. Eu olhei a estrutura lá e falei “não, não vou subir, não”. Ainda falei assim: “ainda daqui, eu vou lá na Defesa Civil fazer uma denúncia”. Então, assim que eu tava, né? “Meu Deus, se acontecer alguma coisa... vai ser agora”.

### **Você chegou a acompanhar os desdobramentos depois desses primeiros dias?**

Muito pouco. Muito pouco. Eu fiquei ali naqueles primeiros dias, acho que uma semana ou duas, acompanhando normal, na TV. Era o assunto no momento. Depois, eu fiquei mais interessado no laudo dos engenheiros pra saber qual era a causa. Eu e os professores, né? A gente sempre estava esperando essas respostas e também da condenação lá do cara. Se seria condenado ou não, quem ia pagar. Lembro que demorou um pouco pra sair a sentença. Foi mais isso, mas não cheguei a ir atrás. Assim, eu não sei o que aconteceu com as famílias, nem nada. E, realmente, fiquei só com as informações ali do momento e segui minha vida.

Eu fiquei muito curioso pra ver, eu lembro, o local. Só que eu passo perto todo dia e nunca tinha visto. Aí, um dia, eu resolvi fazer o desvio só pra ver como é que estava lá. Foi logo depois. Alguns meses depois. Quando eu cheguei lá, o terreno já estava nivelado, já estava com muro, né? Eu nem sei como é que está hoje. Mas, alguns meses depois, de cinco ou seis meses, eu dei um desviozinho pra ver exatamente onde era o local do desabamento.

### **O desabamento também foi assunto na sua casa?**

Na época, eu não morava com meus pais... ou morava? Não, eu não morava com meus pais. Acho que pontualmente a gente deve ter falado, né? Minha mãe, com certeza, deve ter ficado preocupada. Ela tem esse tipo de preocupação. “Ah, meu filho mora na Aldeota. Um prédio caiu na Aldeota. Então, é o prédio do meu filho”. Meu pai também ficou interessado em saber se tinha alguma notícia. Mas na família não teve muito isso, não. Teve muito no ambiente de trabalho. Lá no Christus, era toda hora, toda hora, toda hora, toda hora.

### **E na missa, alguma coisa era citada em relação a isso?**

Era. Eu lembro que o padre sempre falava a respeito disso. Mas mais no sentido das vidas, né? Não era muito da problemática envolvida por trás. Enfim, então eu tinha muita reflexão sobre isso, né? Eu lembro que, quando eu tava estudando o colapso no meu último ano, no TCC, eu pesquisei alguns prédios que caíram, com várias tragédias, pra poder escrever sobre o tema.

É muito chocante. Tem casos que duzentas pessoas morreram, porque uma passarela caiu dentro de uma festa. Um que me chocou muito foi aquele do 11 de setembro. Você vê a quantidade de mortos, você vê a tragédia que é. Então, assim, quando eu pensava em tragédia com prédio, eu lembrava do World Trade Center. Putz, é um negócio absurdo. Um negócio um pouco fora do comum. Só que ainda está um pouco longe da gente, né? O Andrea, que foi aqui do lado. Nossa... Dez vezes pior a sensação. Na época, eu ficava angustiado, entendeu? Meu Deus. Eu ficava pensando nessas pessoas, porque você meio que conhece, sabe? “Ah, fulano mora não sei aonde, a prima de não sei quem”. Meu Deus, entendeu? Aí “fulano vem lá de (cidade) Aquiraz pra visitar”. De Aquiraz, caraca, onde eu moro. Então, você associa mais à sua vida e o impacto é maior. Pelo menos, eu senti isso.

**Você tem algum conhecido que teve alguma participação de resgate? Doação? Você mesmo participou?**

Não, de resgate não. Eu tenho um pessoal que fez inspeção lá, né? Colegas.

**Inspeção antes ou depois do desabamento?**

Depois, depois. Antes... eu até sei as empresas que fizeram, mas não tenho contato, não. Aí, depois, foi um pessoal tentar investigar as causas. Eu conheço engenheiros. Na parte de resgate, não. Eu conheci lá pela TV mesmo.

**Esse episódio teve algum impacto na sua vida ou na sua rotina?**

Profissional? Bastante. Profissional, bastante. Pessoal? Acho que nem tanto. Nem tanto. Assim, as coisas vão diluindo, né? Se tu tivesse me perguntado isso há um ano ou dois anos... Eu acho que eu teria dado uma resposta um pouco diferente. É engraçado, o tempo vai passando e a gente vai esquecendo.

Hoje, a não ser o fato de ter com muito cuidado com os prédios que eu visito, que eu tenho uma atenção diferente... Mas é muito ligada à minha profissão. Eu moro no meu prédio lá e eu vejo que tem algum problema, aí eu indico, falo com a síndica. Eu acho que, se eu fosse leigo, eu acho que eu não falaria. Tenho quase certeza, não sei. Não consigo diferenciar isso. Então, pessoalmente, eu acho que não. Não consigo enxergar. Profissionalmente, bastante.

**Quais fatores te levaram a guardar lembranças desse acontecimento?**

Eu acho que foi muita notícia. Então, eu fui bombardeado. Não tem como... pra onde eu ia, olhava, assistia, tinha sobre isso, né? As pessoas falavam comigo sobre isso. Pessoal de fora, amigos de outros estados e tudo. Então, acho que isso é um fato, né? Esse é um fator. O outro foi o fato de eu ser um prestador de serviço da área e meio que ter a obrigação, entre aspas, de saber mesmo, de guardar aquilo, pra repassar pras pessoas. Então esses dois fatores aí.

**Você lembra qual foi a última vez que você ouviu falar sobre o caso?**

Ontem. Todo dia eu escuto do Andrea. Hoje. Se for pensar assim, hoje mesmo uma pessoa me pediu uma proposta pra um laudo de um prédio, aí eu perguntei “cara, qual é o motivo?”, “Ah, eles estão com medo. Eu tenho um pilar igual ao Andrea. Lembra do Andrea?”. Então, assim, toda hora, todo dia aparece alguma coisa. Na cabeça do fortalezense, pelo menos, os que eu tenho contato, né? Pessoal de prédio, síndico, principalmente síndico... É muito presente essa história do desabamento do Andrea. Eles decoraram o nome e decoraram a questão do pilar. Então eles olham o pilar, remetem ao Andrea e vão atrás de um engenheiro. Sempre chega alguma coisa nesse sentido.

**Com que frequência você consome notícias?**

Olha, hoje eu tô muito sem tempo. Eu tô numa bolha aqui, mas eu acho que, pelo menos, uma vez por semana, no final de semana... eu entro no site, no Twitter. Eu não assisto TV. Eu não tenho TV. Então... mas eu vou atrás de outros meios, né? Internet. Mas, assim, é muito raro.

**E em que momento acontece isso?**

Geralmente, quando eu estou sem nada pra fazer, que é no final de semana. Então, eu abro o computador e vou fazer alguma coisa, ver algum filme e tal. Aí eu paro e tal e vou ver alguma notícia. Eu sinto falta, às vezes. Porque, por exemplo, a gente tá num período bem conturbado mundial hoje, né? E eu já fui mais assíduo. Já assinei revista, jornal. Já consumia muito, né? Eu morei uma época fora do País. Eu morei na França. Nessa época, eu lia jornal todo dia. Quando eu voltei pro Brasil, eu continuei com essa rotina assim de ver jornal mesmo. Ver notícia e tal. Só que depois que eu comecei a trabalhar, fui ter o escritório, aí eu me sinto um pouco até defasado das histórias. No almoço, a gente foi almoçar com o pessoal, eles são a minha porta, meus ombros. Eles falam tudo que está acontecendo no mundo, porque eu não tenho mais tempo de assistir.

**Qual é o tipo de notícia que geralmente você mais consome ou que chega até você?**

O que chega pra mim, no momento que eu quero, é muita coisa sobre política. Então, por exemplo, eu entro no carro pra ir pra casa, coloco no podcast sobre política. Eu coloco os da CBN. Eu não sei qual é o nome. Então, quando eu quero consumir, eu coloco notícia, senão... eu não sou aquela pessoa que eu vou consumir agora o esporte pra ir pra casa, não. Quando eu abro o celular, entro no Instagram e no Twitter, aí é diferente. Meio que aparece muita coisa

sobre futebol. Globo Esporte, entendeu? Então, eu gosto de política, eu gosto de entender a política e tal. Mas não é sempre, infelizmente, que eu consigo.

### **E o pessoal aqui do trabalho geralmente comenta que tipo de notícia com você?**

Eles falam muito sobre política e muito sobre esporte também. Mas mais sobre política. A gente tem uma brincadeira aqui entre a gente, né? Porque tem um pessoal mais de esquerda e um pessoal mais de direita. Aí a gente sempre vai almoçar e a gente fica jogando lenha na fogueira e tudo. Então, a gente vê as opiniões aí de cada um e tal. Aí é legal, porque a gente interage muito. Eles veem muita coisa no Twitter e no Instagram. TV eu acho que pouco. Pelo que eu vejo, eles sempre trazem notícias do Twitter. Acho que está mais comum, mais rápido, né?

### **E qual o meio que você utiliza mais pra se informar?**

Ah, com certeza, a internet. Com certeza, a internet. YouTube. Sigo alguns homens comentaristas. Twitter.

### **Comentarista de política também?**

De política, alguns. Rádio pouco, né? Toda noite, eu escuto aquela Hora do Brasil. Aquele negócio que é bem coisa de velho. Mas eu acho legal, me sinto bem.

### **É o momento de você voltar para casa?**

É, me acalma. Porque geralmente o dia é muito atribulado. E é um negócio meio que... não sei... eles fazem com que seja bem pragmático, né? Tipo assim, a mesma voz, o mesmo tom, a mesma coisa. Não tem nada pra ver, só ouvir. Então, eu gosto bastante. E, à noite, quando eu chego em casa, eu coloco algum podcast. Escuto. Pra dormir, às vezes.

### **Você costuma debater sobre as notícias?**

É, debato bastante. Muito sobre política. Eu gosto muito de discutir isso. Não só porque eu acho que desde 2018, das primeiras eleições do Bolsonaro... Desde essa época aí, a gente discute muito. Eu sempre discuti muito política. Mas, desde 2018, ficou um negócio muito insuportável. A gente sempre discute quando entra alguém novo, aqui a gente fica naquela “será que ela é de direita ou de esquerda?”. Aí a gente vai tentar descobrir e tal. O pessoal é bem legal, bem aberto à discussão, né? Não tem briga, não. É mais o pessoal jovem, gosta de debater. Aí eu entro no embalo aí. Eu fico jogando lenha na fogueira.

### **Teria mais alguma coisa para acrescentar?**

Não, eu gostei muito do convite. Primeiro, agradecer. Acho que é um evento que realmente mudou muito o rumo da minha vida, né? Coincidentemente, porque eu estava fazendo esses

trabalhos, mas não sabia se eu queria entrar na área de laudo, de projeto. E esse evento aí, com certeza, me impulsionou muito pro mercado nesse sentido, né? Então, apesar de ser uma tragédia, né? As vidas... apesar não, né? É uma tragédia. O caminho das pessoas mudam depois que acontece alguma coisa desse tipo. É meio bizonho pensar “se não tivesse acontecido isso, onde é que eu tava? Que que eu tinha feito? Será que eu teria saído da área? Será que eu ia ser professor?”. Enfim, então como eu te falei, né? Todo dia, as pessoas tocam nesse assunto, falam desse prédio e faz parte do meu dia a dia realmente o Edifício. Eu não conheço as pessoas nem os parentes nem nada. Tinha vontade de conhecer, eu não conheço. Eu, como prestador de serviço da área, eu sinto que tem aquele sentimento de que eu tenho um conhecimento um pouquinho a mais e posso contribuir pra isso, né? Então, isso ajuda um pouco a eu gostar do que eu faço, né? Da minha profissão, entendeu? Então, são exemplos que a gente vai levando. Não só esse, mas outros casos, né? Teve outros prédios que vieram a colapso e a gente meio que tem uma responsabilidade. O pessoal da engenharia, do cálculo, do projeto. A gente tem que citar e falar sobre isso. Eu acho que não pode ficar perdido, entendeu? Tem que ser lembrado e tudo.

## APÊNDICE F — ENTREVISTA COM A MORADORA SIMONE

Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2024, em restaurante, no bairro Dionísio Torres.

### **Qual é a sua idade?**

Eu tenho 59 anos.

### **Qual é a sua formação?**

Sou jornalista. Trabalhei no IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará). Os meus 30 anos de trabalho foram lá, na equipe de comunicação.

### **Onde você se formou?**

Na UFC (Universidade Federal do Ceará). Fiz mestrado de Políticas Públicas na UFC também. Fiz mestrado de Sociologia, mas não concluí na UFC. Tenho uma ligação grande com a Federal.

### **Por que você escolheu o jornalismo? Já tinha alguém na família que fazia?**

Não, na verdade, eu morava no Rio. A minha família morava no Rio. Eu tinha uma expectativa... pra gente, quando é muito jovem, que define a questão do vestibular, que na época ainda era o vestibular tradicional, eu queria fazer Comunicação Visual, que é uma coisa que eu ainda gosto bastante, né? Assim, é coisa mais de design, design de embalagens. Gosto de design de interiores, eu gostava muito dessa área. Então era Comunicação Visual ou Oceanografia. Eram as minhas praias, né? Eu gosto de muita coisa diferente.

Quando eu vim morar aqui, não tinha Oceanografia, não tinha nenhum desses dois cursos aqui e eu fui ver Engenharia de Pesca. Não tinha nada a ver com o que eu esperava, né? Pensando na Oceanografia, era mais voltada pra questão do mercado, da pesca e tal. E Comunicação Visual também não tinha, tinha Comunicação Social. Como eu tinha feito um teste vocacional que apontava para Letras e Comunicação Social, acabou sendo os vestibulares que eu fiz. E realmente eu passei em Letras e passei em Comunicação. Aí acabei optando por Comunicação.

### **Depois que você se formou, sempre trabalhou na área?**

Trabalhei, sempre trabalhei na área. Antes, na faculdade mesmo, quando eu comecei a fazer estágios, eu já fazia estágio, mas era mais ligado a assessoria sindical. Aí, depois, eu fui migrando. Trabalhei no Diário (do Nordeste), eu trabalhei na TVC, depois eu fiz o concurso pra comunicação da UFC. Até o concurso era da UFC. Mas eu tirei terceiro lugar, a vaga que tinha, na época, era escola técnica, aí como era um concurso federal só, né? Eles podiam chamar também quem tivesse feito o concurso da UFC. Aí me chamaram e eu aceitei. E achei

até melhor, porque na UFC a vaga era na reitoria. Eu achei uma coisa assim mais ligada à Comunicação Social mesmo, né? A gente fazia assim a assessoria da direção do órgão, mas tinha o objetivo de construir a comunicação da instituição, né?

### **E o que te guiou para depois fazer mestrado em Políticas Públicas e depois Sociologia?**

Ah, na verdade, eu acho que eu sinto que sempre gostei muito da parte sociológica, né? Quando eu terminei o curso, tava ainda pensando sobre fazer concurso e ainda não tava decidida por isso. Eu comecei a fazer o mestrado de Sociologia, né? Aí fiz as disciplinas todas. Eu me lembro que foi na primeira candidatura do Lula. O meu objeto de trabalho era em cima de como ele era apresentado nos jornais, né? Já existia um interesse por isso.

Só que assim, os arquivos que eu ia trabalhar estavam no sindicato na época que eu trabalhava lá, também pegava era a parte da representação da candidatura dele dentro dos jornais sindicais. E teve um período desse de muita chuva e mudou a diretoria. Aí, quando eu fui ver, os arquivos estavam todos alagados. Todos destruídos. Nesse período, eu estava com alguns problemas pessoais também. Aí eu fiquei muito desestimulada, sabe? Porque aí eu teria que refazer tudo pra redirecionar, né? Objeto de pesquisa, tudo. Aí acabei não concluindo.

Quando foi mais tarde, já dentro do IFCE, abriu a possibilidade da gente fazer o mestrado de Políticas Públicas, focado na questão profissional. Era um mestrado profissional mesmo. E aí eu fiz isso e foi ótimo. Mas aí eu trabalhei também a questão da comunicação dentro da gestão do Ensino Superior. Estudei a questão dos princípios de impessoalidade e moralidade e a construção da comunicação institucional, né?

### **Você tem alguma religião?**

Hum... Difícil. Assim, eu sou católica, né? Formada pela família no catolicismo. Mas a minha mãe foi aluna de colégio interno, a minha irmã é extremamente católica... E eu sou mais assim... espiritualista. Eu passo tempos que vou no centro espírita. Aí, por exemplo, agora, nessa fase eu tô ouvindo uns podcasts budistas. É por temporadas, né? É espiritualista mesmo. Não tenho uma definição de religião não.

### **Você hoje em dia ainda trabalha no IFCE?**

Não, eu me aposentei em um ano e alguns meses e tô fazendo nada. Fazendo muita coisa, não fazendo nada relativo ao trabalho mesmo.

### **Então, tem feito o que? Como é a sua rotina?**

Na minha rotina, eu acordo, eu vou fazer meu café, aí eu escuto os podcasts. Normalmente, eu escuto o da Folha, o Café (da Manhã), né? Aí escuto O Assunto, aí escuto Vera Magalhães. A maioria de política. Dou uma olhada nessas coisas. E pra não ficar muito tempo, eu leio o Meio, eles têm um boletim de notícia, uma newsletter. É um resumo das notícias, das

manchetes, né? Aí se tiver algum tema que eu esteja muito interessada, eu vou dar uma olhada nos jornais maiores. Às vezes, no final do dia, quando eu estou mais tranquila, vejo a Folha, eu vejo O Povo.

### **No celular? Você acessa os portais ou acompanha nas redes sociais?**

Vejo no celular. Acesso os portais, mas eu também tenho as redes sociais, né? E aí, de repente, se aquele assunto me interessar, eu vou procurar mais sobre ele. Mas normalmente eu acesso os portais mesmo.

### **E durante o dia, o que você faz?**

Aí durante o dia, na hora do almoço, quando eu dou aquela parada do almoço, eu olho as redes sociais. Eu vejo no jornal do meio-dia, o Jornal Hoje, né? E eu vejo o Jornal Nacional quase todo dia. E eu vejo o Roda Viva normalmente, na segunda-feira, quando tem alguma coisa que me interesse. Mas hoje, assim, eu gosto muito de ler, né? Até pensei que, se eu tivesse feito Letras, também teria sido uma coisa legal pra mim. Porque eu gosto de ler, gosto de escrever. Eu fiz uma especialização por fora, né? A questão do trabalho em escrita e criação. Essa especialização me deu uma motivada grande, foi justamente quando eu tava pensando “vou me aposentar e o que que eu vou fazer?”. Aí eu comecei a retomar o conhecimento pelos escritores mais contemporâneos e tal. Eu gosto também de tudo que vem ligado a isso, principalmente o Roda Viva, tem muitos autores que eles levam, né?

### **Aí durante o dia, você lê e o que mais?**

Hoje foi um dia que... ai, meu Deus, eu estou sem faxineira, né? Aí eu tinha que fazer as coisas de casa, mas eu fico assim indignada, porque eu quero estar lendo, né? Praticamente, eu leio um pouco de manhã, leio um pouco de tarde. Literatura também, sempre estou com algum livro, lendo, né? E agora eu inventei de comprar uma casa em Paracuru (aproximadamente, a 90 km de Fortaleza). Então minha vida está muito focada em comprar as coisas pra montar a casa, sabe? Quando eu não estou em casa, eu estou na rua comprando coisa, né? Mas sobra muito pouco tempo, na verdade, sabe? Sobra pouquíssimo tempo. Dentro da minha proposta, eu queria ter um tempo pra escrever. E eu não estou conseguindo me organizar pra isso. Eu ainda vou me organizar. Eu tento, porque não sei se a leitura me chama mais que a escrita.

### **Você decidiu comprar a casa em Paracuru para passar o final de semana? Deixar para alugar? Gosta da praia?**

Não, na verdade...a minha intenção... no ano passado, nessa época, eu estava na Pipa (cidade do Rio Grande do Norte, a 83 km de Natal e a 597 km de Fortaleza), na casa de uma amiga. Eu passei três meses na Pipa também estudando se eu me acostumaria a morar lá. Isso vem já da minha vontade de morar num lugar mais calmo, pra ler mais e escrever.

**Então pretende sair de Fortaleza mesmo?**

Pretendo. Eu não pretendo me ausentar totalmente, porque eu tenho meu filho, tenho minha mãe, né? Eu preciso também estar aqui, eu sinto falta, sabe? Passar muito tempo sem encontrar o Miguel é difícil pra mim, por isso que eu acabei optando por um lugar mais perto, né? Eu tenho um namorado também, né? Um namorado-marido, que mora no Cumbuco (cerca de 29 km de Fortaleza). Aí já tem essa coisa de, por exemplo, agora eu tô aqui e ele tá lá. A gente passa assim uns tempos separados, aí a gente vai pra casa de Paracuru juntos ou eu vou pra casa dele.

**Miguel é seu filho?**

É, meu filho. Miguel mora aqui perto do MIS (Museu da Imagem e do Som), sabe?

**E você mora com a sua mãe?**

Não, eu moro sozinha. E assim, entrando nesse assunto, já que tem a ver com a notícia, né? O desabamento do Edifício foi assim um definidor inclusive nessa minha decisão de morar em outro lugar. Já posso falar sobre isso, né? Essa casa que eu tenho, quase em frente onde é o Edifício Andrea, é uma casa que meu pai me deu.

Então, primeiro, tem uma coisa sentimental na casa, uma casa pequena. Ali é uma travessa. Todos os moradores, praticamente, eram moradores antigos de lá. A gente conhecia os moradores. Eu já morei no Edifício Andrea. Agora eu estou me lembrando disso. Eu acabo esquecendo, porque faz tanto tempo. Quando o Miguel era pequeno, eu morei nesse prédio com essa minha amiga da Pipa, que nós somos amigas de muitos anos.

Então, eram três quartos, eu morava num quarto, ela no outro, e o Miguel no quarto do meio. Era apartamento grande, sabe? Prédio antigo. E aí, eu conhecia as pessoas, os moradores antigos de lá, o síndico, a síndica, o porteiro, né? O seu Lúcio, que era o porteiro da noite, que perturbava a gente demais, porque, nessa época, a gente dava muitas festas, sabe? Fazia muito barulho, né? E aí ele era meio chato.

**E ainda era o mesmo porteiro?**

Era o filho dele. Agora, nessa atualidade, era o filho dele, né? Mas tinha aquela referência pra mim, por eu ter morado lá, mais forte, além da localização. Quando esse prédio desabou, eu tava em casa, eu tinha chegado do Cumbuco. Era um feriado, acho que foi Dia do Professor. Eu tinha ido pro Cumbuco e eu estava tomando banho quando eu senti o chão tremer, tudo. A minha cachorra latiu, até eu sair enrolada na toalha e ver. Porque eu não abri o portão, com medo do barulho. Mas eu vi o zelador do prédio do lado da minha casa filmando. Então eu vi pelo celular dele o que tava acontecendo, né? Que ele tava encostado no meu portão.

Então, teve todo sofrimento, porque, além de você ficar desesperada por aquela coisa que aconteceu com as pessoas... Tem gente que tem uma presença de espírito muito grande. Eu me lembro que teve um rapaz, quando eu me vesti e consegui abrir a porta pra ver se a minha vizinha estava bem, ela é bem idosa, porque foi mais para o lado dela.... É, tinha um rapaz assim percorrendo o prédio todinho gritando pra ver quem estava vivo, né? Quem estava debaixo dos escombros.

### **E teve resposta? Alguém respondeu?**

Teve, teve. Eu acho que foi o Vitor, um menino até que estava em casa sozinho e que o pai dele era meu vizinho, assim de frente, o Paulo. Era um vizinho muito alegre, que passava, falava comigo, dava bom dia pra toda rua, sabe? E o filho dele estava em casa nesse dia. Isso eu soube através da imprensa, né? E esse menino ficou nos escombros. Ele ficou pelo celular avisando o pai e a mãe, que tinham saído, acho pra ir ao banco, uma coisa assim, não lembro bem.... Os pais tinham saído e ele avisou que estava em casa, mas estava vivo. Porque ele sabia que quando os pais retornassem e vissem o prédio desabado, eles iam pensar que ele tinha morrido. E eu acho que foi ele que teve os gritos pelo lado, sabe? Pela localização do apartamento.

E isso mudou todo o contexto da rua. É, mudou todo o contexto da rua, porque... eu tive que sair de casa. Ainda é uma coisa que eu falo assim e me abala. Mas, na época, eu não conseguia ficar em casa assim e ficar vendo aquilo. A minha mãe mora no mesmo quarteirão que eu, só que no prédio, e eu moro na casa, que foi quase em frente. Pra ela, deve ter sido horrível também, porque ela ficou vendo de lá de cima todo... as semanas...de tirar as coisas e tudo.

Eu tive que sair de casa porque, primeiro, a Defesa Civil ia passar por todas as casas pra ver o que tinha acontecido com as casas. A minha não aconteceu nada. A casa da década de 1960, essas paredes lá muito largas, muito fortes, sabe? Não aconteceu nada. Teve prédio que parece que teve rachadura, até mais distante do que a minha casa. E também porque a rua é pequena e a única árvore que tem, fui eu que plantei, a rua não tinha árvore nenhuma. Então os bombeiros fizeram dali um apoio deles, pra botar água, pra descansar, né? Aquelas tendas, aquelas coisas.

Quando eu vinha em casa, pra ver como estavam as coisas, tinha que passar por aquelas cordas, identificar que era morador pra poder entrar. O trator pra tirar a alvenaria ficava em frente à minha garagem. Então, não tinha sentido... eu ficar com o carro preso... Aí, eu fui pra Cumbuco, pra casa do meu marido lá.

Todo mundo ligou pra mim do trabalho, porque nesse dia eu liguei pro trabalho, chorando pra caramba, dizendo que não tinha condição de trabalhar. E todo mundo vendo as notícias e ligando pra mim, lembrando... essa minha amiga que morou comigo viu e lembrou que eu tava morando em frente. E foi muito difícil sim, também porque uma das famílias que morava lá, que morreu a família toda, era parente de um grande amigo meu. E aí ele não morava aqui,

morava em Salvador, mas o cunhado dele é quem ia pra lá, pra ficar esperando notícia. Porque estava na história de procurar sobrevivente, depois eram os corpos, né? E depois aquela coisa mesmo. Eles morreram todos. E quando eu me lembro, nas duas vezes que eu fui lá, as duas vezes o Rômulo estava lá. Em pé, esperando os bombeiros, né?

Tinha todo aquele trabalho de silêncio, apita, cão, não sei o que. Parece pra gente muito lento, né? Porque eles não podem entrar com a retroescavadeira pra... que pode desabar mais coisa, né? Então, dá uma coisa que agonia a gente ficar esperando. E depois disso, eu ainda tô sofrendo até hoje com essa história... Depois disso, ficou tudo muito feio. Porque assim, o prédio dava uma alegria, né? O pessoal descia, moradores antigos, tinha porteiro, Francisco que eu conhecia, era do meu tempo. Procurei, liguei pro Francisco, ajudei ele financeiramente, porque... ficou sem trabalho de uma hora pra outra, né? Um outro rapaz que tinha em frente, que era vigilante da boutique que tinha assim em frente, não sei se você chegou a ver os vídeos... mas um rapaz que correu assim, ele não ficou machucado, mas ficou impedido de trabalhar porque até tirarem os escombros que tinham caído pra lá, ela refazer a boutique mesmo... Foi, foi tudo assim, complicado. E aí, passou, né? Ainda demorou um tempo. Eu só voltei pra casa quando tinham acabado o serviço.

**Você chegou a comentar que a sua decisão de comprar a casa em Paracuru também tem a ver com isso. Qual foi a relação?**

O seguinte: ficou tudo muito triste. A gente, pelo menos, tinha o vigia do prédio ali à noite. Com essa queda, luz... principalmente, a luz, né? Eles botaram os tapumes lá e aquilo ficou abandonado. Ficou um tempão abandonado. Os moradores que costumavam andar muito na rua, pra ir fazer o supermercado e voltar, pararam de andar. Então, ficou uma coisa assim... eu fui assaltada na porta da minha casa, porque aquilo ficou um esconderijo. Já é uma travessa... que facilita... Imagina sem uma iluminação de esquina que tinha do prédio.

**Era iluminação só do prédio?**

E a da rua, porque no que o prédio caiu, ele puxou poste também.

**E o assalto que aconteceu foi logo depois do desabamento?**

Foi um ano depois. Na verdade, depois já tinham botado o poste de volta, mas aquela esquina grande... é um terreno grande, toda escura. Ficava ótimo pra assalto. Todo mundo já tinha sido batizado. Só faltava eu mesmo.

E aí, houve uma discussão sobre o que seria aquilo dali. Eu me lembro que a primeira proposta foi ser uma praça. Eu fui favorável, né? Pela questão de ter uma praça, verde e tal. Isso aí foi umas das coisas que eu soube pela imprensa, porque, na época, alguém da vizinhança deu a entrevista defendendo a unidade do Corpo de Bombeiros, que o Governador tinha anunciado, e eu defendia a questão da praça, que era uma proposta de um vereador. E aí

eles começaram a falar da questão da segurança e, com o tempo, eu fui ver que eles tinham razão. Porque se fosse uma praça só, a gente não ia ficar...

Aí o que que tem a ver com a minha mudança? Primeiro, que a minha casa, como a de todo mundo, desvalorizou totalmente. Eu pensava em vender, eu digo, “meu Deus, como é que eu vou vender essa casa?”, né? Porque todo mundo que chega aqui, todo mundo que chegava no Uber, ficava “ah, foi aqui que desabou o prédio?”, todo mundo. E por um tempo, por alguns anos, o pessoal ainda ia botar flores, ainda ia fazer foto. As famílias, né? Eu paguei um rapaz que fez um grafite do lado de lá pra fazer do lado de cá também, pra tirar aquele muro triste da minha frente, que eu não podia ver.

### **Foi o mesmo rapaz?**

Isso. O Lápis de Lata, o grafiteiro. Foi muito tempo da minha terapia. Fiquei muito, muito mal por causa disso, sabe? Me deu uma certa baqueada. Não chegou a ser uma depressão, mas me deu uma baqueada grande. Juntou também com o processo de aposentar, né?

E aí, eu tenho uma vizinha que já era idosa e as coisas foram piorando por N motivos. E por também não ter o vigilante ali, que de alguma forma, as pessoas que viam a casa dela, eu acho que dava uma certa moral, né? E ela está assim, ela não está passando fome agora, porque eu fiz uma denúncia no Ministério Público e estão vendo cesta básica e tudo, mas uma situação péssima, péssima mesmo. Então assim, esse agravamento da situação dela tem a ver também com a questão do prédio indiretamente, porque ninguém vê aquela velha ali na calçada, entendeu? E aí morreu o da frente, morreu o outro, morreu... Começou a morrer também os moradores que eram antigos, né? E eu fiquei muito desgostosa de morar ali, principalmente pela situação da minha vizinha. Mas tem tudo a ver.

E entrou na fase de construir o Corpo de Bombeiros lá. Muito barulho, muito barulho, muita máquina, muita sujeira, porque venta. Eu passei um bom tempo no Cumbuco, aí depois eu resolvi essa questão da casa de Paracuru. Comecei a procurar. E esperando que, depois que se inaugure este Corpo de Bombeiro, o meu imóvel possa voltar a um preço normal, né? E talvez eu venda, ou talvez eu volte a morar lá, não sei. Eu sei que do jeito que está não quero morar lá.

### **Hoje em dia, você não está mais morando lá então?**

Eu estou, mas não estou. Eu vou lá sim porque eu preciso ver minha mãe, ver o Miguel, mas eu passo mais tempo no Cumbuco e agora no Paracuru.

### **Depois você acompanhou os desdobramentos do desabamento pelos jornais ou por alguém que falava?**

Pois é, logo que ocorreu, deixa eu me lembrar... eu não gostava muito de ver, né? Ele tomou muito os noticiários, televisivos também. Eu me lembro que eu fiquei no Cumbuco, aí o

Álvaro falava, né? “Olha, tá passando não sei o que”. E eu: “ah, depois tu me diz como é que tá”. Assim, eu ficava atenta pra ver se tinham resgatado alguém, quem é que tinha morrido. Mas eu não gostava de ver. Era sempre ele que me dizia.

Ou no trabalho, quando eu ia trabalhar, os meninos também me diziam. Eu passei um bom tempo não querendo ver. Nem ao vivo. Quando eu ia lá em casa, era bem rápido, pegar uma muda de roupa, pegar algum documento, uma coisa que eu estava precisando. Mas eu não gostava de ver. E nem na imprensa. Depois que começou a discussão sobre o que seria feito com aquele espaço, aí eu comecei a acompanhar mais. Eu via o que tava saindo, cheguei a conversar com o pessoal do Jornal O Povo. Carol é muito minha amiga e ela já tava no O Povo nessa época. E ela foi assaltada comigo de frente lá em casa. A gente tava voltando do Cumbuco, aí eu falei com Carol pra ver se a gente conseguia de alguma forma retomar essa questão, porque era o tempo passando e não se tomava um destino. Não começava a construção. A construção acho que já passou de dois anos. Então, a partir desse momento, que se começa de fato a se definir o que seria ali, aí eu comecei a acompanhar.

E mais recente, falando de memória, a mamãe que é uma pessoa mais velha e que não vê mais muitas notícias, se recusa a ver a Globo, porque ela é bolsonarista doente e tal, aquela coisa... Ela não vê muita notícia, né? E aí, eu mostrei no celular pra ela, porque ela disse “ah, nunca mais passa a data do desabamento do prédio, não falam mais nada”. E eu disse “não, não é bem assim, não. Olha só”. Aí puxei meu celular, botei na busca, né? Aí fui mostrar pra ela que sempre o Jornal O Povo nas datas de aniversário... e outros veículos falam também, que tem outras notícias. Eu mostrei e ela ficou surpresa, sabe? Por ter essa essa marcação.

**Quais são os fatores que você acredita que te levaram a guardar a memória sobre esse acontecimento?**

Eu acho que é bem forte pra mim porque há todo o envolvimento emocional, por ter morado lá, por ter conhecido pessoas que estavam lá, que eu vim morar nessa rua depois. Porque eu gostava dali, eu gostava desse lugar, do Dionísio Torres. Eu acho que o fator emocional é o primordial pra eu lembrar.

**Há quanto tempo você já mora ali no Dionísio Torres?**

Tem mais de 20 anos. Eu acho que o Miguel tinha uns oito anos.

**Aí você chegou a morar no Edifício Andrea, saiu e voltou pra lá? Aí, nessa saída, foi para qual bairro?**

Nessa saída, eu acho que eu fui, porque eu morei em poucos lugares, mas assim... Até o meu pai me dar a casa... eu acho que de lá, eu morei ali na (rua) Osvaldo Cruz, na (região da) Beira-Mar, que era uma coisa que essa minha amiga que morava comigo lá achava que era legal. E morei na (rua) Antônio Augusto, mais perto ali da (bairro) Praia de Iracema também. E em nenhum dos dois bairros, eu me senti à vontade, porque é muito turístico, né? É uma

pegada outra. Eu gosto muito de andar a pé, uma coisa que o Dionísio Torres me permite. Eu faço quase tudo a pé, né? Então, eu me lembrei do tempo que eu morava lá no Edifício Andrea, que tinha sido um tempo muito bom. Os vizinhos se conheciam, a gente tinha esse convívio de sair pra ir no bar do Paulinho. Hoje em dia, ainda tem o Paulinho lá, mas só vai gente muito idosa lá. Tem aquela convivência de bairro, sabe?

**Qual foi a distância de tempo entre morar no Edifício Andrea e começar a morar nessa casa atual?**

Eu acho que tem uns dez anos.

**Você ainda ouve falar sobre o desabamento?**

Sim. Então, como eu te disse, qualquer pessoa que vai lá, Uber, táxi, entregadores. Sempre falam “foi ali que desabou, né? A senhora conhecia alguém?”. Eu normalmente costumo diminuir o assunto, sabe? Porque eu não gosto muito assim. É uma coisa complicada.

**E em outras ocasiões, o assunto volta à tona?**

Também. Assim, com a minha mãe, que ela sempre fala, né? “Ah, porque ali eles trabalham!”. Os bombeiros, né? Ela elogia muito. Eu estou com pouco vizinho assim do tempo do Edifício Andrea. Tem uma outra vizinha, veterinária, que ela ainda fala comigo. Ela é uma pessoa que se preocupou com essa questão do que seria lá. Semana retrasada, a gente tava falando sobre a questão da construção lá, porque tava cheio de mato... essa questão da dengue, né? Aí ela foi falar com o mestre de obra lá pra capinar.

**Houve uma consulta pública sobre o que seria construído lá? Vocês foram sondados sobre o que achavam?**

Absurdamente, não. Isso eu até questioneei, sabe? Como é que decide assim sem consultar as pessoas que moram no lugar? Simplesmente, o vereador que mora também no Dionísio Torres, nessa rua, ele morava bem ali, propôs na Câmara a ser um local de memorial das pessoas do prédio e uma praça. E depois o governador veio, acho que foi Camilo (Santana) que anunciou aqui que tinha fechado, que ia ser Corpo de Bombeiros e pronto. Uma decisão mesmo de cima pra baixo. Não houve nenhuma consulta, não.

**Você consegue lembrar qual foi a última vez que o assunto do desabamento surgiu?**

Eu acho que a última vez foi com a minha mãe mesmo. Essa questão de eu mostrar pra ela aqui que todo aniversário... é 15 de novembro, né? 15 de novembro? Dia do professor? Eu não me lembro, eu lembro que era Dia do Professor. 15 de novembro... E aí eu mostrando pra ela que tinham saído várias matérias, ela que não vê, né?

**Lembra há quanto tempo aconteceu isso?**

Dessa fala com ela? Mês passado. Foi recente.

**Agora em relação ao consumo de notícias. Você tinha chegado a falar que escuta podcast de manhã, assiste jornal. Tem algum tipo de notícia que você procure com mais frequência? Algum assunto que seja mais interessante?**

Eu gosto muito de política. A gente teve um momento de eleição e pós-eleição e a gente ainda não saiu dessa, né? E o meu marido também adora política, então a gente conversa muito. Às vezes, até tem coisas que eu leio pra poder discutir com ele, sabe? Então é muito política. E se não for política, a parte de cultura gosto muito. Entra a parte também de literatura dentro da cultura. Mas tudo que é coisa de cultura eu gosto.

**Tem algum meio que você utiliza com mais frequência para acompanhar as notícias?**

É celular. Basicamente, celular para escutar os podcasts e ler as notícias. E a televisão é assim pontualmente, sabe? Hoje em dia, a televisão só ligo mesmo na hora que eu assisto o Jornal Hoje, vou almoçar. Ligo à noite quando tem uma coisa no Roda Vida que eu sei que vai ser bacana, eu boto lá. Senão, é só filme.

**E quais são suas principais fontes de notícia?**

O Povo, que eu tenho a assinatura. A Folha de São Paulo e O Globo. E hoje eu acho que até eu priorizo muito o Meio. Porque assim, a primeira coisa que eu leio é o Meio, que dá esse esse panorama geral, né?

**E além do seu marido, você costuma debater notícias com mais alguém?**

Com essa minha amiga. Mas ela tá chique total, que você não consegue nem conversar.

**Você comentou que a sua família é do Rio. Por que houve essa mudança? Veio todo mundo?**

Meu pai é cearense, então meu pai tinha o sonho de voltar a morar no Ceará. Ele morava no Rio. Militar, né? Minha mãe era do Rio também. Nós viemos pra cá, eu ia fazer o vestibular, eu tinha de 17 pra 18 anos. Acho que eu ainda fiz um ano aqui no (Colégio) Christus. E a decisão, hoje, a minha leitura sobre isso é que meu pai tinha vontade de vir, mas não convencia a minha mãe. Aí me pegou pra bode expiatório, sabe? Porque, lá no Rio, não era ambiente pra mim. Porque eu já gostava muito da parte cultura. Então, eu comecei a me envolver de sair, de fazer as coisas, de ir pra show, de não sei o que... E o meu pai era muito, muito... Ele queria que eu tivesse em casa 11 horas da noite. Aí ele conseguiu convencer a minha mãe que era melhor pra mim aqui.

## APÊNDICE G — ENTREVISTA COM O MORADOR CÉSAR

Entrevista realizada no dia 24 de abril de 2024, no bar em que o entrevistado é proprietário, no bairro Meireles.

### **Qual é a sua idade?**

Tenho 42 anos, sou de 1981.

### **Qual é a sua formação profissional?**

Eu sou formado em Publicidade e Propaganda, em Comunicação, né? E em Administração. As duas formações.

### **E depois que você se formou, como foi a sua experiência profissional?**

Pronto, sou publicitário, né? Iniciei como redator. Na verdade, como diretor de arte, assistente em agências. Aí, depois, trabalhei em veículos de comunicação aqui na TV Cidade, que é afiliada à Record. Depois de um tempo, eu saí daqui, fui morar um tempo nos Estados Unidos. Aí voltei pro Brasil pra morar em São Paulo. Aí, em São Paulo, voltei pra trabalhar na Record lá em São Paulo. Aí eu comecei a estudar Administração. De lá, fui pra parte de redação, depois pro marketing. Fiquei na parte de Comunicação até 2012.

Aí comecei a buscar outras indústrias. Queria muito trabalhar na farmacêutica, de alimentos. Mas acabou aparecendo uma oportunidade na indústria de base, né? Mineração, materiais, metalurgia. E aí, fui. Fiquei em São Paulo até 2017. Aí voltei pra cá com a expectativa de empreender, né? Montar meus negócios, tudo. Então, de lá pra cá, essa tem sido minha rotina de empreendedor. De 2018 a 2020, eu tive uma salgaderia. Fazia tanto salgados pra festa, abastecia cantina de colégio e tudo. E tinha parte de balcão na loja. E trabalhava também em paralelo com o meu pai. Meu pai era médico e aí tem uma clínica no interior, né? Eu trabalhava com ele também, na parte de clínica popular e laboratório. Em 2017, meu pai faleceu, aí eu assumi o negócio. Então, hoje, estou lá na clínica. Em 2020, eu fechei a salgaderia, porque era muito trabalhoso. Fechei em janeiro. Aí, março, coincidentemente a pandemia, né? E aí, pandemia... fiquei um tempo só com esse negócio lá. Depois que passou a pandemia, resolvi experimentar aqui a experiência de ter um bar. Estou desde 2022 até a presente data.

### **E por que um bar?**

Eu sou uma pessoa da noite. Eu toco também, tenho uma banda. Sempre gostei de conhecer bares novos, de ir pra festinha, gosto de conversar, de socializar com o pessoal. Na época, eu pensei que eu sempre tive a ideia. “Cara, se eu tivesse um bar, ia ser legal”. Não conhecia a rotina dum bar, mas eu tinha certeza que não era tão trabalhoso quanto a salgaderia, que a salgaderia é muito, muito trabalhosa, né? Muita dor de cabeça. E eu acho que tava um pouco

mais dentro daquela, digamos... seria um trabalho misturado com entretenimento, que eu gosto de estar perto. Então, vou estar aqui, acompanhando a rotina do bar. Não seria aquela coisa de trabalho. Tem as responsabilidades. Porém, é algo que eu estaria inserido de uma forma menos... sentindo como um trabalho. E é um bar que não se estende madrugada adentro. A gente abre às 17 horas. Às 16h, 15h30, o pessoal tá chegando pra limpar a casa, abrir, montar e tudo. É um bar que entre meia-noite, no máximo, 1h da manhã, tá encerrando, baixando porta. Então, pra mim, é algo que se encaixa dentro da minha expectativa.

### **A clínica fica em qual cidade do interior?**

O interior é Caridade (cerca de 98 km de Fortaleza), no sertão central. Isso é uns 90 quilômetros daqui. Eu uso muito como referência a cidade de Canindé (aproximadamente, a 118 km de Fortaleza), que é a cidade maior. Então fica 10, 15 quilômetros de distância entre Caridade e Canindé, né? E daqui, de Fortaleza, 90 quilômetros.

### **E como é a sua rotina?**

Bem, segunda-feira geralmente é o meu *day off*. Eu digo que eu não faço nada, né? É como fosse o meu domingo ou o meu sábado. E aí, no segundo período da segunda-feira, eu começo a rotina de pagamentos de fornecedores e prestadores de serviço do bar, né? E faço o alinhamento, tem a reunião na segunda metade da tarde com o pessoal da clínica. E aí, na terça-feira, geralmente eu vou lá acompanhar como estão as coisas, tratar meus funcionários e clientes/pacientes, né?

Enfim, aí volto pra cá, pra Fortaleza, pra acompanhar a produção do bar. Aí já vejo como é que o pessoal tá dando adiantamento nas coisas da cozinha, né? Por exemplo, “ah, vou fazer um molho, alguma coisa especial pra alguma carne”. Esse molho é feito um dia antes, né? Então, tem alguns preparos que são feitos antes. E aí vejo “e aí gente, tá tudo certo? Tudo que a gente tem dá pra semana toda? Ah, não? A produção ficou com déficit de tal coisa, tal produto”. Aí eu já mando isso pra comprar, pra acompanhar. E aí, tô fechando as atrações da casa. A gente tem música ao vivo quase todo dia. Então eu faço a curadoria da casa. Tô toda hora revendo o cardápio, o que é que tá saindo na casa e o que é que não tá, o que tem de novidade que a gente poderia trazer, qual o produto tá dando maior lucratividade pra casa. Faço um feedback com os clientes se a cerveja está gelada. Enfim, a rotina mesmo do bar e acompanhando o movimento, enfim, vendo a casa abrir, recepcionando o pessoal. Em tal hora, ou depois que a casa tá, digamos assim, planando ali, aí eu vou embora. Se a casa estiver muito cheia, eu fico até o fechamento, né?

E na rotina do laboratório, é um pouco mais leve, porque eu já tenho mais, digamos assim, planejado. Como é uma clínica que tem 12 anos, então, a gente já sabe como fazer a melhor gestão. Tem que tá também atento, questão de compra de insumos, manutenção de máquinas. Mas é algo um pouco mais tranquilo, embora ligado à área de saúde.

Aqui, o bar não tem nem dois anos, então tem que ter muito tempo a esse serviço, né? É como você finaliza um prato, é como você entrega pro cliente, é como o cliente percebe a forma de atendimento. E tudo isso, a gente sabe que influencia numa futura venda, né? Uma nova visita, uma recomendação da casa.

### **E, fora do trabalho, quais são os seus hobbies?**

Eu gosto de tocar, né? Eu toco ukelele, violão, guitarra. Gosto de escrever, componho. Tenho o meu trabalho, chamo Carlito, que é o meu apelido, né? César Carlito. Carlito é apelido. Então, eu toco na noite, às vezes. Eu não tenho como uma obrigação, não é um ofício. Mas é algo que eu gosto, me divirto, ganho também fazendo este negócio. Ganho no sentido não só financeiro, mas de tá ali em algum momento sendo um rosto conhecido. E se alguém “ah, gostei da banda, gostei da música”, eu falo “ah, então vai lá no meu bar, que eu toco lá também”. Serve como captador também de novos públicos, né?

Igual eu falei, gosto de escrever, né? Gosto de surfar, gosto de andar de skate, treino jiu-jítsu umas três vezes na semana. Tenho uma relação bem massa com a minha família, meus irmãos, com a minha namorada. Gosto de participar das coisas dela. Tenho um irmão que mora na Eslovênia. Então, a gente se fala em horários bem diferentes. Gosto de saber como é que tá a vida dele e tudo. Gosto de tá com o meu pessoal. Querendo ou não, o bar tal hora é um hobby, porque a equipe aqui é bem bacana, bem comprometida, competente. Então, eu consigo não ficar tão vidrado com o trabalho toda hora.

### **Você comentou que morou nos Estados Unidos. Passou quanto tempo lá? Qual foi o motivo da mudança?**

É, quando eu me formei em 2006, né? Todo mundo falava que na Publicidade... “ah, se a gente quer fazer coisa massa, ser bem sucedido e tal, tem que ir pra São Paulo. São Paulo é isso, São Paulo é aquilo”. E aí, na época, eu falava um inglês bem meia boca assim. E a impressão que eu tinha é que, em São Paulo, todo mundo falava inglês, todo mundo falava bem pra caramba. Como é que eu vou chegar em São Paulo sem falar inglês? Não vou conseguir me colocar no mercado.

Fui atrás de um intercâmbio, assim que eu terminei, eu terminei em 2006, antes de voltar pro Brasil, eu já estava aplicando para algumas empresas. Como eu trabalhava pra Record aqui, eu pedi pros meus contatos que tentassem me encaixar lá em alguma vaga, e aí deu certo. Mas eu vinha participando de alguns processos seletivos também. Aí eu acabei passando por um processo de trainee da Telefônica. Enfim, aí comecei lá.

Mas, nos Estados Unidos, voltando um pouquinho... foi porque eu ainda não tinha tido nenhuma experiência fora. Tinha vários amigos que tinham morado fora. Quando surgiu essa oportunidade, eu fui. Eu fiz um curso que se chamava *global social issues*, era só discutir situações políticas globais, e tinha marketing também. Aí na parte da tarde, eu tinha gramática para aprimorar bem o inglês. Eu fiz isso para me aprimorar. Eu fiz vários trabalhos, eu pintei

casa, panfletei, entreguei pizza, fiz várias atividades que não eram ligadas à minha área de formação. Até tentei ir atrás de umas agências, mas o meu visto não permitia.

Com o passar de um ano lá, e só fazia um ano que eu tinha me formado, eu fiquei com medo de ficar muito tempo fora do mercado. Então, falei “não, vou ficar só esse ano mesmo”, aí voltei pro Brasil. Para, aí sim, atuar na minha área.

### **Você tem alguma religião?**

Eu sou duma base de religião cristã, né? Minha mãe... Lá em casa, todo mundo foi batizado. Meus irmãos foram crismados, eu não fiz crisma. E a minha mãe falava “não tem problema. Quando tu casar, tu crisma”. Eu falei “mãe, eu não sei nem se eu vou casar”. Não de uma forma tradicional, pode ser que eu vá juntar. Eu já tive uma namorada que a gente morou junto, eu considero aquilo um casamento de alguma forma, né? Mas eu acredito em Deus, faço minhas orações, sou aberto às outras religiões também, né? Tem muito pessoal do Candomblé, pessoal amigo meu. Já fui a várias visitas, já fiz visita a culto evangélico. Os evangélicos mais, digamos assim, extremos. Outros mais alinhados com a minha forma de entender a religião. Mas eu acredito nisso, acredito em Deus, acredito no bom coração, nas boas intenções. E no que eu me apego é isso, mas eu acredito em Deus, num ser maior, uma energia maior. Mas eu acredito.

### **E o que você lembra relacionado ao desabamento?**

Eu lembro que eu tinha a salgaderia, na época. E a minha salgaderia, a gente tinha almoço de 11h30 até 2h da tarde, mais ou menos. E ficava lá, tinha uma TV e ficava a parte na hora do do jornal. E foi quando... eu não sei se foi exatamente nessa hora, foi na hora do almoço. Mas foi a hora que eu tive contato com a notícia e, pra mim, foi como se tivesse acontecido naquele momento. Acho que era por volta disso, não sei se foi de 11h, 11h30 da manhã.

E aí, ficamos naquela... porque falavam “Dionísio Torres” e eu moro ali no Dionísio Torres. Eu queria ver qual era o edifício e “Andrea”... pelo nome, eu num conseguia. Aí, eu não sei se era (rua) Tibúrcio Cavalcante ou alguma coisa assim, não lembro... Eu fiquei com esse negócio de Tibúrcio Cavalcante, mas não sei se é. Mas enfim, não era o Andrea. O meu era o Siena. Primeiro, a gente ficou preocupado, né? “Ai, meu Deus. Minha mãe, meus irmãos, alguém e tal...”. E depois, caramba...

Aí já abre aqui uns grupos de WhatsApp pra ver se alguém mora lá. “Gente, algum conhecido nosso...?”. E aí, esperando as notícias pra saber o que é que tinha acontecido, né? Aqueles escombros lá e ninguém sabia se tinha morrido, se não tinha. E aí eu lembro muito de uma captação de imagem. Não sei se era de uma rua de trás ou de uma lateral. Porque, na hora que ele desabou, veio aquele volume de fumaça.

Acho que o muro chegou a arriar. Eu lembro que tinha um senhor sentado assim numa cadeira, na frente desse muro. Eu lembro bem dessa cena, desse senhor, que estava mostrando

várias vezes. A coisa desabando, vendo aquela nuvenzona de poeira, né? E ele se levantando e correndo e tal. Acho que ele estava de costas e só, sei lá, escutou o barulho, levantou e saiu correndo.

E passei a tarde, eu lembro, acompanhando as notícias. Não lembro exatamente o número de mortes, sei que houve mortes. Houve um morto. Sei que, pelo menos, um teve. Não lembro exatamente quantos, mas lembro disso. E lembro muito falando de uma arquitetura, uma construção irregular, como se o prédio já não tivesse ou já tivesse feito de uma forma errada, ou as manutenções preventivas não tivessem sido realizadas. E lembro que alguma coisa no sentido de quando foram fazer algum trabalho na garagem, se derrubaram alguma coluna, alguma coisa não deu suporte direito. E aí, tinha essa situação, que era alguma coisa de falta de manutenção, ou quando a manutenção foi feita, já tava muito avançada a deterioração, né? E, sei lá, a forma de condução da manutenção foi errada e acho que derrubaram algum apoio, alguma coisa.

### **E sua loja também era lá no bairro?**

Não, a minha loja era lá na (bairro) Cidade dos Funcionários.

### **E você acompanhou o desdobramento depois?**

Acompanhei, lembro algumas coisas. Lembro de resgatar gente. Não sei se teve uma pessoa, um adulto, um jovem que ficou no celular. Eu acho que, sei lá, ficou lá protegido de alguma forma, mas preso, né? Sem conseguir sair. Lembro que teve alguma movimentação dos moradores pra questão de... seguro não, como é que é? Quando você sofre algum dano, algum prejuízo e você vai ter... algum tipo de ressarcimento por parte não sei se da construtora. Eu acho que é mais ou menos isso, uma coisa nesse sentido. Eu acompanhei muita coisa, mas eu acho que do que eu consegui gravar, memorizar foi isso.

### **Como é que você acompanhava os desdobramentos?**

Geralmente, jornal. Sempre eu tava olhando e tentando acompanhar algumas coisas nos jornais locais daqui, O Povo ou Diário do Nordeste. Acho que os leads das matérias, das notícias sempre circulavam ali no grupo de WhatsApp.

### **Era grupo de quem?**

Ah, família, amigos, amigo de amigo, que tinha reencaminhamento das coisas e tal, né? Mas era isso, era de uma forma geral assim. Aí falei com uns amigos que também moravam no entorno pra saber se alguém tinha alguma notícia. Acho que é isso.

### **Teve alguma notícia que se destaca na sua memória?**

Olha, o que ficou bem na minha cabeça foi esse rapaz que ficou preso lá se comunicando. Se eu não me engano, ele estava até de alguma forma assim tranquilo, dando um “legal”. Eu acho que eu lembro um pouco disso. Essa imagem da captação de algumas câmeras da rua de trás, desabando, levantando essa nuvem de fumaça. E esse senhor, que eu não sei se era um vigia, alguém que tava ali sentado de bobeira, levando ali e correndo, sem nem olhar pra trás.

### **O desabamento foi assunto no seu trabalho?**

Foi assunto no meu trabalho, foi assunto na minha casa, né? Porque eu não lembro, pode ter tido, mas eu não lembro de um outro tão recente, pelo menos, desde que eu me entendo como alguém que acompanha notícia, de um prédio desabar. Não tenho... não sei se porque foi no meio da Aldeota e aí isso fica mais... né? Mas foi como se, pra mim, fosse a primeira vez que eu estivesse lidando com uma notícia dessa, um prédio desabar. Muito louco, porque parecia... Meio-dia, onze e pouco é a hora do jornal, né? E aí ficou aquela coisa, ficou aquela comoção, porque era hora que acho que todo mundo tá no trabalho e está ali ligado nas suas atividades e pode ver alguma coisa no celular. Mas, quando você está almoçando e vendo... e o almoço é a hora que todo mundo tá... A maioria das pessoas, pelo menos, almoçam naquela hora, né? Então eu lembro da salgaderia estar cheia e o pessoal “nossa” e tal.

### **Também foi assunto na sua... você disse que cresceu no cristianismo. Mas frequenta alguma celebração religiosa?**

Olha, eu já fui muito à missa, mas hoje eu não vou. Frequento celebração dos meus sobrinhos. Tenho dois sobrinhos, né? Minha família sou eu, minha irmã, meu irmão. Eu sou mais velho. Meu irmão, o mais novo. Minha irmã, do meio. Tem minha mãe e o meu pai falecido, né? Minha mãe tá com 69 anos. Eu tenho 42. Minha irmã tem 37. Meu irmão tem 33, né? Meus sobrinhos foram batizados, então... Era uma coisa que a minha mãe fez muita questão... A gente vai, participa. Mas eu não tenho isso de todo domingo ir à missa, ou sei lá, ir a alguma procissão.

### **Eu ia perguntar se o assunto foi comentado em alguma celebração religiosa que você frequentasse.**

Eu não me lembro. Eu não tenho esse registro, não. Eu também não lembro qual foi a época que ele aconteceu. Eu lembro que foi em 2019. Mas... foi 2019? Acho que foi em 2019. Mas eu não sei qual foi o período do ano. Se foi em janeiro ou dezembro ou agosto.

### **Por que você acha que foi em 2019?**

Porque eu iniciei essa salgaderia em 2017. Eu abri no final do ano de 2017. Outubro. Então, eu tinha muita demanda devido à proximidade, sei lá, do Dia das Crianças. Então, tinha umas festinhas de colégio, não sei o que. Tinha muita demanda final de ano. Então, vendia muita coisa. Eu entendi, ao término de 2018, que pra eu aproveitar o meu horário da manhã ou começo da tarde, eu teria que incluir o almoço. Eu acho que foi isso, viu? E aí, em 2019, foi o

ano que eu fiz o almoço. Eu não tinha almoço até então. Eu lembro das pessoas entrando na salgaderia perguntando se tinha almoço. Eu falava “não, mas tem um salgado que acabou de sair”. Ah, o pessoal até comprava. “Ah, vou comprar. Tá bonito, tá gostoso, tá cheiroso. Mas vou comer na hora do meu lanche”. Aí levava. “Não, come aí” e tal. E aí, eu falei “não, cara. Eu vou ter que colocar um almoço aqui”. É por isso que eu acho que foi 2019. 2019 foi meu último ano com a salgaderia, porque, no meio do ano, eu já sabia que eu ia fechar. Porque eu tinha um negócio que me dava mais renda e menos trabalho. O outro estava me dando muito trabalho e pouca renda, então... eu tinha optado por isso. Eu fiz o final do ano, que é a maior demanda que a gente tem, de confraternização, que a gente vende muito Natal e Ano Novo. E aí, eu lembro “pronto... já vou virar o ano e já vou vender então”. Eu acho que, com o almoço, eu só funcionei um ano. Então acho que foi 2019.

**Você tem algum conhecido que tenha participado de alguma forma de resgate ou fazendo doação?**

Não que eu me recorde...

**Esse episódio teve algum impacto na sua vida ou na sua rotina?**

Na minha rotina, de certa forma, porque eu comecei a ficar preocupado com algumas coisas de manutenção do prédio. Eu comecei a me interessar sobre as manutenções do prédio. Eu moro num prédio que é antigo, certo? Isso me deu uma luzinha vermelha ali. “Peraí, gente, olha aqui... como é que tá as manutenções do prédio?”. Comecei a cobrar mais, nesse sentido. Acho que eu comecei a ficar mais atento a estruturas. Sempre que eu tô em algum lugar assim, eu frequento muito a (bairro) Praia de Iracema e (bairro) Centro. Então tem muita coisa bem antiga, tem muita coisa restaurada, mas tem muita coisa que está ali meio... Eu fico olhando, “será que isso aqui pode cair?”. Não sei se foi em decorrência disso. Mas o do meu prédio, com certeza.

**Você já mora ali há muito tempo? Mora sozinho?**

Estou ali desde 2016. Hoje eu moro com minha mãe. Só eu e minha mãe. Meu irmão foi morar fora, minha irmã casou e a minha mãe foi pra um apartamento gigante. Eu tinha voltado de São Paulo. Na verdade, eu nem tinha voltado de São Paulo ainda. Daí, ia voltar. E aí, quando eu voltei, a minha mãe falou “cara, não aluga nada, não faz nada, porque vai que tu não se adapta de novo a Fortaleza e quer voltar pra São Paulo?”. Claro, mas isso não vai acontecer, porque já voltei querendo estar aqui. Aí beleza, eu morei dez anos sozinho. Agora, eu vou curtir um pouco a casa da mãe, alguém fazendo comida e tal. E aí, a gente descobriu que meu pai tava doente. Enfim, já faleceu. Aí falei, “acho que não é hora de sair de casa agora”. Enfim, fui ficando e dentro da minha rotina foi se adaptando sempre, né? E hoje é isso. Mora eu e ela nesse apartamento desde quando eu voltei, né? Voltei em 2017 pra Fortaleza e fiquei lá.

**E quais fatores você acha que te fizeram guardar lembranças do desabamento?**

Acho que, primeiramente, o desabamento em si, porque não tinha ouvido falar em algum desabamento aqui. Às vezes, tinha alguma coisa em alguma obra, mas em obra... Eu não lembro de um apartamento, de um prédio, um edifício desabando. Eu não sei se foi isso, mas eu acompanhei quase em tempo real. Eu não sei se o horário foi esse. Mas, na minha cabeça, está assim. Então acho que é isso. Ficou muito na minha cabeça essas coisas aí. Essas cenas, esse homem correndo, eu lembro bem.

### **E você ainda ouve falar sobre o caso?**

Olha, raramente. Não é com tanta frequência, não. Às vezes, é, sei lá... algum colega falou assim “lembra do fulano? Cara, ele morava naquele prédio no Siena...”. Não, perdão. Siena é o meu. “...do Andrea”. Aí eu falava “ah, não sei quem é. Mas ele estava lá?”. “Não, ele morou lá”. O pessoal usa como referência. Mas eu lembro que esse colega já não morava lá quando aconteceu isso. Mas eu não lembro de muitos outros registros... eu não me recordo.

### **Essa foi a última vez que você ouviu falar do desabamento?**

Bem, eu não me recordo bem. Eu ouvi falar depois, mas não lembro se essa foi a última, não. Acho que a última vez que eu ouvi falar desse desabamento, na verdade, foi quando a Thais, que é a minha namorada falou “ó, tem uma pessoa aqui que tá precisando fazer uma pesquisa. Não toparia fazer?”. Aí eu falei, “ah, eu topo, porque às vezes é difícil, às vezes tem gente que não topa fazer entrevista”. Pesquisa e tal... e eu gosto de participar. Eu falei “não, eu quero, eu quero fazer”. Quando ela falou o nome do Andrea, eu associei ao desabamento, mas eu confesso pra ti que essa história tinha meio que ido pra um lugar adormecido aqui da minha cabeça assim, não é algo que eu lembrasse com uma certa frequência.

### **Com que frequência você consome notícias? Em qual momento do seu dia?**

Diariamente, diariamente. Normalmente, são portais, né? Internet e tal. Não só no celular, que está ali toda hora. Sempre tem alguma coisa do O Povo, sempre tem algum veículo local, sempre deixa ali um Globo, GloboNews, alguma coisa. Quando eu acordo, logo a primeira coisa que eu faço é já ver o que está acontecendo. A outra hora, na hora do almoço. E geralmente, quando eu estou no carro de alguém, de carona, que eu não estou dirigindo, eu estou vendo alguma coisa.

E aí, antes de dormir, dou sempre... principalmente, quando tem, ultimamente, né? Essas guerras no Oriente Médio, no Leste Europeu ali, que as notícias... Quando a gente está indo dormir, o pessoal está acordando. E quando acordo já tem, né? Ave Maria. Já tem o caos instaurado. Mas são esses os momentos. Geralmente, é quando eu acordo, quando vou dormir, no almoço, e se eu tiver meio da manhã ou da tarde de carona com alguém.

### **Qual é o meio que você mais utiliza para se informar?**

Celular é mais. Celular é quando eu me conecto primeiro com a notícia, com as manchetes, né? E aí, às vezes, eu já leio aqui alguma coisa e, às vezes, sei lá... vou no YouTube. Isso já em caso quando quero ver se alguém tá comentando sobre aquilo.

**Tem algum canal que você acesse mais no YouTube?**

Cara, não. Geralmente, eu vou assim... eu só não assisto, por exemplo, Jovem Pan. Jovem Pan, eu não assisto. Geralmente, eu vou pegando isso aqui misturado assim, sabe? Da CNN, pego coisa mesmo da própria GloboNews. Acompanho muita coisa do InfoMoney. Eu gosto de investir, então é uma outra forma de interpretar a mensagem, né? É como aquela notícia vai impactar no mercado financeiro também. Então é um canal que eu costumo usar. Mídia Ninja, eu uso bastante.

**Geralmente, qual é o tipo de notícia que você mais busca?**

Geralmente, esporte e mercado financeiro. O mercado financeiro está atrelado a questões mundiais, sociais. A empresa X pode tá vendendo o tanto que for. Se estourar uma guerra ali e o combustível ficar caro, já muda todo o cenário da coisa, né? Mas, geralmente, são as que eu mais consumo, tá? E entretenimento. Porque, como eu gosto de tocar, eu gosto de ouvir músicas de várias bandas, várias coisas que eu gosto. De bares e restaurantes, eu tô sempre vendo se tem alguma coisa que eu posso atrair pra cá. Esporte, eu gosto bastante também. Então, acompanho o meu time, que é o Ceará. Acompanho o Fortaleza, que não é meu time, mas é um time da capital e do estado. Eu quero que o Fortaleza... é importante tudo isso, de futebol. Representando nosso estado sim. Gosto do surfe. Enfim, estou acompanhando tudo.

**Você costuma debater sobre notícias?**

Sim...

**Tem alguém específico? É na internet?**

Não, eu não uso a internet pra me expressar. Às vezes, eu coloco alguma coisa, mas não no sentido de debater. Eu simplesmente posto e quem quiser falar alguma coisa, fala lá. Tem gente que eu nem abro... Mas, geralmente, o meu debate é mais numa mesa de bar ou num café ou num almoço.

Algo também sem muita, digamos assim, agressividade. Sem elevar o tom, sem isso. Que acho que num resolve num período, digamos ali, né? Bolsonaro, aquilo ali me deixou muito... Posso dizer, de certa forma, em algum momento, eu fiquei desesperançoso com algumas pessoas. E eu falei “cara, não adianta nada ficar...”, sabe? Você expressa a sua opinião, tem coisa que não é necessário debater, tem gente que dá pra você debater, tem coisas que dá pra você ouvir, que o seu pensamento também pode tá equivocado. E eu não sou uma pessoa que defende meu ponto de vista a qualquer custo. Enquanto eu tiver acreditando naquilo, entendendo que aquilo é bom, eu vou... mas, se eu achar que “ixe, eu vacilei”... pra

mim, também eu tô disposto a rever, né? Mas é, geralmente é isso. Internet que eu uso mais como meio mesmo pra divulgar minha arte, meu negócio, mais isso.

## APÊNDICE H — ENTREVISTA COM A MORADORA RITA

Entrevista realizada no dia 11 de abril de 2024, em restaurante, no bairro Dionísio Torres.

### **Qual é a sua idade?**

Eu fiz 51 anos agora dia 1º de abril.

### **Como é a sua rotina?**

Minha rotina é mais aqui, né? Por aqui próximo, no bairro. Eu sou professora, mas não estou atuando na área. E sou microempresária, né? Nessa parte de publicidade, que a gente tem uma rádio no interior. A minha rotina é muito trabalho, mais online, dando assistência ao meu filho. Eu tenho um filho único. É assim, mais por aqui mesmo, pelo Dionísio Torres.

### **Qual é a cidade do interior?**

Várzea Alegre. A 450 quilômetros daqui, no sul do Ceará, próximo ao (Região do) Cariri (formada pelas cidades Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha).

### **Vocês vão para lá com frequência?**

Agora mesmo, a gente foi na Semana Santa. Sempre que tem uma oportunidade, ou eu ou meu esposo tem que ir lá. Minha família mora lá. Não sou de lá, não sou cearense, mas me considero cearense de coração. Me apaixonei. A minha família é paraibana, mas meu pai morou em vários estados, eu quando criança, porque ele é militar do Exército. Então cada filha, somos três filhas... Então, cada filha é de um estado. Eu sou baiana, tem uma que é amazonense e a última, a mais nova, é cearense.

### **A sua família já está morando lá há quanto tempo?**

Acho que uns 20 anos ou mais, que eu me lembre. É porque nós moramos duas vezes lá. Moramos quando meu pai estava trabalhando e depois ele foi transferido pra uma cidade na Bahia. Depois, pra João Pessoa. Depois, terminou que eu conheci meu marido lá, né? Me casei, minhas duas irmãs casaram com um cearense e terminaram lá no interior. Todos os três genros do meu pai, o meu marido e o das minhas irmãs também são cearenses, em Várzea Alegre. Aí a gente terminou se fixando. A terra natal dele que é Várzea Alegre. Aí, veio pra cá por quê? Porque ele veio estudar, né? Ele concluiu o Ensino Fundamental II. Aí fez o Ensino Médio e se formou aqui e pronto. É, eu conheci lá e depois, quando casei, vim pra cá.

### **E você disse que é formada em Pedagogia, não é?**

Sou formada em Pedagogia e também em uma licenciatura em Português. Aí já atuei na área, mas agora não estou. Eu atuei com Português uns três anos e, como pedagoga, mais uns três

anos. Aí depois começou a rádio. Aí eu terminei e fiquei só na rádio. Eu administro uma rádio lá, junto com meu marido, em Várzea Alegre e terminei me apaixonando. Foi o tempo, que não deu pra conciliar as duas coisas, aí fiz ainda uma pós-graduação em Gestão Escolar, fiz a licenciatura em Português e fiz a especialização em Português.

**Então você fez a pós quando já estava na rádio, não é? Então você tinha ainda a pretensão de voltar para essa carreira?**

Já. Tinha. Mas aí não voltei. É porque a vida da gente é tão assim... muda, né? Dá a volta. Quem sabe? Eu não digo que não vou mais voltar, porque eu gosto. Eu gosto muito de comunicação, gosto muito de falar, não sei se você já percebeu. Eu acho que notícias atraem a gente, né? E me comunicar com as pessoas também, eu gosto.

**Como é a programação da rádio?**

A programação da rádio tem um lado social também. Nós temos uma associação. E ela também é voltada pra comunidade. Ela é bem povão, bem popular. É voltada também pra ajudar a comunidade da cidade. É uma cidade bem pequena. Mas ela foi a primeira FM da cidade. Hoje tem outra, mas, na época, foi a primeira. Só existia AM. Então, ela também é voltada pra ajudar a população.

A gente já fez campanhas de cestas básicas, de ajudar alguém. Várias campanhas. Por muito tempo também, a gente conseguia cadeira de rodas pras pessoas que precisavam, que era mais difícil lá. Agora, graças a Deus, cada vez mais, está ficando mais fácil. Sempre que tem uma possibilidade da gente, além da programação em si, do entretenimento, de trazer notícia, a gente também procura ajudar a comunidade. Por exemplo, tem os clubes de serviço. De segunda a sexta. Aí cada dia da semana, tem um programa voltado, vamos dizer, a pastoral da família, o lar... Tem vários grupos assim, várias entidades que participam de programação. Porque a gente faz esse lado também social.

**E qual é a programação de entretenimento?**

É música, é programas que, às vezes, a gente vai no bairro, aí faz um karaokê. Ou então, chega num anunciante, ele divulga aquilo ali e a população participa. Já fizemos eventos, né? E a gente traz notícias.

**Você tem alguma região?**

Sou católica.

**Como é a sua relação com religião?**

Cada vez mais eu procuro me aproximar da religião. E respeito todas as religiões. Eu acho que o mais importante é você estar em sintonia com Deus, né? Mas assim, eu nasci da

religião... Meus pais são católicos, então minha fé sempre foi católica. Mas, assim, eu respeito a todos. Mas a gente cada vez mais está se voltando a estar próximo à igreja. Pra estar próximo de Deus. Eu também já fiz parte de grupos de casais, da família.

### **Hoje em dia também faz parte?**

Faço.

### **Com qual periodicidade vocês frequentam a igreja?**

Eu procuro ir todos os domingos à missa, né? Tem as reuniões desse grupo que a gente participa. Uma vez ao mês, é grupo de casal. Aí, a gente reflete, né? Faz uma reflexão, lê a Bíblia. Nós temos a proposta de ajudar quem precisa, né? Ajudar instituições. É assim, é aprender mais, ficar mais próximo a Deus.

### **Quais são seus hobbies?**

Eu gosto de música, né? Gosto muito de música, de ouvir, porque cantar... nada.

### **Tocar também não?**

Não. Tentei na adolescência, mas... não. Tentei violão, mas não fui à frente. Só porque eu gosto mesmo da música. Eu acho que começou daí, do amor pela música. Eu e meu marido, a gente namorava na época quando iniciou a rádio, a gente gostava muito. Foi uma coisa que a gente pensou junto. E eu gosto de artesanato, eu faço alguns artesanatos. Faço enfeites de porta, escapulário de porta, aqueles colares de mesa, várias coisas. Eu faço terços e outras coisas, que eu vou aprendendo e vou unindo.

### **Você faz pra vender ou pra você mesma?**

Antes, eu fazia só pra mim ou pra presentear alguma amiga ou algum amigo, mas aí minhas amigas "ai, faz pra vender. Se alguém quiser...". Aí, também vendo pelo Instagram. Mas é mais porque eu gosto, me faz bem. É bom pra mim, pra minha cabeça.

### **E você já mora aqui no Dionísio Torres há quanto tempo?**

Desde 2005.

### **E antes daqui?**

Eu morei uns dois anos no Bairro de Fátima. Aí, em 2005, a gente veio pra cá.

### **Antes disso, vocês moravam lá no interior? O que que fez vocês virem pra cá?**

Era no interior. O meu marido já trabalhava aqui, né? Então, ele ia, a gente namorava um pouco a distância, mas... Quando eu estudava, morava em Várzea Alegre e estudava no Crato. Depois, quando a gente casou, eu não pude vir logo, porque eu fiquei trabalhando lá. Eu trabalhava como professora e não podia vir, porque eu estava com o meu contrato do trabalho e ele tinha aqui. Mas a gente ficou conciliando. Depois eu vim, aí fiz uma pós aqui e terminou que a gente ficou aqui. Meu filho já tem 18 anos, nasceu aqui já em Fortaleza. A gente fez amigos, né? Amigos da igreja, do trabalho dele, da vizinhança. Eu tenho um grupo de amigos que é desde quando meu filho estudava, que tinha 2 aninhos, que a gente conheceu os pais. E formou assim um grupo bem amigo, tipo uma família, que a gente se encontra sempre. E amigos que a gente já conhecia e morava aqui.

### **E o que você lembra sobre o desabamento do Edifício Andrea?**

Eu lembro que foi em outubro, né? Se eu não me engano, 2019. Se não me engano, foi. Porque foi antes da pandemia. Eu me lembro bem. Eu lembro que eu não estava em casa, eu estava chegando. Meu marido era quem estava em casa. Na hora, foi mais ou menos, um final da manhã. Depois de 10 horas. Não lembro... assim, 10h, 10h30. Mas eu sei que era depois de 10 horas. Eu ia chegando e estava estacionando o carro na garagem do prédio. E aquele barulho, né?

Aí, quando eu subi, peguei o elevador aqui, eu já vi uma senhora do meu prédio dizendo “um prédio, o prédio caiu, não sei o quê”. Só que eu achei tão distante da gente aquilo ali, né? Eu fiquei nervosa, entrei em casa e estava a moça que trabalha com a gente e disse “realmente disseram que caiu um prédio”. Aí eu descii. Meu marido já tinha ido, eu descii e fui olhar. Quando eu cheguei lá, eu me lembro que foi aquela cena assim de horror mesmo. Que a gente só vê em filme. Pelo menos, da minha realidade, estava bem distante. E assim, aquela poeira do desabamento... E as pessoas todas soterradas. Da maneira que eu vi ali, eu achei assim “pronto. Não tem mais ninguém que vá sobreviver aí”. Aí foi chegando o povo de bombeiro, reportagens. Muita coisa, né? Aí deixa eu ver mais o que eu me lembro...

Todo mundo aflito. Muita gente aflita. A gente ficou... parecia uma coisa de terror mesmo. Depois, eu acompanhei muito o resgate, chegando os bombeiros. Depois daquele horror, veio aquela esperança de ter pessoas ali ainda com vida. Saíram muitas pessoas, eu acho que umas seis ou sete com vida. Eu me lembro que teve uma moça, que ela era psicóloga. E ela, parece que tinha voltado pra pegar um livro, foi um caderno, alguma coisa assim. Não tinha muita gente no prédio, porque estavam trabalhando, estavam na escola. As crianças, a maioria estava mais no colégio.

Aí, depois, foi aquela coisa, aquela busca por mais sobreviventes e depois aquela angústia de a gente ver gente que não saiu com vida. As primeiras pessoas estavam saindo com vida. Então, aquela esperança. Todo mundo que morou ali, que morava ao redor, se envolveu de qualquer maneira, porque não tem como a pessoa ver uma coisa dessa, né? Eu lembro que um prédio na rua... eu moro na (rua) Joaquim Nabuco. Um prédio da (rua) Tibúrcio Cavalcante acolheu muita gente, familiares.

Aí veio assim uma assistência, né? De psicólogos, de mais pessoas da saúde pra dar assistência. Uma casa na minha rua abrigou muita gente que morava lá. E também me lembro, achei interessante, que além daquela tragédia, eu vi a parte de solidariedade das pessoas. Eram pessoas orando, eram pessoas trazendo mantimento, água, trazendo muita coisa até um equipamento que achasse que faltava ali dos bombeiros. As pessoas procuravam trazer até luvas. Eu me lembro que teve essa história. Até os bombeiros, além da parte do trabalho, eles se envolveram com muita, muita emoção. E também com muita vontade de resgatar as pessoas. Eu me lembro muito disso.

### **Como você acompanhou os desdobramentos?**

A minha rua, a Joaquim Nabuco, ela passou, eu acho, uns dois dias fechada. Assim que não passava carro nem pra lá nem pra cá. Justamente pra poder chegar carro de bombeiros, ambulância, alguma coisa que precisasse. Então, eu me lembro que, à noite, a gente ia e ficava aguardando pessoas serem resgatadas. Essa moça que eu falei, que eu me lembro, que eu acho que ela era nova ainda, uma psicóloga, todo mundo ficou triste que ela não... Todo mundo tinha esperança que ela saísse com vida, né? Não saiu.

Veio reportagem até pro meu prédio, aí usavam o terraço do prédio pra visualizar melhor. Eu me lembro que foram vários dias, todo mundo empenhado, ninguém dormiu direito, porque como é que você dorme em casa tendo pessoas ali, né? Que pode estar ali com vida e sofrendo, né?

### **Nesse caso da psicóloga, como você lembra que ela é psicóloga? Foi em reportagem?**

Falavam lá na hora. Eu não conhecia ninguém do prédio. Mas assim, falavam. Eu me lembro que tinham outros dois apartamentos, que moravam os pais e morava uma mulher com o filho. Tinha, assim, parentes no mesmo prédio. Teve um rapaz, parece, que estava só em casa e ele saiu com vida. Estava com o telefone. Deu certo ainda ele falar.

### **Teve alguma notícia que se destacou na sua memória?**

Sobre a questão de que tem ainda hoje o processo das pessoas que fazem a reforma, dos engenheiros, né? Isso aí eu lembro bem. E também agora que vai ser um quartel dos bombeiros. A gente sempre acompanhou as notícias que saíram depois.

### **Vocês iam de noite lá. Vocês só iam à noite por quê? Por que não na parte do dia?**

É porque era quando a gente estava em casa, né? Às vezes, durante o dia, eu não sei, mas à noite era aquele horário que mais gente ficava esperando que saísse alguém, rezando ou levar algumas... porque tinha muita gente que trazia lanche pras pessoas que estavam lá.

### **Você teve alguma participação?**

Também, tudo que a gente podia, a gente levava. As pessoas perderam também tudo, né? Tinha gente que levava lençol, essas coisas. Porque algumas pessoas tinham parentes, ficavam na casa de parentes. Mas outras ficaram por ali, vizinho. Também alguns familiares que ficavam esperando ali de prontidão que alguém fosse resgatado.

### **O desabamento foi assunto na sua casa?**

Falávamos. Meu filho era um adolescente. Ele ficou bem assustado com isso, com o que aconteceu com as pessoas. E também por a gente morar em prédio. Aí ele ficava “mãe, será que tem risco de cair?”. Aquela coisa. Ele ainda era mais novo, né?

### **Você ficou com esse medo também?**

Assim, eu não fiquei tanto, porque eu achei que foi uma fatalidade ali... Falaram que o prédio já estava com alguns problemas. Parece que não foi feita da forma ideal essa reforma. É o que a gente escutou, né?

### **E no seu trabalho, o desabamento também foi um assunto discutido?**

Foi, a gente divulgou também, que já tinha a rádio. A gente passou a notícia. Também estava em todos os jornais, TV, tudo, né? Mas a gente passou a notícia pra lá.

### **Nessa época, você também já ia pra igreja? Comentaram sobre isso?**

Em todos os locais que eu andava. Impactou, né? Foi um acontecimento que impactou. Na vizinhança. Onde a gente, às vezes, vai a um salão, vai em uma lanchonete, o assunto surge.

### **E esse episódio teve algum impacto na sua vida pessoal ou na sua rotina?**

Sim. Foram dias angustiantes. Porque, é como eu lhe digo, até à noite pra gente dormir era difícil. Por que a gente descia, às vezes, à noite? Dava 1h da manhã, a gente descia e ficava lá perto, porque a gente não conseguia dormir sabendo que tinham pessoas ali soterradas. Pessoas que tinham passado por essa tragédia. Pensando nos familiares. Eu sou uma pessoa muito emotiva, aí eu me envolvo mesmo. Eu me envolvo. E eu acho que, até pessoas que moravam distantes, vinham saber. Vieram grupos prestar solidariedade, vinham voluntários também, da área de saúde.

### **E quais fatores que fizeram você guardar lembranças do desabamento?**

Por morar próximo, um deles. Porque, quando a gente olha, é muito vizinho ao meu prédio. Quando a gente olha, a gente lembra. A casa que eles ficaram abrigados, quando eu saio na varanda, dá pra ver. Eu lembro. E quando eu passo, se eu dobrar na rua, eu já lembro.

**Você ainda ouve falar do desabamento? Em quais situações e com que frequência?**

Escuto ainda falar. Agora mais distante, né? Mas assim... sempre pessoas do nosso prédio, às vezes, lembram.

**Você lembra qual foi a última vez que você ouviu falar?**

Última vez, já foi falando ali do que será ali no local, que está em construção.

**E com que frequência e em qual momento da sua rotina você geralmente consome notícias?**

Geralmente, a gente gosta de almoçar ouvindo alguma notícia e também algumas coisas que a gente lembra de notícias pra falar com a pessoa lá da programação que organiza isso pra dar uma dica, pra ver o que é que vai passar, essas coisas. E eu gosto de saber notícia, né? Às vezes, eu estou olhando o celular, geralmente esse horário, depois do almoço ou à noite. Eu gosto muito de ler também.

**No celular, seria nas redes sociais ou você acessa os sites?**

Às vezes, eu vejo alguma coisa nas redes sociais. Aí eu procuro o próprio site pra saber se a notícia é verdadeira, né? Porque tem essa também. Eu gosto de procurar a fonte verdadeira.

**Como vocês decidem as notícias da rádio? É você quem decide?**

Não, tem um um diretor de programação dessa área, mas a gente acompanha, né? Tem notícias nacionais, estaduais, da região lá, que lá é uma região mais próxima ao (Região do) Cariri, né? E também notícias locais.

**Você sempre teve o hábito de acompanhar notícias?**

Eu sempre tive, mas acho que, depois de quando eu fui fazer o vestibular, eu comecei a gostar de ler essa parte, porque antes eu gostava de outros tipos de leitura, mais leve. Mas, depois, quando eu comecei a estudar, me preparar pro vestibular, e pra, às vezes, pra concurso, eu comecei a ler. E depois da rádio, muito mais.

**Na hora do almoço, que vocês gostam de ouvir notícia, é da televisão ou é do rádio?**

Nessa hora, televisão. A gente está na mesa, liga a TV e fica ali. Aí, nem tudo a gente presta atenção, né? Mas, se for uma coisa que chame a atenção, aí a gente liga mais. Se liga, depois procura saber.

**Qual é geralmente o tipo de notícia que você mais se interessa?**

Meu marido gosta muito de esporte. Às vezes, eu escuto porque ele está escutando. Mas ele que é mais ligado ao esporte. Eu já sou mais do cotidiano. Política também, que a gente tem que saber, né? De qualquer forma, saúde, um pouco de beleza também é bom.

**Qual é o meio que você mais utiliza para se informar?**

Rádio, celular e TV. Impresso não tanto, mas já procurei muito. Na época do desabamento, a gente queria coisa mais rápida, era a televisão ou o celular.

**Você tem alguma fonte de notícia que é mais recorrente? Algum site, canal de TV ou um programa de rádio que você goste mais?**

Eu gosto do site, né? Eu gosto do site do O Povo, do Diário do Nordeste.

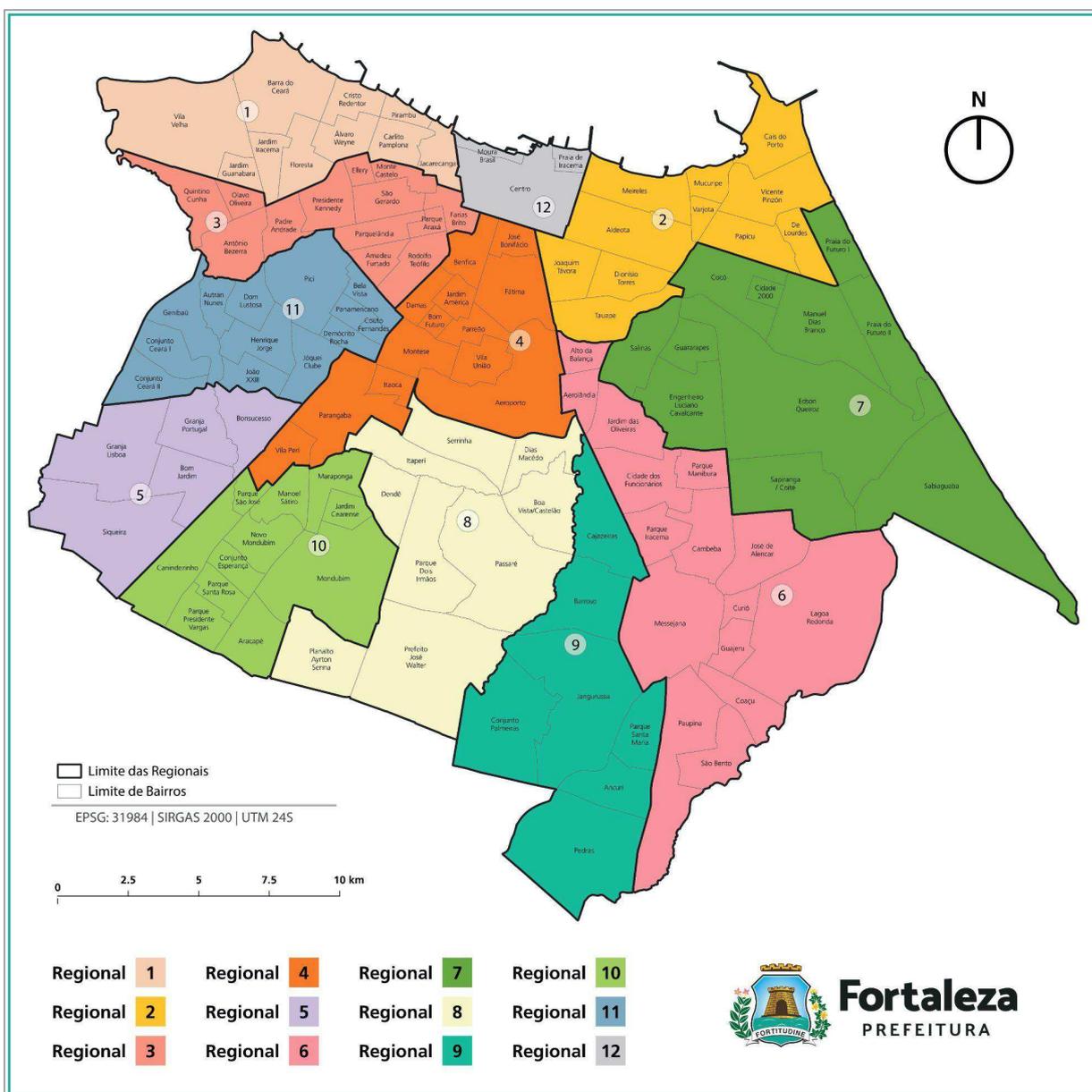
**E você costuma debater sobre as notícias que você vê?**

Geralmente, a gente conversa em casa, mas esporadicamente. Por exemplo, eu tenho um filho jovem, né? Tem 18 anos, adolescente pra adulto. Às vezes, a gente vê uma coisa que acha que tem que passar pra ele, né? Até pra evitar e, vamos dizer assim, proteger, né? Proteger no caso de golpes que dão, de celular. Aí a gente passa alguma coisa. Ele também gosta muito de ler. Ele faz Direito e gosta muito de ler.

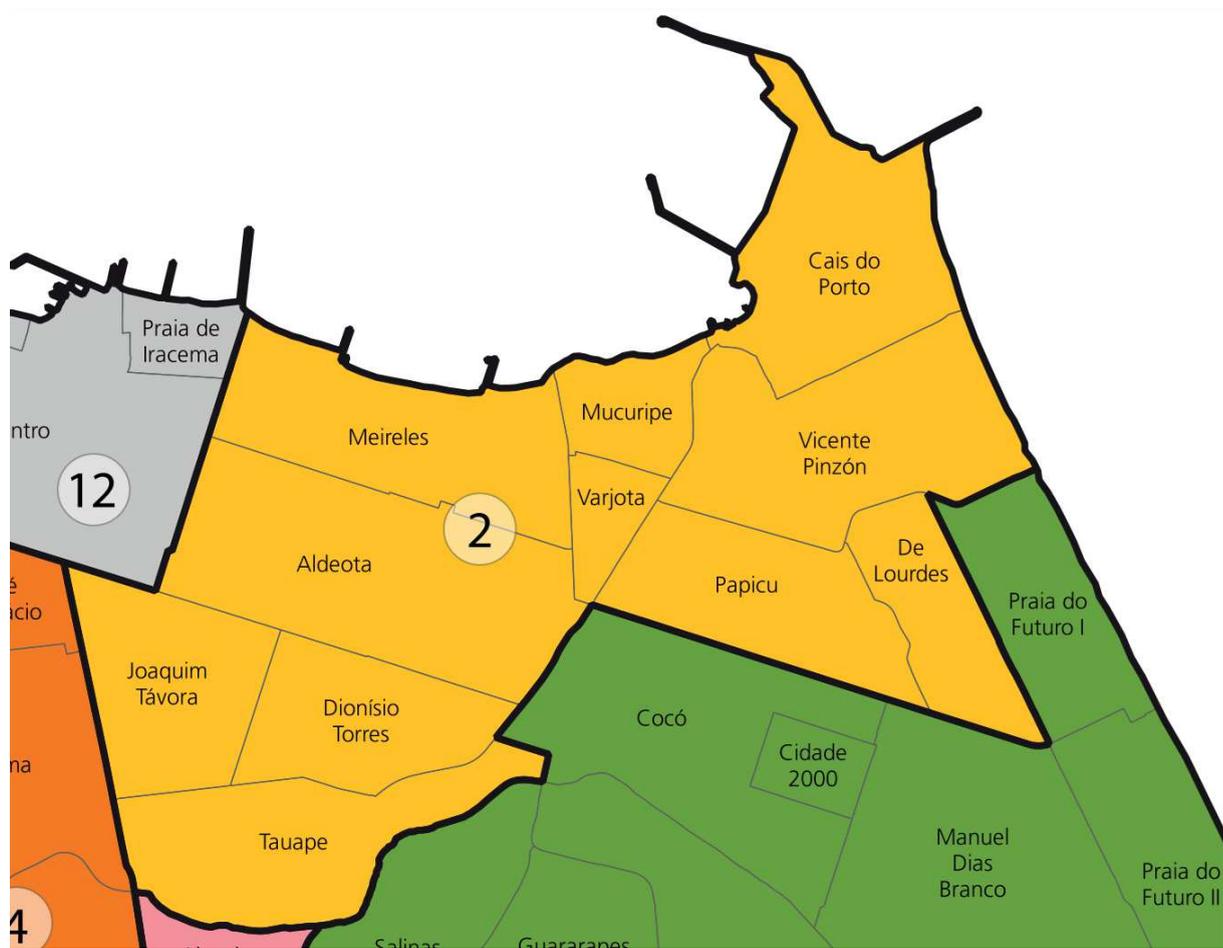
**Aí você me falou que gosta muito de ler, né? Tem algum tipo de livro preferido?**

Eu gosto de livros e gosto de comprar livros. Gosto de livros antigos, gosto de livros atuais, gosto de livros voltados pra Educação também. E a gente procura se informar sempre.

## ANEXO A — MAPA DE FORTALEZA DIVIDIDO POR REGIONAIS



Fonte: Fortaleza (2024)

**ANEXO B — FOCO NA REGIONAL 2 NO MAPA DE FORTALEZA**

Fonte: Fortaleza (2024)